



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
PERNAMBUCO

Campus Recife

Departamento Acadêmico de Cursos Superiores

Curso de Licenciatura em Geografia

LUCAS DE SOUZA SILVA

**USOS E APROPRIAÇÕES DE PRAÇAS PÚBLICAS: uma abordagem a partir da
Praça da Convenção, Recife/PE**

Recife

2022

LUCAS DE SOUZA SILVA

**USOS E APROPRIAÇÕES DE PRAÇAS PÚBLICAS: uma abordagem a partir da
Praça da Convenção, Recife/PE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – *Campus* Recife, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Wedmo Texeira Rosa

Recife

2022

Ficha elaborada pela bibliotecária Maria do Perpétuo Socorro
Cavalcante Fernandes CRB4/1666

S586u
2022

Silva, Lucas de Souza

Uso e apropriações de praças públicas: uma abordagem a partir da Praça da
Convenção, Recife/PE. / Lucas de Souza Silva. --- Recife: O autor, 2022.
113f. il. Color.

TCC (Curso de Licenciatura em Geografia) – Instituto Federal de Pernambuco,
Departamento Acadêmico de Cursos Superiores - DACS, 2022.

Inclui Referências.

Orientador: Professor Dr. Wedmo Teixeira Rosa

1. Geografia urbana. 2. Espaço público. 3. Território. 4. Praça da convenção. I. Rosa,
Wedmo Teixeira, (orientador). II. Instituto Federal de Pernambuco. IV. Título.

CDD 307.76 (21ed.)

LUCAS DE SOUZA SILVA

**USOS E APROPRIAÇÕES DE PRAÇAS PÚBLICAS: uma abordagem a partir da
Praça da Convenção, Recife – PE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – *Campus* Recife, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e **APROVADO** em 10 de fevereiro de 2022 pela Banca Examinadora:

Wedmo Teixeira Rosa (IFPE/CGEO)
Orientador
Doutor em Geografia – UFPE

Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega (UNIVASF/CG)
Examinador Externo
Doutor em Geografia – USP

Adauto Gomes Barbosa (IFPE/CGEO)
Examinador Interno
Doutor em Geografia – UFPE

Recife – PE
2022

Dedicatória

Dedico esse trabalho a minha falecida vó, antiga usuária da Praça da Convenção, que acompanhou essa minha jornada de perto, e a meu pai, que sempre investiu em minha educação e me ajudou a chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por ter me dado força e sabedoria, elementos cruciais à vida acadêmica. Segundamente, agradeço a minha família, que me deu todo suporte possível, emocional, educativo e financeiro, que me permitiu chegar até aqui. Em especial, ao meu irmão Bruno, a minha irmã, a meu pai, a minha mãe, as minhas tias e a minha vó. Sem eles, nada disso seria possível. Terceiramente, agradeço ao meu psicólogo, que me ajudou a lidar com minha saúde mental. Suas dicas foram mais do que úteis e me permitiu gerir meu tempo. A quarta menção honrosa é ao IFPE *campus* Recife e a toda a sua equipe de profissionais do curso de Licenciatura em Geografia. Nesse curso, a pesquisa é trabalhada do primeiro até o último período, seja fornecendo conhecimentos teóricos sobre as áreas de atuação ou procedimentos metodológicos. Porém, é na fase de redação científica do pré-projeto, projeto e TCC, que todo esse conhecimento obtido é colocado em prática e testado. Sou grato a tudo isso. Toda essa experiência se completa com a iniciação científica. Por falar nela, cabe deixar o agradecimento ao grupo de pesquisa Cidades Litorâneas do Turismo, que me forneceu o primeiro contato com a redação científica e os procedimentos de pesquisa. Também dedico meu agradecimento aos sujeitos e grupos sociais que participaram da pesquisa. Por meio deles, foi possível obter os dados da pesquisa e entender a dinâmica de uso e apropriação da Praça da Convenção, Recife/PE. No mais, resta dedicar meu agradecimento ao professor orientador, que, com sua paciência e experiência, me ajudou em todas as etapas da pesquisa, desde a delimitação do objeto de estudo até as indicações de leituras e caminhos metodológicos, que fizeram esta pesquisa ser possível.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar os diversos usos e apropriações da Praça da Convenção enquanto espaço público no contexto do bairro de Beberibe, Recife/PE. Para isso, foi preciso identificar e caracterizar seus usuários; descrever e compreender suas práticas; e analisar as implicações da pandemia da Covid-19 nesses usos e apropriações. Trata-se de uma pesquisa qualitativa (estudo de caso), tendo como procedimentos metodológicos a aplicação de formulários de perguntas e entrevistas semiestruturadas com usuários da praça, além de pesquisas documentais. Na análise de dados, optou-se pela triangulação de dados e análise do conteúdo. O trabalho foi dividido em dois capítulos: o primeiro sobre a Praça da Convenção e o segundo sobre os usos e apropriações. De forma transversal, foi discutido a ideia de espaço público e território. Como resultado, foi observado uma praça mal-cuidada, frequentada por poucos usuários, vindos de bairros de Recife e Olinda, e que se distinguem em grupos sociais, dada as suas relações de usos e apropriações.

Palavras-chave: Espaço público. Território. Praça da Convenção. Bairro de Beberibe. Periferia da cidade do Recife. Descuido. Grupos sociais marginalizados e variados.

ABSTRACT

The objective of this research is to analyze the different uses and appropriations of Praça da Convención as a public space in the context of the neighborhood of Beberibe, Recife/PE. For this, it was necessary to identify and characterize its users; describe and understand their practices; and analyze the implications of the Covid-19 pandemic on these uses and appropriations. This is a qualitative research (case study), having as methodological procedures the application of question forms and semi-structured interviews with users of the square, in addition to documentary research. In data analysis, we opted for data triangulation and content analysis. The work was divided into two chapters: the first on Convention Square and the second on uses and appropriations. In a transversal way, the idea of public space and territory was discussed. As a result, it was observed a poorly maintained square, frequented by few users, coming from neighborhoods of Recife and Olinda, and who are distinguished in social groups, given their relations of uses and appropriations..

Keywords: Public space. Territory. Convention Square. Beberibe neighborhood. Periphery of the city of Recife. Carelessness. Marginalized and varied social groups.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Monumentos na Praça da Convenção	49
Figura 2 – Área verde na Praça da Convenção	50
Figura 3 – Espaço de Jogos.....	51
Figura 4 – Catadores selecionando os recicláveis nos sacos de lixo descartados pelo comércio.....	52

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Atendimento das necessidades em serviços e infraestrutura na Praça da Convenção, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2021.....	54
Gráfico 2 – Melhorias na infraestrutura e serviços da Praça da Convenção, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2021	55
Gráfico 3 – Avaliação da estrutura física da Praça da Convenção, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2021	58
Gráfico 4 – Manutenção da Praça da Convenção, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2021	59
Gráfico 5 – Possíveis implementações que poderiam ter na Praça da Convenção, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2021.....	60
Gráfico 6 – Moradores dos bairros de Recife e Olinda que frequentam a Praça da Convenção, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2021.....	68
Gráfico 7 – Características socioeconômicas dos usuários da Praça da Convenção, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2021.....	69
Gráfico 8 – Ocupação dos frequentadores da Praça da Convenção, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2021	70
Gráfico 9 – Motivos que levam os frequentadores a visitar a Praça da Convenção, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2021.....	80

Gráfico 10 – Relação dias da semana e horários do dia dos usuários da Praça da Convenção, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2021	81
Gráfico 11 – Tempo de uso da Praça da Convenção, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2021	82
Gráfico 12 – Frequência dos usuários da Praça da Convenção, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2020-2021	94
Gráfico 13 – Circulação de pessoas na Praça da Convenção, segundo a percepção de seus usuários, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2020-2021	95
Gráfico 14 – Atividades físicas na Praça da Convenção, segundo a percepção de seus usuários, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2020-2021.....	96
Gráfico 15 – Manifestações artísticas na Praça da Convenção, segundo a percepção de seus usuários, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2020-2021	97
Gráfico 16 – Presença de ambulantes na Praça da Convenção, segundo a percepção de seus usuários, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2020-2021	98
Gráfico 17 – Presença de moradores de rua na Praça da Convenção, segundo a percepção de seus usuários, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2020-2021	99
Gráfico 18 – Presença de catadores de lixo na Praça da Convenção, segundo a percepção de seus usuários, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2020-2021	100
Gráfico 19 – Possíveis mudanças da dinâmica de uso e apropriação da Praça da Convenção, segundo a percepção de seus usuários, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2021	101

LISTA DE CROQUIS

Croqui 1 – Bacia Hidrográfica do Beberibe na RMR, Pernambuco	41
Croqui 2 – Formato da Praça da Convenção, Beberibe, Recife, Pernambuco	43
Croqui 3 – Estabelecimentos que contornam a Praça da Convenção, Beberibe, Recife, Pernambuco, 2021	46
Croqui 4 – Locais de estacionamento nos arredores da Praça da Convenção, Beberibe, Recife, Pernambuco, 2022.....	66
Croqui 5 – Dinâmica territorial da Praça da Convenção pela manhã, tarde e noite, Beberibe, Recife, Pernambuco, 2021	77

Croqui 6 – Procissão da Festa da Nossa Senhora da Conceição de Beberibe, Recife, Pernambuco, 2021	87
---	----

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Localização do bairro de Beberibe, Recife (2010).....	15
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS

CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe

CONDEPE/FIDEM – Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco

CTTU – Autarquia de Trânsito e Transporte Urbano do Recife

FUNDAJ – Fundação Joaquim Nabuco

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	18
3 METODOLOGIA.....	31
4 PRAÇA DA CONVENÇÃO NO CONTEXTO DO MUNICÍPIO RECIFE.....	38
4.1 História e centralidade.....	38
4.2 Relação com o comércio.....	44
4.3 Infraestrutura e serviços.....	48
4.4 Atendimento das necessidades, melhorias e implementações.....	53
5 USOS E APROPRIAÇÕES DA PRAÇA DA CONVENÇÃO.....	68
5.1 Caracterização dos sujeitos e grupos sociais.....	68
5.2 Identificação dos sujeitos e grupos sociais.....	72
5.2.1 Batalha da Convenção.....	82
5.2.2 Festa da Nossa Senhora da Conceição de Beberibe.....	85
5.3 Tensões e conflitos entre os sujeitos e grupos sociais.....	89
5.4 Pandemia e sua relação com o espaço público.....	91
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERENCIAS.....	106

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, os espaços públicos têm sido palco de diversos usos e apropriações. Estes espaços são produzidos e planejados para atender dada função social (LEFEBVRE, 2000).

Além disso, um mesmo espaço pode ter sido construído ou transformado pensando em atender dada demanda social de sua época, porém com o passar dos anos seus usos e apropriações podem ter sido modificados por fatores sociais, econômicos, políticos e culturais (NARCISO, 2009).

Enfim, o espaço está em constante transformação, assim como a sociedade. Falar sobre espaço público e seus usos e apropriações também envolve falar sobre território, pois, afinal, é na base concreta que se materializa os interesses dos distintos grupos sociais na forma de poder (HAESBAERT, 1997).

Existem vários exemplos de espaços públicos como praças, parques, ruas e praias. A investigação a seguir será feita a partir do prisma das praças públicas, pondo em vista a análise de seu uso e apropriação, sem esquecer de contextualizar seu momento histórico atual e considerar os pretéritos. O recorte espacial realizado nesse estudo é a Praça da Convenção, localizada no bairro de Beberibe, no município de Recife, Pernambuco.

A Praça da Convenção é uma clara homenagem ao movimento separatista, chamado Convenção de Beberibe, que fez Pernambuco a primeira província a ser emancipada de Portugal. Embora tenha um monumento homenageando esse momento histórico, nem todos os moradores do bairro de Beberibe e moradores dos bairros de seu entorno conhece a sua história (GESTÃO AMBIENTAL DO RECIFE, S/N).

Desde sua criação, em 1972, a Praça da Convenção passou por diversas reformas. Hoje, a Praça da Convenção apresenta um espaço para jogos de mesa, bancos, árvores remanescentes das antigas matas de Beberibe, monumento da Convenção de Beberibe (produzido pelo escultor Aberlado da Hora) e um monumento homenageando a Nossa Senhora da Conceição que foi instalado recentemente, muito

provavelmente pela Paróquia Nossa Senhora da Conceição (GESTÃO AMBIENTAL DO RECIFE, S/N). Além disso, há pontos de bicicletário espalhados na praça.

A Praça da Convenção ainda é frequentada por diversos grupos sociais: aposentados, moradores de rua, taxistas, mototaxistas, religiosos, vendedoras de bilhetes premiados, rappers e vendedores ambulantes.

Além de ser um ponto de encontro e um espaço que permite a circulação de pessoas que fazem suas compras no Centro Comercial de Beberibe, a Praça da Convenção conta com várias formas de uso e apropriação de seu espaço. Desse modo, buscou-se responder: Quais são os usos da Praça da Convenção? Quais atividades são desenvolvidas nela?

Muito embora a Praça da Convenção se situe no bairro de Beberibe, sua localização faz limite com outros bairros do entorno, como São Benedito, Dois Unidos, Linha do Tiro, Porto da Madeira e Água Fria (mapa 1).

Mapa 1 – Localização do bairro de Beberibe, Recife, Pernambuco (2010)



Fonte: Prefeitura do Recife.

Desse modo, restam algumas perguntas. Será que a população desses bairros usufrui também desta praça? Se sim, por que a Praça da Convenção em vez de outro espaço público? Além disso, quais atividades eles costumam realizar nesse ambiente?

Pondo em vista todos esses aspectos, o problema principal que envolve esta pesquisa, como um todo, é: como os sujeitos e os grupos sociais usam e se apropriam da Praça da Convenção de Beberibe? Ao longo do texto, será explorada essa questão com mais detalhes, pondo em consideração dois elementos-chave, que estruturam essa análise: o espaço público e o território.

Tendo noção disso, este trabalho tem como objetivo geral analisar os diversos usos e apropriações da Praça da Convenção enquanto espaço público no contexto do bairro de Beberibe, Recife – PE. Para cumprir esse objetivo, requer-se:

- Identificar e caracterizar os usuários da Praça da Convenção;
- Descrever e compreender as práticas de diferentes sujeitos e grupos sociais que usam e se apropriam da Praça da Convenção enquanto espaço público;
- Analisar as implicações da pandemia da Covid-19 nos usos e apropriações da Praça da Convenção pelos diferentes sujeitos e grupos sociais.

Buscou-se compreender por meio desse tema as relações espaciais na Praça da Convenção. Mas, para isso, primeiramente, foi necessário selecionar qual categoria geográfica se enquadraria mais ao objeto de estudo, o que culminou na escolha do território e do espaço público. A questão do território e do espaço público surgiu quando se passou a observar diferentes usos e apropriações da Praça da Convenção por diversos sujeitos e grupos sociais.

Buscou-se explorar a Praça da Convenção como recorte espacial tendo em vista o avanço da temática espaço público e o seu desdobramento em diversos trabalhos acadêmicos como monografias, dissertações, teses, artigos e livros. Vale constar que a Praça da Convenção se localiza no bairro de Beberibe. Este bairro do Recife tem como principal característica seu centro comercial bastante movimentado. Essa condição somada ao fato de a Praça da Convenção ser um espaço público aberto, permite que vários sujeitos e grupos sociais com distintos perfis socioeconômicos e atividades usem e se apropriem de sua infraestrutura. O que resta a entender se sua função social de lazer e política realmente é realizada e, se for, como e quando acontece.

Voltando a primeira questão anunciada, é possível dizer que outro fator que contribuiu para a escolha do território como categoria de análise foi o avanço das

pesquisas direcionadas às relações de poder materializadas no espaço nos últimos anos. Vale lembrar que essas pesquisas não só foram realizadas pela ciência geográfica, como também foram exploradas por outras ciências sociais (FIGUEIREDO, 2009). Mesmo assim, é importante destacar que a Geografia já vinha sendo contemplada com a análise territorial desde Ratzel na Alemanha do final do século XIX (LIMA, SILVA e FORNO, 2014).

Porém, com o passar dos anos, foi ganhando outras conotações, além daquela visão clássica de território vinculado ao Estado-Nação (LIMA, SILVA e FORNO, 2014). É o caso do território dado por Souza (2000), que, além de ser cíclico e móvel, se caracteriza por contar diferentes escalas, das menores às maiores, e do território dado por Haesbaert (2014), que faz uma análise bem mais densa em relação ao autor anterior, ao propor a ideia de território múltiplo.

De modo geral, o território, como categoria geográfica, vem apresentando avanços e amplitude temáticas, possibilitando, assim a aplicação desse conceito neste estudo.

Quanto a escolha da Praça da Convenção, pode-se dizer que, por se tratar de um espaço público e de um espaço comum, permite a livre circulação e acesso de pessoas independente da sua classe social. Ou seja, possibilita o encontro dos diferentes, estabelecendo, assim, a sua função política (GOMES, 2018).

No entanto, essa função política do espaço público vem se enfraquecendo há algumas décadas e nos últimos anos se acentuando, sendo substituída pela sobreposição de territórios (SERPA, 2013). Desse modo, o espaço público se torna um ambiente perfeito para analisar essas tensões e conflitos espaciais.

Além disso, a proximidade do campo de estudo em relação a minha residência permitiu que houvesse um acompanhamento das dinâmicas espaciais de maneira mais recorrente, algo esperado para um estudo sobre território, pondo em vista sua natureza móvel e cíclica, em que os horários e os dias das semanas pesam no entendimento do fenômeno (SOUZA, 2000).

Fora isso, a praça, por ser uma estrutura bem característica do meio urbano, revela sua complexidade. Essa complexidade reflete nas maneiras como as praças,

em geral, têm sido usadas e apropriadas. Em cidades médias e grandes, as praças passaram a ser reduzidas a meros locais de passagem e referência. Além disso, por conta do crescimento desordenado das cidades, as praças passaram a assumir funções fora do usual (LIMA, 2008).

Em suma, isso mostra como a apropriação do espaço ultrapassa aquilo que foi idealizado como ambiente urbano construído (LEFEBVRE, 2000). Ainda assim, tem sido abandonado tanto pelo poder público, como por parte da população (LIMA, 2008). Claro que isso é uma visão geral. O que levou a perguntar se realmente essa realidade tem sido recorrente ou mesmo observada no contexto da Praça da Convenção. Sendo assim, mais um motivo que levou a pesquisar e investigar sobre ela.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Certos conceitos são necessários para compreender a abordagem a seguir, como: espaço público e território. Para tanto, vale iniciar destacando a diferença entre espaço público e privado.

Na teoria, o espaço público é algo que deve ser de todos. Isso quer dizer que não só é permitido que qualquer um, independente de classe social, possa entrar nele, como também não encontre nenhuma barreira para seu acesso. Além disso, permite que os sujeitos exerçam atividades variadas que bem pretender (HERTZBERGER, 1999).

Pode-se falar, nesse sentido, em ruas, praias, praças e parques. No Recife, as ruas são marcadas pelos blocos e marchinhas em tempos de carnaval, porém também ocorrem nelas protestos, principalmente no Derby. Nas praias recifenses ocorrem o turismo de sol e mar, um exemplo disso é a Boa Viagem. Os parques recifenses são espaços de atividades físicas, recreação infantil e encontros familiares e entre amigos, um exemplo disso é o Parque da Jaqueira. Já as praças recifenses são marcadas pelos encontros e atividades de lazer, um claro exemplo é a Praça da Várzea.

O privado, por sua vez, é o espaço de poucos. Em síntese, quanto maior a renda, maior é a acessibilidade de espaços privados e a seus produtos e serviços. Diferente do público, seu acesso pode ser restrito e seu uso pode ser limitado

(HERTZBERGER, 1999). Essa concepção, entretanto, é criticada por Paulo Cesar da Costa Gomes e a razão para isso será explicada nos parágrafos seguintes.

De acordo com Gomes (2018), o termo espaço público vinha aparecendo no debate acadêmico no campo da geografia de forma genérica, apenas como áreas urbanas abertas. Porém, tem evoluído desde 2000, tendo reflexo na literatura geográfica.

O autor alerta sobre o emprego da expressão espaço público por outros campos de conhecimento, como a filosofia política. Segundo essa concepção de ciência, o espaço público reserva uma função política. Porém, para desempenhar essa função, é necessário que haja um espaço concreto (GOMES, 2018).

Por outro lado, campos como arquitetura e urbanismo compartilham com a geografia a concepção de espaço público como livre e aberto, geralmente, associados a formas como ruas, praças e parques. Porém, apenas ganha sentido no momento em que é vivido (GOMES, 2018).

Essas formas espaciais citadas anteriormente podem pertencer a um ambiente privado. As ruas, por exemplo, podem ser posse de um condomínio fechado. A mesma lógica pode ser aplicada com as praças (GOMES, 2018).

Além disso, certos espaços públicos apresentam acessos restritos. O autor ainda distingue o conceito de espaço público e lugar público. O espaço público é direcionado às instituições políticas, tal como assembleia, câmara e comício. Por outro lado, o lugar público contempla a vida pública e seus espaços cotidianos. Dando margem, assim, para o exercício político, do encontro entre os diferentes (GOMES, 2018).

Gomes (2018) acrescenta que não se pode confundir o público do comum. Por mais que a ideia de livre acesso e espaço de todos sejam associadas aos espaços públicos, elas pertencem a noção de espaço comum. Ao discutir sobre privatização, o autor distingue sociedade e comunidade. Para ele, sociedade prevê todos os indivíduos, incluindo aqueles que possuem interesses parecidos ou não. Enquanto isso, comunidade é composta apenas por indivíduos com comuns interesses.

Além disso, observa-se na comunidade científica, principalmente a de língua inglesa, a insistência na ideia que o espaço público está chegando a seu fim. O argumento utilizado pelos pensadores que seguem essa visão é que o espaço público

é imperfeito. Para isso, buscam apontar o quão desigual, injusto e censurável ele é. Mas o espaço público não foi criado para ser ideal (GOMES, 2018).

Para que possa haver a convivência de pessoas com diferentes intencionalidades, requer a existência de regulações e limites. Essas imposições também se refletem no espaço físico, onde esses encontros ocorrem. E isso reflete na paisagem. No caso das ruas, por exemplo, essa regulação do comportamento está materializada nas calçadas, meio-fio, semáforos e faixa de pedestre (GOMES, 2018). Já, na Praça da Convenção, essa regulação se dá pelas cercas e canteiros, que, por indicam, respectivamente, uma restrição de acesso ao público às áreas verdes e uma separação entre o espaço de circulação de veículos e de pedestres.

O espaço público é o espaço da copresença, isto é, permite que pessoas com diferentes opiniões, vontades, valores e atitudes convivam em um mesmo ambiente. Claro que isso não impede a possibilidade de ocorrer conflitos. Mas, por outro lado, permite que esses diferentes se entendam, isto é, se reconheçam pelas suas diferenças e se respeitem (GOMES 2018).

O espaço público apresenta também um poder comunicacional. Essa comunicação é ativada quando há o compartilhamento de um mesmo espaço. De forma objetiva, pode ser vista por elementos como a forma de se expressar (o que inclui gestos e gírias) até a maneira de se vestir em público (GOMES 2018). Esse exemplo pode ser visto no Marco Zero, no bairro do Recife, onde existem grupos sociais variados, como rappers, skatistas, patinadores e dançarinos(as) de kpop e passinho. Cada um deles são percebíveis dada ao seu modo de falar e jeito de se vestir, como também seu comportamento em relação ao espaço.

É possível observar essa lógica pública-privada sob o prisma territorial. Haesbaert (2014), nesse sentido, diz que o espaço vivido sempre transmite a ideia de território múltiplo. Por outro lado, o espaço da lógica capitalista hegemônica dá ideia de território unifuncional. Na teoria, a dominação do espaço deveria dar lugar a sua apropriação, no entanto, na prática, a acumulação capitalista sufoca a apropriação do espaço, atribuindo-lhe a função de mercadoria.

Além disso, Haesbaert (2014) utiliza da contribuição lefebvriana ao tratar de duas lógicas territoriais: a da dominação e a da apropriação. A primeira dando-se de forma mais vertical, através de agentes econômicos e o Estado, e a segunda de forma

mais horizontal, por meio dos agentes sociais. Em certos contextos, essas territorializações permitem uma maior compreensão das práticas sociais exercidas em espaços públicos. Na Praça da Convenção, por exemplo, a apropriação é evidente pelos grupos sociais e sujeitos que realizam suas práticas sociais nesse espaço. Por outro lado, o comércio que a circula é regido pela lógica da dominação.

Embora não seja o foco aqui o espaço privado, é importante entender como ele opera. Caldeira (2000) traz à tona a noção de Cidade de Muros. Esse termo é uma clara inspiração ao romance chamado Estorvo produzido por Chico Buarque em 1991. Segundo ela, Chico Buarque consegue captar o novo estilo das cidades brasileiras de se fechar em muros, vigiados por seguranças. Esse é o caso dos condomínios fechados. “Os condomínios fechados não são um fenômeno isolado, mas a versão residencial de uma nova forma de segregação nas cidades contemporâneas” (CALDEIRA, 2000, p. 258).

Por outro lado, observa-se a função política do espaço público. Como forma de aprofundar esse tema, vale falar da filosofia política sob a lente de Hannah Arendt.

Ao discutir sobre os espaços públicos e sua potencialidade política, Arendt (2007) realiza uma comparação entre a Grécia Antiga e a população europeia moderna. Para isso, cita três conceitos que julga fundamentais para essa análise: trabalho, labor e ação. Porém, apenas um deles é voltado para esfera pública: a ação. Apesar de ser uma característica essencialmente humana, apenas é manifestada em sociedade.

Por essa razão é possível dizer que a ação responde à condição humana de pluralidade. É na política, inclusive, que o choque de opiniões contrárias ocorrerá, permitindo assim, o exercício da liberdade. Essa liberdade é entendida como a confirmação da espontaneidade e da presença única de cada indivíduo humano no mundo por meio da ação e do discurso. De forma breve, seria a liberdade de agir e de pensar. Inclusive, a liberdade é a razão de ser da política (ARENDR, 2007).

Além disso, Arendt (2007) percebe na sociedade moderna uma crescente despolitização dos homens. O que tem, conseqüentemente, influenciado na redução de espaços públicos. Mas o que fez esses sujeitos modernos se despolitizarem? Eles

se acomodaram e deixaram de exercer a sua liberdade, preferindo seguir uma vida banal e pendular entre trabalho e consumo.

A respeito dessa diminuição do uso das praças públicas como espaço político, Santos (2001) atribui a culpa a lógica de produção e reprodução do espaço do mundo globalizado. Isto porque ao mesmo tempo em que tem incentivado o enfraquecimento do Estado, busca-se o fim da esfera pública.

Fora o papel político, o espaço público também assume a função de lazer¹. De acordo com França (2018), qualquer ambiente pode ser um espaço de lazer, porém o que vai assegurar que ele assuma essa função são as infraestruturas que dispõe. Essas infraestruturas devem garantir que as pessoas possam se reunir nesse espaço e se sintam seguras e acolhidas.

A autora dá alguns exemplos dessas infraestruturas, como: bancos para descanso e áreas cobertas que possam proteger o público do sol e da chuva. Também é dito por ela que esses espaços permitem um estreitamento das distâncias físicas e simbólicas (França, 2018). Isso quer dizer que pessoas de diferentes bairros e origens socioeconômicas podem se reunir nele em busca de lazer. Mas o que falar da praça enquanto espaço público direcionado ao lazer?

No que diz respeito as praças, Lima (2008) afirma que há várias definições delas, visto que variam em estrutura física e em uso e função. Não se pode negar, porém, que esse espaço público é característico do meio urbano. Inclusive, são nas cidades, onde seus usos e funções podem variar de acordo com a vivência de cada indivíduo. Afinal, a cidade é o espaço da complexidade.

Lima (2008) ainda menciona a falta de segurança nas praças das cidades médias e grandes, reduzindo a função delas como simples locais de passagem e de referência. Com o crescimento desordenado das cidades, há uma desconfiguração das praças enquanto lugares de encontro e lazer. Também há casos de abandono de praças públicas pelo poder público. Quando não é isso, são as pessoas que deixam de visitar elas. O que explica isso é a mudança de comportamento da população urbana, que vive mais presa à tecnologia.

¹ Atualmente, cada vez mais as práticas de lazer ocorrem em espaços fechados e de natureza privada.

França (2018), nesse sentido, explica que o lazer nos dias de hoje, pelo menos na esfera doméstica, tem sido realizado nos jogos, internet, televisão e canais por assinatura. Por outro lado, as tecnologias também permitem estabelecer novas formas de relacionar com os espaços públicos.

Lima (2008, p. 102) afirma que “o espaço público só pode ser entendido como praça se possuir alguma função social no contexto urbano, como atividades de lazer e recreação, ser local de encontros e debates comunitários, ser, antes de tudo, frequentado por pedestres”.

Além disso, de acordo com Mendonça (2007), as praças são caracterizadas por apresentar bancos, canteiros, espaços lúdicos e vegetações. Elas também possuem funções sociais e urbanas, como locais de encontro e de práticas sociais e espaços de amenização de nível de estresse de pessoas.

Segundo Costa e Lemos (2012), a praça pública, por ser um espaço de lazer gratuito, é acessível para todos os públicos. França (2018, p. 174), sobre a questão do acesso dos espaços de lazer, diz que:

Quanto maior o poder aquisitivo, maiores serão as possibilidades de um lazer mais reservados como interações mais se “seletivas”, no que diz respeito a contatos entre pessoas com igual poder aquisitivo, nível educacional etc., resultando em formas mais segregadas e mercantilizadas de lazer (FRANÇA, 2018, p. 174).

Por outro lado, o artigo 6º da Constituição Federal (1988) diz que o lazer é um direito social. Pode-se concluir a partir disso, que é um direito que deve ser de todos. Entretanto, um dos fatores que tem influenciado a busca por espaços privados de lazer são a violência urbana e a falta de segurança pública.

Nesse sentido, França (2018) relata que a falta de segurança em parques e praças públicas, além de serem consequências da pouca ou falta de vigilância e de seu livre acesso, tem resultado na redução de seus usuários, que passam a preferir frequentar ambientes como bares, restaurantes, clubes e shoppings center. Todavia, essa substituição é mais nítida entre os sujeitos com maior poder aquisitivo. Portanto, apresenta um recorte de classe.

Alves (2014), apoiando-se em autores como Tuan e Relph, menciona que a sensação de medo é algo subjetivo e pode ser reforçada pelos veículos de comunicação, que demonstram um quadro urbano marcado pela violência e medo

constante da possibilidade de assalto. Isso resulta na configuração paisagística da própria cidade. Elementos como: grades em janelas, interfones nas portarias e filmadoras em prédios materializam essa sensação

Já para entender como se dá o processo de uso e apropriação das praças públicas, é necessário explorar aquilo que Lefebvre (2000) entende por espaço construído. Segundo ele, a produção do espaço não apenas se limitaria a produção material, mas levaria em consideração também as formas como as pessoas se relacionam com esse espaço.

Para explicar isso, determina três dimensões da produção do espaço. São elas: o espaço concebido, vivido e percebido. O espaço concebido é aquele projetado por arquitetos e urbanistas, como também aquele imposto pela sociedade em suas distintas ordens, como empresas e Estado. Já o espaço vivido é caracterizado pela relação entre o real e o abstrato, entre o espaço da verdade e a verdade do espaço. Por fim, o espaço percebido é aquele das práticas sociais e que se relaciona com as duas outras dimensões do espaço produzido pelo fato da prática social ser tanto presente no espaço vivido, como no espaço idealizado por seus planejadores (LEFEBVRE, 2000).

Com base no que foi discutido, é possível afirmar que a apropriação do espaço vai além do ambiente urbano construído, permitindo, assim, uma gama de possibilidades de uso. Em outras palavras, é aquilo que vai além do espaço concebido, pois leva em consideração o espaço vivido (MENDONÇA, 2007).

Narciso (2009) complementa essa ideia afirmando que a forma do espaço público só pode ser compreendida em seu contexto histórico. Isto é, ao decifrar seus significados, é possível ter uma ideia de quais motivações sociais, políticas e econômicas levaram a sua criação. Há um conceito que ajuda a interpretar essa noção de apropriação: o território.

Haesbaert (2014) menciona que há dois grandes paradigmas territoriais e busca diferenciá-los. O primeiro é o paradigma territorial hegemônico. É representado pelas grandes empresas, que veem o território como substrato a ser explorado. Ou seja, apenas visam o aspecto funcional do território e a exploração de seus recursos. Já o segundo, o paradigma contra-hegemônico, é representado por grupos

subalternos e vê o território como espaço vivido, que é tanto simbólico, como real concreto.

Exemplificando essa questão, pode-se dizer que, no bairro de Beberibe, há grandes redes de comércio como Americanas e Magazine Luiza que seguem a lógica hegemônica do território. Ampliando essa visão para o Recife, pode-se citar redes maiores como Centauro e Hering. Por outro lado, dentro do paradigma contra-hegemônico, a Praça da Convenção é um claro exemplo, afinal, atende a todos os públicos. Isso vale a todos os espaços públicos do Recife, como a Praça da Várzea, a Praça do Derby e o Marco Zero.

Além disso, para Haesbaert (2014), o território é material e simbólico. Ou seja, pode expressar, respectivamente, tanto a dominação da terra e daqueles que estão inseridos nela, quanto a identificação e a apropriação. Numa concepção lefebvriana, apropriação diz respeito a dimensão simbólica do território, cheia representações do vivido e do valor de uso. Já dominação é o espaço funcional, relacionado ao valor de troca. Por exemplo, no bairro de Beberibe, seu centro comercial predomina a dimensão funcional do território, já a Praça da Convenção é marcada pelo vivido.

Vale destacar que Lefebvre não usava o termo território, e sim espaço. Para esse autor citado por Haesbaert (2014), o espaço é sempre socialmente construído. Os territórios também são distinguidos pelos sujeitos que, nos seus exercícios de poder, assumem tanto um controle espacial, como, conseqüentemente, definem os processos sociais. Desse modo, numa perspectiva foucaultiana, pode-se dizer que as relações de sociais são tratadas enquanto relações de poder (HAESBAERT, 2014). Essas relações sociais foram observadas nesta pesquisa através das atividades realizadas pelos sujeitos e grupos sociais.

Quando se trabalha com o território e a territorialização, deve-se levar em consideração a multiplicidade de suas manifestações, como também a multiplicidade de poderes, definidos por sujeitos variados, que compõem uma relação hierárquica entre dominante e dominado. Esses territórios se distinguem por aqueles responsáveis por sua formação, sejam eles indivíduos, grupos sociais ou culturais, Estados, empresas e instituições religiosas (HAESBAERT, 2014). Nesta pesquisa, buscou-se compreender o território dado pelos indivíduos e os grupos sociais e foram observados tensões e conflitos entre eles.

Haesbaert (2014) ainda cita 5 finalidades territoriais: abrigo e segurança física; fonte de recursos materiais e/ou meio de produção; identificação de grupos sociais por meio de referentes espaciais; controle por meio de espaços individualizados; e controle da circulação e de fluxos de pessoas, mercadorias e capitais. Essa questão será melhor desenvolvida no croqui 5.

O território, além de ser marcado pela relação de poder, tem sua área e acessibilidade controladas. Esse controle varia em nível de intensidade, quanto ao tipo de território, seja ele mais funcional ou simbólico, e quanto ao sujeito que o promove, seja uma empresa, um estado ou grupos étnico-culturais (HAESBAERT, 2014). O Estado, por exemplo, exerce um controle muito forte na dinâmica de uso da Praça da Convenção. Isso será observado a fundo ao longo da pesquisa.

De acordo com Haesbaert (2014), os múltiplos territórios podem coexistir em um mesmo espaço, podendo haver ou não tensões em conflitos entre eles. Além disso, identifica os seguintes territórios múltiplos: territorializações de caráter mais desterritorializante; mais fechadas; político-funcionais; mais flexíveis e efetivamente múltiplas. A que mais se enquadra nesta pesquisa é a penúltima, pois, segundo Haesbaert (2014), ela permite uma sobreposição territorial. No caso da Praça da Convenção, essa sobreposição se dá de forma sucessiva, uma vez que ocorre em territórios temporários e espaços multifuncionais.

Geralmente, o território é associado a escala nacional, tendo o Estado como principal gestor. Mas essa não é uma regra e isso é atestado por Souza (2000), em que diz que o território pode ser uma simples rua ou pode partir para dimensões ainda maiores.

Porém, para Souza (2000), os territórios também podem ser móveis e cíclicos, ou seja, se locomovem no espaço, constantemente reestruturando suas fronteiras e variando sua aparição em diversas escalas de tempo. Essa contribuição teórica não seria possível sem a antropologia urbana, que traz o estudo de grupos subalternos em seus territórios, embora carente do elemento político.

Souza (2000), ao referenciar o livro *A Arte da Guerra*, escrito pelo chinês Sun Tzu, atesta que não é de hoje que o espaço pode ser tomado como “instrumento de manutenção, conquista e exercício de poder” (SOUZA, 2000, p. 78). Embora esse

resgate histórico faça menção ao contexto de guerra, é interessante a visão do autor a respeito do conceito de território.

Logo adiante, faz menção ao general prussiano chamado Carl von Clausewitz, permitindo mencionar outro aspecto do poder dentro de um território, isto é, imposição da vontade do dominador ao dominado. De maneira complementar, apoiando-se em Hannah Arendt, diz que quando há o uso da violência, pode-se esperar que provavelmente esteja havendo, primeiramente, uma perda do poder, e, secundamente, uma perda territorial (SOUZA, 2000).

Em certo aspecto, isso pode ser visto nas operações policiais que usam da violência quando perde o controle de um território seja pelo crime ou outras atividades ilícitas e irregulares na visão do governo. Na Praça da Convenção, há algumas práticas proibidas pelo governo que são feitas, como a venda de produtos por ambulantes e o consumo de drogas.

Souza (2000) ainda menciona em seu artigo que o território visa acima de tudo a relação de poder materializada no espaço, não atendendo, assim, questões como a afetividade. Além disso, com base na análise de Arendt (1985 *apud* SOUZA, 2000) sobre a disputa de interesse, é dito pelo autor que, quando se fala em território, o que importa é saber quem é o dominado e quem é o dominante. Só assim pode-se entender que questões como poder, força, autoridade e violência são meros instrumento para alcançar essa relação hierárquica.

Afinal, o que seria esse poder? Souza (2000), novamente referenciando Hannah Arendt (1985 *apud* SOUZA, 2000), menciona que o poder é apenas manifestado em coletivo. Porém, também é capaz de ser materializado por cada indivíduo, tendo em vista a perspectiva foucaultiana (GALLO, 2004).

Para Souza (2000), o território é muito mais que um espaço concreto, pois é antes de tudo relações sociais projetadas no espaço. O que permite, observando por esse aspecto, entender que o território pode existir por um determinado período, seja séculos, anos, meses, semanas ou dias.

Ao falar, por exemplo, do território da prostituição, deixa claro a mudança que a paisagem apresenta da noite para o dia. Sendo a noite apropriada por grupos de prostituições, até mesmo rivais, que por disputa territorial podem até se chocar em busca de dominar uma determinada área, podendo ser ruas, becos ou praças. No

mesmo espaço ao dia, o ambiente é frequentado por um outro público, como funcionários dos comércios e moradores da imediação (SOUZA, 2000).

Além do território da prostituição, há o território dos camelôs e do tráfico de drogas. O território dos camelôs reflete a relação entre o setor formal e informal, que, em certas ocasiões, acarreta em impasses entre lojistas/policiais e camelos. Já o território do tráfico de drogas se articula na lógica de redes. Tem como característica possuir redes complexas, que se articulam umas nas outras e visam definir áreas de influências, permitindo abarcar o mercado consumidor. Mais adiante, o autor trata esses territórios-redes como territórios descontínuos, por não se tratarem mais de pontos, e sim superfícies (SOUZA, 2000, p. 91 - 93).

Dando um panorama geral, pode-se observar que essa construção teórica sobre território dada por Souza (2000) permitiu analisar outros grupos sociais, além daqueles citados acima, dando margem a entender suas espacialidades.

Serpa (2013), por outro lado, buscando explicar a definição de espaço público e de território, chega na seguinte conclusão. A dimensão política é a que estrutura o espaço público, pois, afinal, é nele onde há o encontro dos diferentes. Já o território parte para outra concepção. Nele é onde os iguais se reúnem em um mesmo espaço, porém em conflito, que se manifesta de forma não aparente.

Para explicar isso, o autor utiliza o parque público como exemplo. É um espaço de livre circulação de pessoas. Visivelmente, todos dividem pacificamente o mesmo espaço. No entanto, nele há limites e barreiras simbólicos demarcados. Dessa forma, chega-se a afirmar que o espaço público e o território são conceitos que se divergem (SERPA, 2013).

O autor ainda diz que o espaço público tem perdido cada vez mais a sua dimensão política e tem dado lugar a um espaço de justaposição de diferentes territórios. Desse modo, é possível observar diferentes grupos e classes sociais compartilhando um mesmo espaço, porém distinguindo em modos de consumo e estilos de vida. É a partir daí que são estabelecidos “processos de segregação baseados em limites/barreiras que vão impor uma incipiente, ou mesmo nula, interação social e espacial entre os agentes que se apropriam do espaço urbano” (SERPA, 2013, p. 65).

De acordo com Serpa (2013) há dois efeitos de apropriação. Isto é, os efeitos de classe, que implica na segmentação, e os efeitos de massa, provocando a transversalidade. Sabendo disso, cabe identificar em que situação a segmentação e a transversalidade atuam com maior ou menor intensidade e como isso repercute na construção e na desconstrução de identidades e estilos de vida.

Dessa forma, é possível afirmar que, em espaços públicos, os efeitos da segmentação são mais atuantes do que os efeitos da transversalidade, o que implicam, por sua vez, em territórios justapostos onde há pouca ou nenhuma interação entre os diferentes, isso incluem grupos e classes sociais. Essa segmentação, porém, pode ser dada de maneiras distintas. Em função do tempo, quando há a apropriação do mesmo espaço, porém em períodos de tempo diferentes. Em função do espaço, quando há uma justaposição de territórios de forma simultânea. Ou em função dos dois aspectos, em que é possível haver as duas formas de apropriação (SERPA, 2013).

Esses limites e barreiras simbólicos permitem construir uma visão privada do espaço público. Desse modo, impedindo que haja um compartilhamento do mesmo espaço entre grupos diferentes e dando lugar a fragmentação espacial (SERPA, 2013).

Além disso, a questão do acesso passa a ser limitada e controlada de maneira simbólica. Esse limite contém um sentido de continuidade e descontinuidade que são expressas na produção e reprodução do e no espaço. Outro conceito explicado é o de fronteira, que está relacionado a identidade territorial, sendo aquilo que dita se há um pertencimento ou não (SERPA, 2013).

Sobre o bairro, primeiramente, vale informar que é um conceito complexo. Um bairro pode ser tratado como um recorte da cidade (um fragmento urbano), marcado por sua função político-administrativa, ou pode ser entendido como um espaço social². Aqui recai a discussão sobre lugar, pois, de certa forma, a vida de bairro constrói nos sujeitos um sentimento de pertencimento. Dada a questão que seus moradores delimitam seus espaços de convivência e interação entre si, pode-se dizer que é estabelecida uma territorialidade. Isso soma ao fato de haver, diante desse sentimento de pertencimento e espaço comum, reivindicações sociais em busca da melhoria de

² Na metrópole, o bairro é dissolvido e perde sentido como espaço vivido.

seu espaço vivido, traduzindo uma espécie de cumplicidade entre seus moradores e um exercício de cidadania (HALLEY, 2014).

Embora cada sujeito apresente sua própria rotina, em certos casos elas podem se chocar. Sejam nas ruas, nas praças, nos mercados públicos ou nos centros religiosos, é estabelecido uma relação social, que define o sentimento de viver em um bairro. A falta desse contato nesses espaços de sociabilidade é como dizer a morte ao que se entende por bairro (HALLEY, 2014).

Chega-se a falar, inclusive, que a vida de bairro está em seu fim, dado ao novo estilo de vida da sociedade atual. Porém, não é verdade, pois mesmo assim essa troca entre os sujeitos permanece em suas rotinas diárias, através de simples atos, como ir comprar pão numa padaria ou encontrar um conhecido na rua e conversar com ele no caminho para casa (HALLEY, 2014).

Por outro lado, observa-se que a concentração de espaços de sociabilidade pode criar uma centralidade dentro do próprio bairro. Nesse sentido, esses espaços também são os mais movimentados, geralmente por pessoas que buscam se reunir em ruas, calçadas, igrejas, praças, mercados públicos, feiras livres, padarias, mercearias, botequins e bodegas (HALLEY, 2014).

A busca por essas formas espaciais se justifica pelos seus propósitos e intenções, que podem ser das mais variadas possíveis e se traduzem em atos corriqueiros, como compras, caminhadas, encontros e brincadeiras. Todos esses encontros e desencontros são produtos de um conjunto de incidentes que constituem uma ação, portanto são enredos que constituem uma trama (HALLEY, 2014).

Outro fenômeno que tem afetado a forma como os espaços públicos têm sido usados e apropriados é a pandemia de Covid-19. Para explicar isso, Santos e Santos (2021) fazem uso da Psicologia Ambiental. Essa concepção se preocupa com a inter-relação homem-ambiente e reflete sobre usos, acessos e restrições que os espaços urbanos oferecem, sendo movidas por fatores físicos, sociais e psicológicos. Considerando também a forma como os ambientes afetam o homem no que diz respeito a sua qualidade de vida e bem-estar.

Com base nisso, foi possível observar que as medidas de restrição têm afetado a frequência de pessoas em espaços públicos, como praias, parques e praças. Também, a nível subjetivo, tem transformado a forma como as pessoas enxergam

esses espaços. Antes os espaços públicos passavam uma sensação de bem-estar, qualidade de vida e pertencimento, agora passam uma ideia de medo e insegurança, por conta do vírus (SANTOS; SANTOS, 2021).

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa apresentou uma abordagem de natureza qualitativa. O que motivou essa escolha, primeiramente, foi a amostra estudada. A pesquisa qualitativa, diferente da quantitativa, não se preocupa com os números, e sim com uma compreensão aprofundada dos grupos sociais (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). No contexto da Praça da Convenção, houve um estudo de sujeitos e grupos sociais de maneira aprofundada tendo em vista seu uso e apropriação da Praça da Convenção de Beberibe, Recife/PE.

Segundo os autores citados acima, a pesquisa qualitativa também considera que cada realidade estudada é única, portanto, exige uma metodologia específica para cada uma delas. Nesta pesquisa, por exemplo, se está trabalhando com os espaços públicos, em especial as praças e tendo em vista os usos e apropriações. Para esse enfoque, é necessário usar um tipo específico de metodologia. Se, por outro lado, continuasse a trabalhar com os espaços públicos, porém tendo em vista as ruas e a mobilidade urbana, por exemplo, os procedimentos metodológicos seriam totalmente diferentes.

Outra questão específica da pesquisa qualitativa é a possibilidade de trabalhar com significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes (GERHARDT, SILVEIRA, 2009). No caso da investigação feita na Praça da Convenção, as maiores preocupações foram os motivos que levaram esses sujeitos e grupos sociais a usarem e se apropriarem de seu espaço e os comportamentos que tinham entre si e em relação a praça.

Além disso, a pesquisa qualitativa, dependendo do método utilizado, pode ter como característica o empirismo e a descrição, o que faz com que o pesquisador necessite se aproximar dos fenômenos estudados (GERHARDT, SILVEIRA, 2009). Nesse sentido, foi acompanhada de perto a dinâmica territorial da praça e registrada

as atividades e comportamentos sociais dos sujeitos. Aproximando, assim, das etnometodologias.

Fora que numa pesquisa qualitativa também se preza pelo contexto observado, o que permite analisar as diferentes escalas (GERHARDT, SILVEIRA, 2009). Essa condição foi possível compreender, através da contextualização da cidade e do bairro nos quais está inserida a Praça da Convenção, não só isso, como também comparando com a realidade de outras praças.

Vale lembrar, no entanto, que há várias formas de se fazer uma pesquisa qualitativa, como a pesquisa documental, a etnografia e o estudo de casos (GODOY, 1995). Optou-se pela última. Isso porque o estudo de caso possibilita realizar uma análise profunda sobre o objeto de estudo (GODOY, 1995), que, no caso, foram os usos e as apropriações da Praça da Convenção.

Fora isso, o estudo de caso é ideal para pesquisas que buscam responder como e porque um determinado fenômeno ocorre (GODOY, 1995). Desse modo, pôde-se saber como os grupos sociais e os sujeitos usaram e se apropriaram da Praça da Convenção e por que exatamente teve que ser esse local.

Também é um estudo próprio para situações quando não se tem controle sobre o fenômeno, como é o caso dos estudos sociais. Ou seja, não é possível obter respostas objetivas através dele (GODOY, 1995). As dinâmicas territoriais se inseriram nesse contexto.

Além disso, o estudo de caso, devido a sua preocupação de uma investigação aprofundada, deve levar em consideração as múltiplas dimensões que envolvem o problema, assim como o contexto que o objeto de estudo é inserido (GODOY, 1995). Esse foi o caso da pandemia de Covid-19, que interferiu em certo grau na dinâmica territorial da Praça da Convenção. Fora isso, também houve a importância da ida a campo para poder coletar informações importantes sobre o fenômeno estudado.

Desse modo, para atender todas essas questões discutidas até aqui, foi necessário a utilização de alguns instrumentos de pesquisa, como: a pesquisa documental, a observação direta, a entrevista semiestruturada e a aplicação do formulário de perguntas. A seguir, será falado a forma como cada instrumento de

pesquisa citado anteriormente foi aplicado, acompanhado com a justificativa de seu uso.

Para conhecer ainda mais a história da Praça da Convenção e seu contexto foi necessário realizar uma pesquisa documental que envolveu a coleta de dados em jornais, reportagens e portais de notícia e de informação do município. Também se fez o uso de documentos jurídicos e publicações de órgãos governamentais e entidades coletivas.

Vale lembrar que a pesquisa documental é dedicada a dados secundários, estabelecidos na forma de documentos dos mais variados tipos. Documentos, nesse sentido, não são apenas registros, e sim algo que certamente pode justificar algum ponto na pesquisa, seja um fato ou fenômeno (GIL, 2008).

As redes sociais também foram importantes nesse processo, pois permitiram acompanhar atividades, que deixaram de ser realizadas, como o evento de rap Batalha da Convenção, e aquelas que passaram a ser realizadas novamente, como o evento religioso Festa da Nossa Senhora da Conceição de Beberibe. Além disso, por meio da busca do nome “Praça da Convenção” no Twitter, pode-se obter outros dados sobre esta praça.

Já para ter noção sobre quais grupos sociais usam e se apropriam desse espaço, foi necessário ir a campo e observar quem são eles, quais fragmentos desse espaço eles ocupam, quais são seus interesses e quando eles apareceram. Para isso, foi requerido a observação direta. Por meio dela, foi possível captar os comportamentos no momento em que eles se manifestaram, sem a necessidade de recorrer a outras fontes.

Em geral, a técnica de observação permite que o pesquisador utilize seus sentidos para captar as informações relevantes para sua pesquisa diretamente da realidade. Durante a observação, inclusive, foi necessário tomar cuidado para que as pessoas, que estavam vivenciando o ambiente da Praça da Convenção, não se sentissem observadas. Caso contrário, seus comportamentos poderiam mudar diante da situação, alterando o resultado da pesquisa.

Dessa forma, é importante dizer que o espaço público é um ambiente perfeito para o uso do instrumento da observação, pois, afinal, é nesse espaço onde se materializa a vida social da população. Além do mais, todo o processo de análise decorreu de forma sistematizada, permitindo, assim, que nenhum ponto fosse deixado para trás. Ou seja, foi feita uma observação sistemática. Lembrando que, ao elaborar os pontos que foram observados, foi levado em consideração os objetivos da pesquisa (GIL, 2008).

Ademais, é importante destacar que essas observações foram realizadas ao longo do ano de 2021. Porém, foram mais constantes durante os dias 20 e 26 de novembro, quando houve a realização também das entrevistas e aplicação dos formulários.

Como também foi uma pesquisa que envolveu a dinâmica espacial das pessoas em diferentes horários, foi necessário observar e aplicar os formulários e entrevistas respeitando a variação territorial durante a manhã, tarde e noite, de forma a evitar discrepância nos resultados da pesquisa. Vale lembrar que esse procedimento também foi realizado durante a fase exploratória da pesquisa, o que permitiu uma maior compreensão daquilo que foi estudado e suas possibilidades.

Outro recurso caro a pesquisa, porém, não o principal deles, foi a conversa informal, realizada durante a fase exploratória. Por meio dela, foi possível saber de seus frequentadores a realidade além daquela aparente, ou aquela realidade não-observada quando não houve a possibilidade de visitar o campo, ou mesmo dos eventos, que não puderam ser presenciados em campo por conta do tempo da realização do trabalho final.

Também houve a vontade de saber como cada grupo social e sujeito³ usa e se apropria da Praça da Convenção. Para isso, foi necessário o uso de entrevistas semiestruturadas com sujeitos relevantes⁴. Isto é, com pessoas que realmente usam

³ Os grupos sociais foram definidos através das atividades desenvolvidas por eles e observadas em campo pelo pesquisador, enquanto os sujeitos o critério escolhido para seu enquadramento foram suas características socioeconômicas.

⁴ Sujeitos relevantes são aqueles que usam a Praça da Convenção de Beberibe não-ocasionalmente, visitando-a uma vez por semana a todos os dias.

desse ambiente, como os moradores de rua, idosos jogadores de dominó, taxistas, mototaxistas, vendedoras de bilhetes premiados e vendedores ambulantes.

A entrevista permitiu que um maior público pudesse participar da coleta de dados, desde letrados a iletrados (GIL, 2008). Não só isso, como também serviu como complemento aos dados obtidos por meio da aplicação do formulário.

Entende-se entrevista como uma técnica utilizada quando o pesquisador necessita coletar alguns dados que lhe interessam em sua pesquisa, porém, para isso, direciona uma série de perguntas a seu público-alvo. Por sua versatilidade, é usada de diversas maneiras entre os campos das ciências sociais (GIL, 2008). Porém, o que se buscou observar nesse caso foi a dinâmica territorial.

Outro aspecto positivo que a entrevista pôde trazer foi a observação das expressões e das tonalidades de voz dos entrevistados, que pôde adicionar um sentido a mais do que foi falado (GIL, 2008). Também foi realizado uma entrevista de maneira online por meio das redes sociais. Essa alternativa foi utilizada para entender um pouco mais sobre a Festa da Nossa Senhora da Conceição.

Além disso, foram mantidas as identidades dos entrevistados em sigilo (GIL, 2008). Outro aspecto a ser mencionado é o porquê da escolha da entrevista semiestruturada. Um dos pontos positivos de uma entrevista semiestruturada foi poder realizar perguntas mais abertas, possibilitando ampliar a discussão e conhecer mais sobre a realidade local (GIL, 2008). Para que fosse registrado suas falas, foi utilizado um bloco de notas, com os principais aspectos que o entrevistando mencionou.

Essa etapa foi feita após a aplicação do formulário, tendo como critério diferentes sujeitos de cada grupo e nível de conhecimento sobre o tema. No total, foram 11 entrevistados, sendo 2 catadores/moradores de rua, 2 jogadores de dominó e dama, 4 usuários dos bancos da praça, 2 taxistas e 1 vendedora de bilhetes premiados. Dependendo do uso de cada um da Praça da Convenção, a pergunta variava.

Por exemplo, os associados dos jogos de dama e dominó, como têm conhecimento sobre esta praça de muitos anos, dada a sua idade avançada, tiveram perguntas sobre o passado dela. Para os moradores de rua, por sua vez, as perguntas

foram sobre as dinâmicas diárias do ambiente, já que passavam grande parte do dia nesse ambiente, inclusive, tinham conhecimento sobre as atividades noturnas e de madrugada, que não puderam ser vistas, mas que possuem relevância à dinâmica territorial.

Outra estratégia utilizada na pesquisa foi comparação das falas dos entrevistados, o que permitiu identificar contradições e tensões entre sujeitos e grupos sociais. Além disso, tanto na entrevista, como no formulário, percebeu-se a resistência de certos usuários da praça a participarem da pesquisa. Esse foi o caso dos associados de jogos de mesa, que sempre estavam ocupados, concentrados no que estavam fazendo. Apenas um pequeno número deles houve a possibilidade de aplicar a entrevista e o formulário, mas foi o suficiente para entender a situação do grupo de maneira geral.

Outro instrumento viável foram os formulários de perguntas, aplicados em 34 usuários da Praça da Convenção e que, aliás, supriram a maioria dos dados necessários para pesquisa. Os formulários, diferente do questionário, são preenchidos pelo pesquisador no momento em que vai realizando suas perguntas aos entrevistados (OLIVEIRA et al, 2016).

Essa estratégia foi melhor que o questionário, dada a possibilidade de poder aplicar suas perguntas em qualquer tipo de público, principalmente os de baixa escolaridade. Além disso, o formulário permitiu tirar qualquer dúvida que ocorreu durante a sua execução (OLIVEIRA et al, 2016).

Além disso, a aplicação desse formulário foi realizada online na plataforma Google Forms e por meio de um *smartphone*, que permitiu tabular os dados da pesquisa e acelerar os processos de análise de dados. Enfim, expostos esses instrumentos de pesquisa, vale falar agora um pouco sobre a análise de dados, mais especificamente sobre a análise do conteúdo e a triangulação de dados.

Com os resultados obtidos por meio da observação, da entrevista semiestruturada e do formulário, foi realizada uma análise do conteúdo, pois buscou-se saber os elementos em comum em cada fala dos sujeitos entrevistados e atribuir um sentido disso a pesquisa (ZANELLA, 2013).

De modo geral, pode-se dizer que a análise do conteúdo se divide em 3 momentos: pré-análise, descrição analítica do conteúdo e interpretação dos resultados. A pré-análise é a etapa da pesquisa de identificação de palavras, expressões, temas e acontecimentos que mais se repetiram. Já a descrição analítica do conteúdo é o momento de classificar e categorizar aquilo que fora encontrado na etapa anterior. Por fim, a interpretação dos resultados, como o nome já sugere, é o momento de estabelecer um sentido aquilo que fora encontrado através do referencial teórico (ZANELLA, 2013). Todas essas etapas foram seguidas de forma sistemática para contribuir na discussão dos resultados da pesquisa.

Também foi possível aplicar o método de triangulação de dados, comparando os resultados obtidos na observação, entrevista, formulário e análise documental. A triangulação, nesse sentido, ao conciliar diferentes fontes de dados, garante consigo uma maior credibilidade científica, ou seja, torna o estudo mais confiável. Isto porque acredita que apenas uma lente não é o suficiente para abarcar toda complexidade do fenômeno (SANTOS et al, 2020). Nas seções que seguem, apresenta-se os resultados e discussão desta pesquisa.

4 PRAÇA DA CONVENÇÃO NO CONTEXTO DO MUNICÍPIO RECIFE

A Praça da Convenção é um espaço público localizada no Bairro de Beberibe, na Zona Norte do Recife, Pernambuco. O bairro de Beberibe faz limite com outros bairros recifenses, como Dois Unidos, Linha do Tiro, Água Fria e Porto da Madeira, e com o bairro olindense São Benedito. Desse modo, fica localizado entre o limite de Recife e Olinda, tendo o rio Beberibe como critério dessa divisão.

Dada essas informações, vale falar brevemente sobre a história do município de Recife, do bairro de Beberibe e da Praça da Convenção em si, levando em consideração a centralidade de cada uma nos dias atuais.

4.1 História e centralidade

Dada as barreiras naturais proporcionadas pelos seus arrecifes, a capital pernambucana, em pleno século XVI, se tornou um ambiente propício para atividade portuária, sendo abastecido pelas redes hidroviárias definidas pela bacia Beberibe, Capibaribe e Tejipió. Por sua importância estratégica, sendo o porto mais dinâmico da América sob domínio português no século XVII, já foi disputado por outras potências, como a França, Inglaterra e Holanda (PREFEITURA DO RECIFE, *s/d*).

Ainda nesse século, Maurício de Nassau, sob comando da Companhia das Índias Ocidentais, lançou sua empreitada como governador geral. Foi quando passou a investir na cidade do Recife, uma cidade moderna e planejada, que contou com a implantação de palácios, jardins botânicos, canais e pontes (PREFEITURA DO RECIFE, *s/d*).

No século XVIII, a cidade do Recife foi elevada à categoria de vila, graças aos mascates, comerciantes de origem portuguesa que vinham mostrando resultados em seus lucros e importância. Diante desse quadro, houve o desenho da estrutura urbana daquilo que se entende como Recife (PREFEITURA DO RECIFE, *s/d*).

De acordo com o IBGE, dentre as cinco classificações hierárquicas das cidades⁵, o Recife se enquadra a categoria de metrópole. Essa categoria tem como

⁵ Metrôpoles, Capitais Regionais, Centros Sub-Regionais, Centros de Zona e Centros Locais.

característica sua região de influência ampla, de abrangência nacional, com certa sobreposição em alguns casos (IBGE, 2020).

De forma mais específica, o Recife é uma das redes urbanas mais populosas, apresentando 24 milhões de habitantes, sendo superada apenas por São Paulo. É também uma das metrópoles com maior número de cidades, totalizando 720 centros urbanos, sendo ultrapassada apenas por Belo Horizonte. Sua região de influência abrange centros urbanos de hierarquia intermediária (em cidades próximas) e capitais regionais. Além disso, Recife é responsável por 1/4 do PIB gerado da sua região de influência com um todo. Em contrapartida, seu PIB também é o terceiro menor do país (IBGE, 2020).

Assim, ficando claro a centralidade recifense. Resta agora realizar o mesmo procedimento, só que dessa vez em Beberibe e na Praça da Convenção, tendo em vista sua história e centralidade.

De acordo com a Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ, 2021), o nome Beberibe deriva do tupi e apresenta um significado polissêmico. Alguns dizem que significa “lugar onde cresce a cana”, outros falam que é o “rio das raias”, enquanto outros designam seu sentido como “voar em bando”, fazendo menção aos pássaros em suas margens. Vale lembrar que o rio Beberibe, que dá nome ao bairro, nasce no município de Camaragibe, graças a confluência dos rios Pacas e Araçá. Ele ainda cobre os municípios de Camaragibe, Olinda e Recife.

O bairro de Beberibe, que recebe esse nome por ser banhado pelo rio, por sua vez, é um dos mais antigos do Recife e existe desde o século XVI. Seu surgimento parte do casamento entre o auditor da capitania de Pernambuco e uma protegida da rainha Catarina de Portugal, o que resultou como presente a doação das terras, que nos dias de hoje correspondem aos bairros Casa Forte, Várzea e Beberibe⁶. Nessa empreitada, alguns engenhos foram implantados. Não só isso como o terreno foi passado para seu herdeiro e logo em seguida para um colono, chamado Antônio de Sá, até que foi tomado pelos holandeses (FUNDAJ, 2021).

Com a retomada do território pelos portugueses, Antônio de Sá retomou as suas posses e logo adiante deu elas aos seus herdeiros. Assim, ganhando um outro uso, agora como fazenda exportadora de madeira, advinda da própria mata. O produto

⁶ Terras descontinuas.

era rapidamente escoado pelo rio Beberibe por meio de balsa e quando entregue em Olinda, produzido em carvão mineral. Já no século XVIII, os objetos espaciais que remetiam a economia açucareira foram deixando a paisagem, no lugar dela ainda permaneceu a cultura da produção de carvão e pequenos agricultores, que viviam em povoados, onde produziam feijão e mandioca (FUNDAJ, 2021).

Também nesse mesmo século foi construído um templo religioso voltado a figura da Nossa Senhora da Conceição, existente até hoje. Já o século XIX foi marcado pelos transportes, com a construção de uma estrada que interligava Encruzilhada e Beberibe e de uma linha férrea Recife-Olinda. No século seguinte, foi instalados bondes elétricos. Ademais, foi no século XIX, quando ocorreu a assinatura da Convenção de Beberibe, nas matas de Beberibe, tirando do poder o último governador português. Também graças as consequências tardias da Revolução Praieira, Beberibe desmembrou-se de Olinda, dado origem ao bairro de Água Fria, Fundão e Cajueiro. Vale destacar que Cajueiro se localiza tanto em Recife, como em Olinda (FUNDAJ, 2021).

Não foram encontrados, por outro lado, dados quanto ao bairro de Beberibe e sua centralidade em si. Porém, há como entender sua situação, a partir de informações sobre o programa chamado Prometrópole⁷, direcionados a Bacia Beberibe. Aliás, para fins de localização, é informado no croqui 1 os limites territoriais cortados pela Bacia de Beberibe. Isto é, Olinda, Recife e Camaragibe.

⁷ Trata-se de um programa gerido pelo Governo do Estado de Pernambuco, por meio da Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco CONDEPE/FIDEM⁷ e que tem área de atuação os municípios de Olinda e Recife (Prefeitura do Recife, s/d).

Em geral, sua missão é promover intervenções em áreas da Região Metropolitana do Recife (RMR) onde há a maior concentração de comunidades pobres. Dessa forma, por meio obras de infraestrutura urbana e melhorias e ampliação dos serviços públicos e regulação fundiária, buscou-se uma região mais habitável, uma diminuição da pobreza e uma qualidade ambiental melhor a RMR (Prefeitura do Recife, s/d).

Croqui 1 – Bacia Hidrográfica do Beberibe na RMR, Pernambuco



Fonte: Condepe Fidem. Nota: não foi identificado o ano de produção do croqui.

Primeiramente, vale informar que sua população absoluta chega a ser de 590 mil habitantes. Já sua densidade demográfica é de aproximadamente 7.300 habitantes/km². Ou seja, é altamente povoado. Além disso, sua área é predominantemente urbana (CONDEPE FIDEM, s/d).

Por outro lado, é onde concentra a maior população com baixa renda da RMR. Sua distribuição geográfica é em áreas de morro e suscetível a alagamento. Enfim, em áreas de risco. Fora que ainda conta com pouco investimento em infraestrutura e com uma integração urbana restrita, consequência da baixa acessibilidade viária.

O Rio Beberibe, por sua vez, hoje se encontra bastante poluído, diante do intenso processo de urbanização, movido pela sua centralidade em relação a RMR (CONDEPE FIDEM, s/d). No entanto, desde o período colonial, vem sendo utilizado no abastecimento de água a RMR (CAMPOS, 2008). Além do mais, é uma região com

poucas áreas verdes públicas e de lazer. Isto é, praças, parques e equipamentos sociais (CONDEPE FIDEM, *s/d*).

Fora esses dados, é possível descrever do ponto de vista empírico, que Beberibe apresenta uma área predominantemente comercial e outra predominantemente residencial. No entanto, todas as vias principais que recortam o bairro são marcadas mais pelos comércios do que pelas moradias.

De maneira geral, pode-se dizer que há um subcentro de comércios e serviços suficientemente dinâmico no bairro de Beberibe. Porém, dentro do contexto da metrópole recifense, há outros subcentros mais relevantes, como Casa Amarela, Afogados e Encruzilhada.

Tendo em vista isso, resta falar sobre a Praça da Convenção. Sobre seu passado, pode-se dizer que está vinculado à “Convenção” de Beberibe.

O ano no qual este trabalho começou a desenvolvido foi 2021. Há 200 anos atrás, mais exatamente 5 de outubro de 1821, foi assinado em Pernambuco um documento que prometia realizar algo inovador para sua época, ele se chamava Convenção de Beberibe. Com premissa pacificadora, a assinatura do documento permitiu a Independência de Pernambuco, 11 meses antes do grito do Ipiranga (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2020).

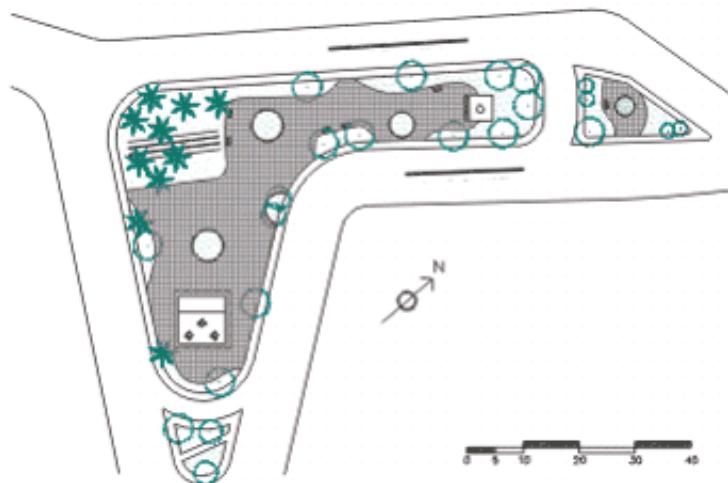
Porém, não foi um fato isolado, apenas a finalização de um processo que já vinha se desenvolvendo. Em Portugal quando houve a Revolução do Porto, em 1820, duas questões foram pedidas: uma constituição escrita e a volta de Dom João VI (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2020).

Numa espécie de adesão a esse movimento português, instalou-se na Vila de Goiana, em agosto de 1821, um governo provisório, uma iniciativa de parte da elite pernambucana, que também buscavam afastar o governador português Luiz do Rego Barreto do poder. Tempo depois, gerou-se um conflito armado. Tendo seu desfecho na assinatura do documento da Convenção de Beberibe (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2020).

A Praça da Convenção foi construída em 1972, pelo prefeito Augusto Lucena. Junto a ela, foi colocado um monumento que faz menção aos heróis responsáveis pela Convenção de Beberibe. O responsável pela sua criação foi Abelardo da Hora (GESTÃO AMBIENTAL DO RECIFE, *s/n*).

Desde então sua configuração espacial tem sofrido alterações, resultando na forma como é vista hoje, irregular e estrangulada, como visto no croqui 2. O que fez surgir essa necessidade, foi o centro comercial agitado ao seu redor, que demandava de uma infraestrutura viária suficiente para o fluxo dos veículos (GESTÃO AMBIENTAL DO RECIFE, *s/n*).

Croqui 2 – Formato da Praça da Convenção, Beberibe, Recife



Fonte: Gestão Ambiental do Recife. Nota: o croqui se encontra bastante desatualizado no que diz respeito as estruturas presentes na praça, não se sabe a data ao certo em que foi produzido.

Porém, para chegar até a configuração atual, a praça passou por várias transformações. Já chegou a possuir um bonde elétrico, que interligava Beberibe-Encruzilhada; um terminal de ônibus; uma feira livre, hoje localizada no Mercado Público de Beberibe; e, quando era administrada pela empresa Rapidão Cometa, possuía grades altas, portão de acesso, vigias e horário de funcionamento.

Quanto a centralidade da Praça da Convenção, pode-se dizer que não se encontra isolada apenas em seu bairro. Moradores de diversos bairros de Recife e Olinda, por finalidades variadas, optam por estar nesta praça.

Em síntese, foi visto que, tanto nas histórias de Recife, Beberibe e Praça da Convenção, os usos e apropriações desses espaços, se comparados com os atuais, se modificaram com o tempo. O mesmo ocorreu com suas configurações espaciais. Essa constante mudança é produto de fatores sociais, econômicos, políticos e culturais. Esse exercício de volta no tempo também permitiu interpretar as motivações sociais, políticas e econômicas que determinaram as suas origens (NARCISO, 2009).

Quanto a centralidade, pode-se notar a importância metropolitana do Recife de um lado e, por outro lado, a forte desigualdade do bairro de Beberibe. Para reforçar isso, dados expressos no próximo capítulo irão revelar melhor essa desigualdade por meio do perfil socioeconômico do público que visita a Praça da Convenção.

No momento, é importante dizer, que mesmo localizada numa região pobre, definida pela Bacia Beberibe, o bairro Beberibe, em especial, a Praça da Convenção, do ponto de vista territorial, consegue criar uma concentração de espaços de sociabilidade. Afinal, as pessoas que se direcionam para lá em busca de realizar compras, visitar centros religiosos, ter mais opções de ônibus, trabalhar, estudar, se alimentar, ter acesso a outros bairros, caminhar e andar de bicicletas.

Enfim, tudo isso resulta em encontros e desencontros, presentes no cotidiano de cada um, permitindo a interação social entre os sujeitos, algo crucial para uma vida de bairro (HALLEY, 2014). A seguir, será falado os serviços e equipamentos em volta da Praça da Convenção e a relação desse espaço público com o comércio.

4.2 Relação com o comércio

A conurbação existente entre as cidades de Olinda e Recife se reflete na complementariedade comercial dos bairros de Beberibe⁸ e São Benedito, onde oferecem de maneira conjunta produtos e serviços variados. Entre esses dois bairros há uma ponte, que permite a travessia do rio Beberibe e é reconhecida pelo constantemente conflito entre o poder público e a feira livre⁹, instalada nesse espaço. Isso ocorre, porque essa feira livre ocupa a maior parte das calçadas da ponte, forçando os consumidores/pedestres a dividirem a rua com os carros.

A seguir, elenca-se alguns estabelecimento de venda de produtos e de serviços ao redor da Praça da Convenção e que definem a centralidade do bairro de Beberibe e São Benedito em relação aos outros bairros vizinhos: lanchonetes, lojas de roupa,

⁸ Por meio da lei nº 1931, efetivada em 1928, o Estado de Pernambuco passou por uma nova divisão política-administrativa. Uma de suas consequências foi o desmembramento de Beberibe de Olinda, seguida da sua anexação no Recife (Diário de Pernambuco, 2020).

⁹ Esse conflito parte também do embate entre comércio formal e informal (SOUZA, 2000).

clínicas médicas e odontológicas, Centro Comercial de Beberibe¹⁰, oficinas técnicas, galerias¹¹, lojas de venda de produtos importados, Igreja o Brasil para Cristo, Assembleia de Deus, Primeira Igreja Batista de Beberibe, EREM de Beberibe, Escola Pedro Celso, Escola Instituto Ayllton Santos de rede privada, xerox e papelaria, advocacia, *lan house* e lojas de eletrônicos (Ex.: Laser Eletro, Milena Móveis e Eletro e Magazine Luiza).

Há ainda loja de jogos, loja de pets, padarias, borracharia, ponto de mototáxi e táxi, venda de galetos, lotérica, lojas de móveis, lojas de ferramentas e materiais de construção, ABC (loja de materiais escolares e artigos variados), loja de colchões, loja de brinquedos e festas, venda de cestas básicas, posto de gasolina, Beco do Miúdo¹², Boticário (loja de perfumes), hortifruti, venda de acessórios de celular e computadores, farmácias (Ex.: Drogasil e Farmácia do Trabalhador), açougue, Esposende (loja de sapatos), Paróquia Nossa Senhora da Conceição, Supermercados¹³, Narciso (venda de artigos em geral para o lar), Mercado Público de Beberibe¹⁴, Self-Service, loja de suplementos e produtos Naturais, barbearia, serralheria, lojas Americanas, oficina de carros, Centro de Saúde Professor Monteiro Moraes, feira livre na ponte que interliga Beberibe e São Benedito, loja de relógios de parede, empório de grãos, mercado de venda de temperos, granja e barracas que vendem cigarro, processados e produtos eletrônicos e acessórios para celular.

No croqui 3, é possível ter uma ideia da distribuição de alguns estabelecimentos citados nos parágrafos anteriores. De modo geral, essa vasta descrição serviu para

¹⁰ Dispõe de lanchonetes, restaurantes, serviços de capotaria, salões de beleza, gráfica, tatuagem, estacionamento e peixaria.

¹¹ Com espaços voltados para advocacia, provedor de internet, conserto de celular e estética.

¹² O Beco do Miúdo é rua que se localiza em Beberibe responsável por ofertar produtos e serviços como venda de peixes, materiais de construção, controle, tapioca e coco ralado, motores, conserto de panelas de pressão e copos de liquidificador e afinar facas e tesouras. Seu uso varia muito com o período do ano. Por exemplo, na páscoa é visto como espaço dedicado a venda de peixes, concorrendo diretamente com os mercados.

¹³ Os principais são o supermercado Galego, Tem e Styllus. Esse primeiro apresenta o preço mais competitivo em comparação aos outros dois e, portanto, é o mais frequentado.

¹⁴ O Mercado Público hoje oferta produtos e serviços como venda de descartáveis, carnes, queijo, roupas, ração, produtos do interior, chaves, óculos, peixes ornamentais e especiarias, conserto de ventilador, caixa de som e relógios, além da feira livre, que merece destaque quanto a sua relação histórica com a Praça da Convenção.

mostrar a importância comercial que Beberibe e São Benedito são hoje. No entanto, em relação à centralidade, há outros espaços que competem atenção com as áreas comerciais de Beberibe e São Benedito, como Caixa D'Água, Água Fria, Arruda, com o Bom Preço, e o Centro da Cidade.

Croqui 3 – Estabelecimentos que contornam a Praça da Convenção, Beberibe, Recife, Pernambuco, 2021



Fonte: Google Maps (2022).

O comércio de Beberibe é frequentado pelas pessoas do próprio bairro e dos outros que lhe fazem limite, que vão em busca da sua diversidade de produtos e serviços. Os sujeitos, que vão para Beberibe com esse intuito, usam a Praça da Convenção apenas como espaço de circulação, ou mesmo nem a utilizam, preferindo ir e vir pelas calçadas. De fato, esta praça disputa atenção com esses ambientes de interesse privado, o que não quer dizer que sua vivência não exista, como se poderá observar adiante.

Nesse quesito, Arendt (2007) afirma que está havendo uma despolitização dos sujeitos nos dias atuais. Isso tem provocado a redução dos espaços públicos, pois são neles onde a política é realizada, palco de choques de interesses distintos. Em

seu lugar, a sociedade tem dado prioridade aos espaços privados, marcados pela cultura do consumo.

Esse cotidiano expressa o modelo de sociedade atual, regida pelo e para o consumo. Ou seja, as ações dos sujeitos estão mais atreladas aos apelos gerados pelo mercado. Assim, a praça perde importância.

Desse modo, fica claro o porquê o número de pessoas que vão a Beberibe para realizar suas compras supera a quantidade de usuários que visitam a Praça da Convenção. Pode-se dizer que, geralmente, o número de usuários desta praça não passa de 30-40 pessoas.

É possível dizer que é bem provável que as pessoas não frequentem a Praça da Convenção, pois é nela onde há o encontro dos diferentes. Diante disso, é importante destacar que mesmo que imperfeito, o espaço público é gratuito, permitindo que todos possam usufruir (COSTA; LEMOS, 2012). Ou seja, é ideal para um bairro de pessoas de baixa renda, como Beberibe.

Fora que o contato entre os diferentes (seja eles, moradores de rua, catadores, motoristas de aplicativo, taxistas e associados de jogos de mesa) permite que haja a possibilidade de trabalhar o reconhecimento do outro e o respeito (GOMES, 2018). Além disso, é válido analisar como se comporta a praça em dias excepcionais.

Em dias de feriado, a Praça é pouco frequentada. Observa-se apenas algumas pessoas em situação de rua, que utilizam desse espaço como local de abrigo. Isso se dá, pois a praça se insere em um evidente contexto de área nuclear de um subcentro comercial e de serviços de Recife e Olinda, cuja dinâmica está muito associada ao fluxo de pessoas relacionado ao funcionamento do comércio e serviços. Essa realidade é distinta em vésperas de feriados marcados pela prática de consumo, como o Natal, Páscoa e São João, tornando a Praça da Convenção um espaço movimentado, entre usuários e consumidores (que a utiliza como local de passagem).

O mesmo ocorre dias de sexta, sábado e domingo (de manhã antes do meio dia), quando as pessoas geralmente buscam realizar de última hora suas feiras semanais e mensais. Porém, há exceção. Em fins de semana, por exemplo, é comum observar pessoas fazendo uso dos bancos da praça para namorar, encontrarem amigos, tomar um ar e ver o tempo passar. O que demonstra que praça está conseguindo atender a sua função social (LIMA, 2008).

Diante dessa centralidade, também se observa linhas de ônibus variadas, como Dois Unidos, Linha do Tiro, Caixa D'Água e Terminal Integrado de Xambá. Além dos consumidores, quem mais se beneficia do comércio aberto são os catadores, que utilizam esse espaço de forma estratégica, pois é uma fonte de geração de materiais recicláveis.

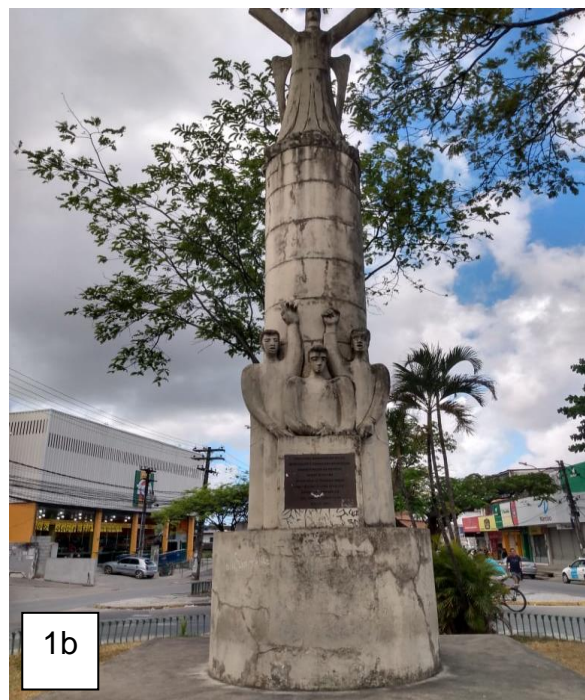
Outro público que vive do comércio são os mototaxistas, taxistas e motoristas de aplicativo, que atendem o público dos mercados, levando suas feiras em seus carros e motos. Enfim, dada essas informações, vale agora mencionar sobre sua infraestrutura e serviços prestados.

4.3 Infraestrutura e serviços

A Praça da Convenção apresenta os seguintes equipamentos: dois monumentos, um espaço de jogos, áreas verdes, cercas, bancos, lixeiras da prefeitura, postes de luz, bicicletários e câmeras de vigilância. Todos esses itens serão descritos nos parágrafos a seguir, tendo em vista seu uso e apropriação pelos sujeitos e grupos sociais que frequentam a Praça da Convenção.

Ela apresenta dois monumentos: o primeiro deles ilustra a imagem da Nossa Senhora da Conceição e se localiza em frente à paróquia com mesmo nome; e o segundo representa a Convenção de Beberibe e se localiza próximo à ponte que interliga Beberibe e São Benedito. O monumento da Nossa Senhora da Conceição apresenta uma boa conservação e demarca o espaço onde é realizada a Festa da Nossa Senhora da Conceição. Já o monumento da Convenção de Beberibe é mal-conservado e não apresenta nenhum evento para ressaltar sua memória e importância. Tendo isso em vista, é possível ver a imagem da Nossa Senhora da Conceição e o monumento da Convenção de Beberibe na figura 1a e 1b, respectivamente.

Figura 1 – Monumentos na Praça da Convenção



Fonte: autor (2021). Fotografia 1a: Imagem de Nossa Senhora da Conceição; Fotografia 1b: Monumento Convenção de Beberibe.

Há também as áreas verdes (gramados, plantas e árvores) cercadas por pequenas grades de cerca 30 cm. Sobre os gramados, foi observado que os aposentados e funcionários das lojas do comércio costumam colocar papelões sobre eles com objetivo deitar ou descansar. A respeito da manutenção dos gramados, cabe dizer que não é bem feita, mas existe.

O gramado, embora seja bem ressecado, por falta de irrigação, é cortado pela prefeitura quando grande, além de ser limpo pela mesma, em relação aos lixos descartados por seus usuários. Alguns frequentados da praça, inclusive, se questionam se essa limpeza é eficiente, já outros apontam que o serviço é bem prestado, porém os usuários poluem a área novamente, deixando o ambiente sujo. Essa situação pode ser vista na figura 2a.

Outra consideração que pode ser feita é que certas plantas são do próprio ambiente, pensada pelos arquitetos e urbanistas, enquanto outras foram simplesmente colocadas pela população. Seu cuidado é feito, mas não pela prefeitura. O tesoureiro responsável pela organização da Associação de Jogos, diariamente rega algumas plantas próximas ao espaço que é responsável por administrar, enquanto um dos mototaxistas/taxistas/motoristas de aplicativo, fica ocupado em cuidar das plantas que colocou no ambiente.

Já as vegetações remissivas das matas de Beberibe e as palmeiras imperiais, visualizadas na figura 2a e 2b, têm uma importância fundamental na dinâmica territorial da Praça da Convenção. Isto porque, durante a realização desta pesquisa, foram observados dias bastante ensolarados, o que limitou o uso desta praça em áreas cobertas e sombreadas, como o espaço de jogos e debaixo das árvores. Apenas uma pequena parte dos usuários dela ocupavam as áreas não sombreadas, este é o caso dos taxistas/mototaxistas/motoristas de aplicativo. Já, durante à noite, a situação mudava, pois a praça era ocupada quase por completa.

Figura 2 – Área verde na Praça da Convenção



Fonte: autor, (2021). Fotografia 2a: gramado e árvores; Fotografia 2b: palmeiras imperiais.

A praça, ainda, é repleta por bancos, espalhados por toda a sua área. Esses bancos são de madeira e atualmente necessitam de pintura e reparação em suas estruturas. Geralmente, ocupados à noite, são vistos como espaços de encontro entre amigos, familiares e namorados, com intuito de conversar sobre o cotidiano, sentir o ar fresco e passar o tempo. Com isso, conseguem atender sua função social.

Já os bicicletários, embora disponíveis para o uso da população, não são usados com tanta frequência. Isso porque os usuários da praça preferem acorrentar suas bicicletas em suas cercas. Quando usados, são destinados à brincadeira de casinha por crianças dos bairros do entorno. Geralmente, elas se encontram à noite,

de 7 às 10 horas e pouco se sabe realmente quem são seus pais e responsáveis. Um entrevistado sugeriu, nesse sentido, construir um espaço recreativo infantil, como aquele existente na Praça de Fundão, em Recife.

Quem utiliza mais o espaço de jogos (figura 3) é uma associação de moradores, criada em 1975. Esse ambiente passou por algumas transformações em sua paisagem e função com o passar dos anos. Antes, era um estabelecimento fechado no qual operava uma biblioteca. Hoje, é um ambiente aberto, que apresenta um teto ondulado e um espaço para guardar os equipamentos necessários para os jogos de dominó e dama.

Esse local, por mais que seja público, de uso e apropriação comum, é considerado privado pelos seus associados e membros, tal como o presidente e tesoureiro, que cuidam de sua gestão e recursos. Afinal, dada a pouca preocupação que o poder público dá a esse espaço, cabe aos próprios usuários investirem nele. Dessa forma, isso resulta em algumas tensões com outros sujeitos e grupos que serão tratadas num outro capítulo. No momento, vale dizer que o espaço é dividido entre os associados e os moradores de rua.

Figura 3 – Espaço de Jogos



Fonte: autor, (2021).

As lixeiras da prefeitura, assim como os bancos, também são bem distribuídas ao redor da praça. No entanto, observou-se que ocorre um mal uso delas. Muitos usuários jogam o lixo no chão e o comércio coloca seus sacos de lixo na praça, em vez de em sua calçada. Esses lixos não são separados em categorias como metais, plástico, vidro e orgânico, restando aos catadores selecionar seus materiais em lixeiras da prefeitura e em sacos de lixos deixados pelo comércio, sem distinção de categoria. Essa cena é bem ilustrada na figura 4. Tudo isso resulta em um ambiente sujo. De 10 horas da noite, parte desse material é levado pelo caminhão de lixo. De forma breve, é possível dizer que o piso também está em péssima condição.

Figura 4 – Catadores selecionando os recicláveis nos sacos de lixo descartados pelo comércio



Fonte: autor, (2021).

Atualmente, os postes de iluminação clareiam bem o local à noite, porém, segundo um motorista de aplicativo, a iluminação já foi péssima durante 2 anos. Já a câmera de vigilância pública monitora o movimento dos carros e a dinâmica da praça próxima às palmeiras imperiais. Esse espaço é usado estrategicamente pelos usuários de drogas, pois as filmagens podem servir como prova contra o abuso de autoridade policial. Isso ficou bastante evidente na fala de um usuário e de um catador.

Dada essas questões, é importante destacar alguns pontos. Primeiramente, sobre as infraestruturas da Praça da Convenção mencionadas anteriormente, como

espaço de jogos e locais de assento, é possível dizer que não necessariamente definem um espaço de lazer, como justifica França (2018), mas asseguram essa função.

Outro ponto a ser considerado é a variação de comportamento dos indivíduos em relação a cada equipamento (LIMA, 2008). Por exemplo, embora o espaço de jogos foi idealizado para realizar jogos de dominó e dama, também é apropriado por moradores de rua como abrigo e, de vez em quando, por pessoas que praticam capoeira. Mesmo formas espaciais que aparentemente tem apenas um uso, podem revelar uma gama de possibilidades de apropriação, indo além da concepção dos arquitetos e urbanistas (MENDONÇA, 2007). Basta lembrar do bicicletário, que tem sido usado por crianças que moram na região como espaço de brincadeira.

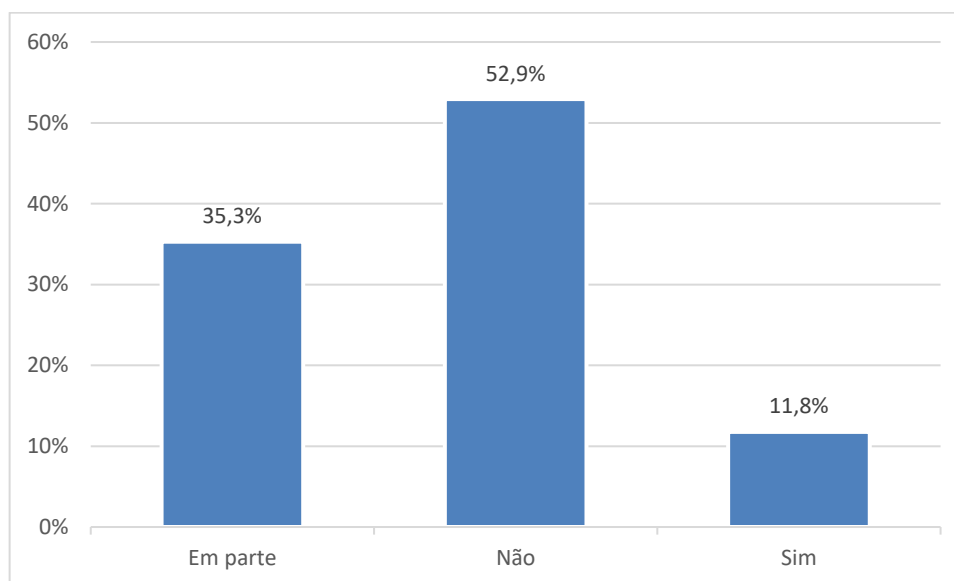
A seguir vale analisar que tipos de melhorias esse espaço pode ter de acordo com o formulário aplicado e se suas estruturas e serviços atendem às necessidades de seus usuários ou não.

4.4 Atendimento das necessidades, melhorias e implementações

Os dados obtidos por meio da aplicação dos formulários estão expressos na forma de gráfico. O objetivo aqui, como está presente no título, é discutir sobre as necessidades atendidas e possíveis melhorias e implementações na Praça da Convenção.

No formulário foi perguntado aos sujeitos relevantes à pesquisa se suas necessidades eram supridas, no que diz respeito aos serviços e à infraestrutura da Praça da Convenção de Beberibe. As possíveis respostas eram: sim, em parte e não. O resultado expresso no gráfico 1 mostrou que, de certa forma, pelo menos algo incomodou os moradores que responderam em parte ou não. Vale lembrar que juntos o valor percentual resultou em 88,2%. O gráfico a seguir sobre as melhorias é um complemento desse último, o que explica melhor o que levou os usuários a ficarem insatisfeitos com a infraestrutura e serviços da praça.

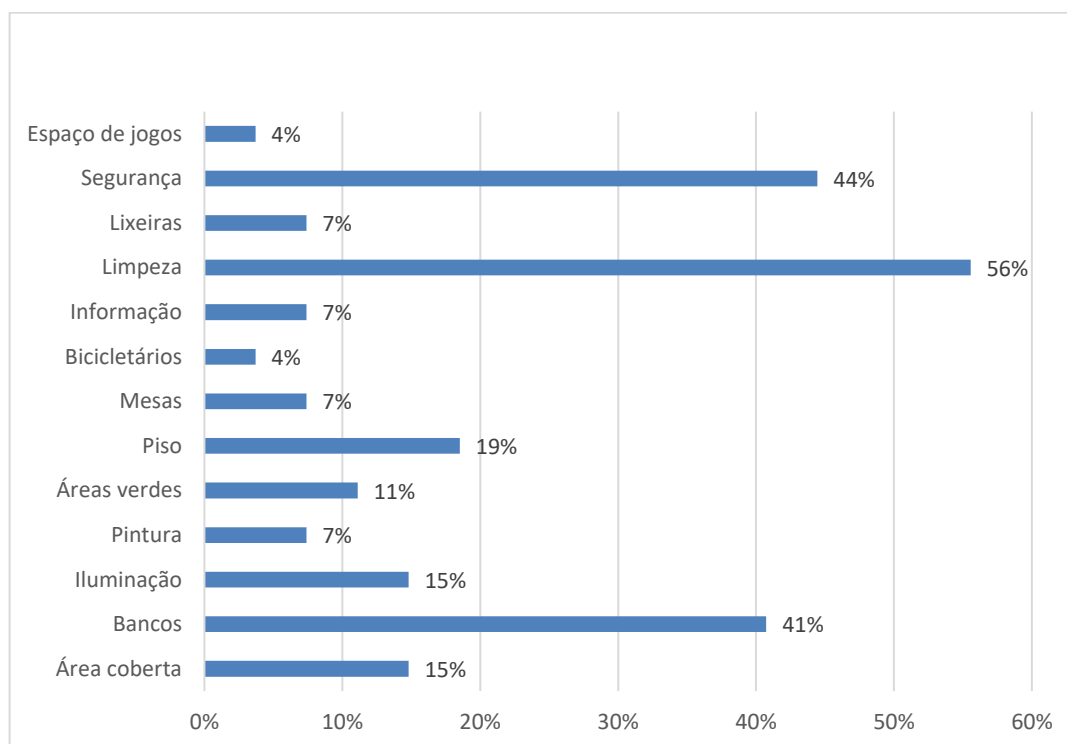
Gráfico 1 – Atendimento das necessidades em serviços e infraestrutura na Praça da Convenção, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2021



Fonte: autor. Aplicação de formulários de perguntas, nov. 2021.

Dentre as opções de melhoria, observa-se espaços de jogos, segurança, lixeiras, limpeza, informação, bicicletários, mesas, piso, áreas verdes, pintura, iluminação, bancos e área coberta. Todas elas estão bem representadas no gráfico 2, juntamente com os percentuais de resposta do formulário. O que ficou evidente é que a maioria listou segurança (44%), limpeza (56%) e bancos (41%). O primeiro item mais mencionado foi a limpeza, com 56%. Como já foi dito anteriormente, ela não é de qualidade. Embora ao longo do mês de novembro tenha se observado a ação do poder público no sentido de limpar o local, em dias alternados da semana, geralmente à manhã e à tarde, ele volta a permanecer sujo no dia seguinte. Isso permanece mesmo com a coleta de lixo às 10 horas da noite.

Gráfico 2 – Melhorias na infraestrutura e serviços da Praça da Convenção, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2021



Fonte: autor. Aplicação de formulários de perguntas, nov. 2021. Nota: Nessa questão do formulário de perguntas, os inquiridos poderiam escolher mais de uma alternativa como respostas.

Longe de indicar quem é o culpado, é preciso pensar se essa qualidade de limpeza é realmente suficiente ou são os usuários e transeuntes que jogam seus lixos no chão de maneira inapropriada. Seja quem for, isso pesa bastante na imagem da praça, inclusive, recebendo denuncia em rede social quanto à poluição visual atrelada à relação das pessoas com o espaço público.

Nas observações realizadas também foi possível identificar comportamentos que pesam negativamente nesse sentido, como o comercio que joga seu lixo em grandes sacos no ambiente da Praça da Convenção, em vez de em sua calçada, e os catadores, que acumulam seus recicláveis no ambiente e que durante a seleção dos materiais espalham o lixo reminiscente dos sacos jogados pelo mercado e lixeiras da prefeitura. O lixo também é jogado no gramado pelas pessoas que usam da praça e/ou passam por ela.

Por outro lado, em períodos de festa, como foi observado na Festa da Nossa Senhora da Conceição, essa limpeza é redobrada, com uma equipe bem maior que a

normal. O ideal, na verdade, seria manter todo dia o ambiente limpo, afinal, se está falando de uma praça com significado histórico.

Vale questionar, nesse sentido, a consciência ambiental de seus usuários e transeuntes. Afinal, o próprio rio Beberibe, que dá nome ao bairro, é um dos rios mais sujos de Pernambuco, afetado principalmente pelo volume assustador de lixo que, conseqüentemente, gera a dinâmica de assoreamento (JORNAL DO COMÉRCIO, 2021). Num bairro onde casos desses ocorrem, mesmo pondo em vista a dinâmica hierárquica das bacias hidrográfica, se questiona se a população poderia fazer o mesmo com a praça.

Há, inclusive, uma fiscalização quanto ao mal uso da praça, que interfere diretamente na dinâmica de uso espacial dos catadores, afinal, a praça é vista por eles como local de estocagem. Mas não é uma regra geral, visto que alguns preferem levar consigo esse material em suas carroças. Quando esses recicláveis acumulam em grande quantidade, chegando a incomodar as pessoas que utilizam esse ambiente, o poder público é chamado. Fica claro, desse modo, que o Estado, além de apresentar um aparato coercivo, assume controle sobre o espaço público, numa dinâmica territorial marcada pela relação de poder, que em última instancia, requer da violência como meio de definir a relação hierárquica entre dominado e dominante (SOUZA, 2000). Inclusive, complementando o que foi falado anteriormente, essa leitura do local é feita diariamente, mesmo sem horário predefinido, os agentes da prefeitura tiram fotos do local e realizam registros da sua condição. Enfim, são diversos agentes envolvidos.

Quanto à segurança (44%), muitos dos entrevistados relataram a sensação de medo em estar na Praça da Convenção. Essa imagem, segundo os próprios participantes da pesquisa, está relacionada aos casos de assassinato e de roubo que aconteceram nesse ambiente e foram veiculados pelos programas policiais. Segundo esses entrevistados há dois fatores que levam a essas práticas: o ambiente aberto e a pouca vigilância. Alves (2014), nesse sentido, menciona que a violência urbana e o risco de assalto em espaços públicos influenciam diretamente em seu uso e apropriação. Como consequência, é construída uma sensação de medo na população, que pode ou não frequentar esse espaço.

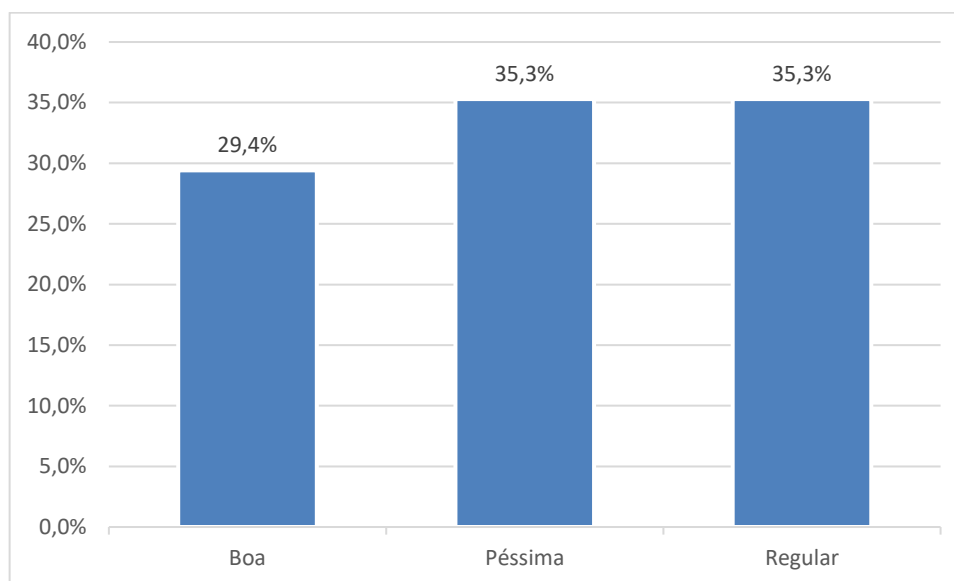
Por fim, no que diz respeito aos bancos da praça, os dados apontam para 41%. Sua melhoria é crucial, pondo em vista que é na praça público onde ocorre dinâmicas

de interação social, descanso e encontro (MENDONÇA, 2007). Diante disso, exigiu-se uma melhor pintura dos bancos, como também conserto das tábuas de madeira soltas que os estruturam. Tendo em vista as principais infraestruturas e serviços da praça, vale falar sobre a avaliação delas pelos entrevistados.

A partir da leitura do gráfico 3, é possível concluir algumas questões. Primeiramente, que o público se encontra bastante dividido quanto a avaliação da infraestrutura da praça, entre boa, péssima e regular. De certo modo, boa parte respondeu péssima e regular, totalizando 70,6%, levando ao entendimento que há muito o que melhorar.

Embora já sido explanada essa questão nos parágrafos anteriores, vale lembrar que a infraestrutura é um elemento condicionante na definição de um espaço público de lazer (FRANÇA, 2018). Não quer dizer, porém, que seja obrigatório ter uma estrutura física para cada uso para que uma atividade possa ocorrer. Isso também inclui a condição encontrada dos equipamentos públicos. Como se pôde notar, há pessoas que ainda usam esse espaço, mesmo com toda crítica listada anteriormente. Adiante, cabe entender a avaliação quanto a manutenção do espaço público estudado.

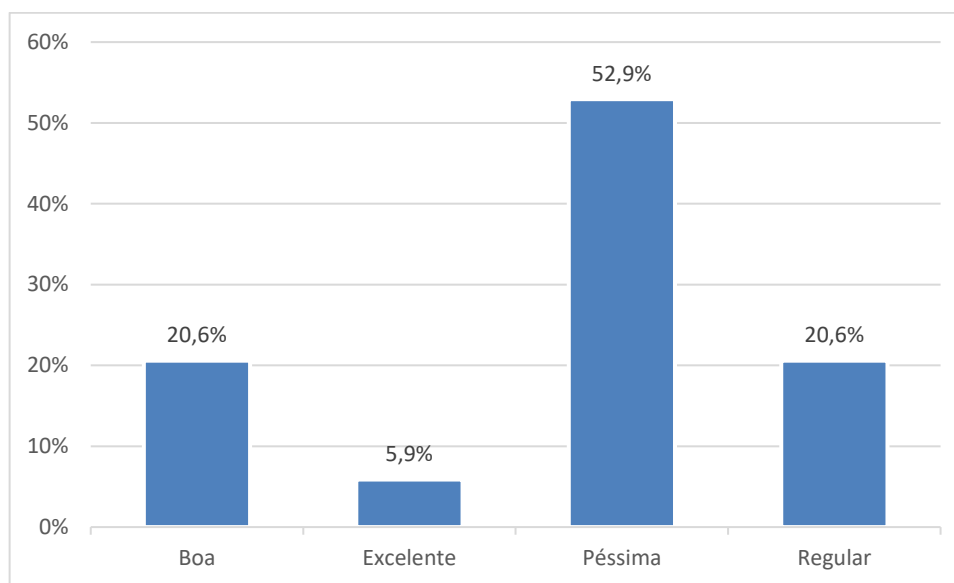
Gráfico 3 – Avaliação da estrutura física da Praça da Convenção, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2021



Fonte: autor. Aplicação de formulários de perguntas, nov. 2021.

Das 4 respostas possíveis (boa, excelente, péssima e regular) sobre a manutenção da Praça da Convenção, a que mais se destacou foi péssima, com 52,9%. Como fica evidente na discussão anterior, o maior culpado é a limpeza. Embora se discuta sobre o abandono das praças pelo poder público (LIMA, 2008), não há de fato um descaso total, pois afinal tanto a fiscalização, quanto a equipe de limpeza e coleta de lixo tem realizado seu papel. Agora o mesmo não pode ser dito em relação a pintura, estado do monumento da Convenção de Beberibe, do gramado e do piso. Tendo em vista isso, vale apontar para outro fato.

Gráfico 4 – Manutenção da Praça da Convenção, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2021



Fonte: autor. Aplicação de formulários de perguntas, nov. 2021.

Ao observar a realidade de outras praças públicas, do entorno, ou centrais do município, pode-se observar a presença de certos elementos, como: academia da cidade, bike Itaú, espaço de recreação infantil, espaços de vendas, feiras, posto policial, fontes, banheiro público, WI-FI e internet e apresentações culturais.

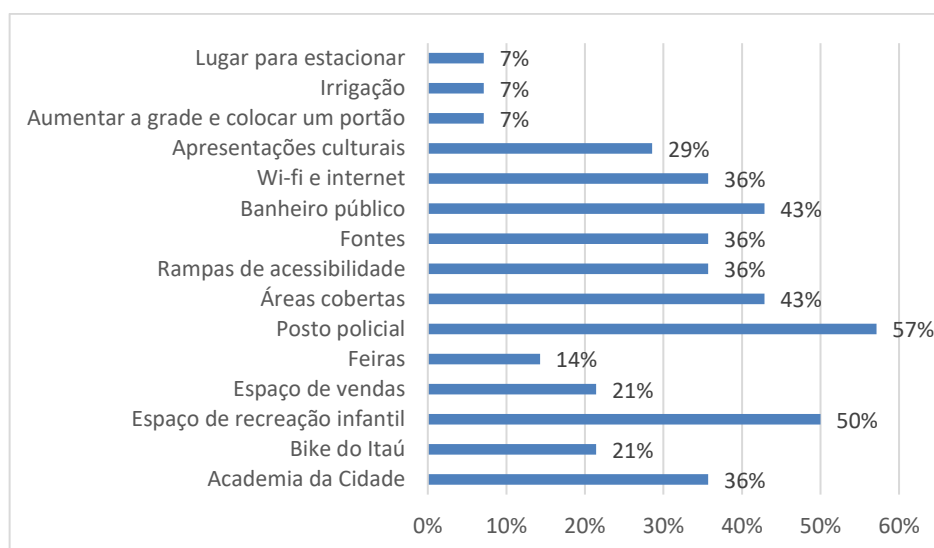
Esses equipamentos e serviços poderiam também estar presentes na Praça da Convenção de Beberibe, porém, a bem da verdade, é preciso ser realista, sua dimensão não é capaz de suportar isso tudo, pelo menos não de forma harmônica, o que poderia descaracterizar até mesmo a identidade da praça, fora que essa questão ainda envolve a iniciativa do poder público e/ou privado, bem como popular, no que diz respeito a busca de suprir ou gerar uma demanda social.

Porém, a existência desses equipamentos e serviços em outros espaços públicos, que se encontram ausentes na Praça da Convenção de Beberibe, provoca uma disputa por centralidade, o que tem como consequência a atração de outros públicos para os bairros onde eles se encontram, inclusive o de Beberibe. Aliás, é por esse motivo, que é tão difícil trazer uma única definição de praça pública, cada uma possui sua própria particularidade, definidas em suas infraestruturas, funções e usos

(LIMA, 2008). Desse modo, não é à toa, que um elemento pode estar presente na Praça da Convenção e na outra praça não, vice-versa. Além disso, mesmo que esses espaços públicos tenham os equipamentos, seus usos e funções podem ser variados.

Como forma de observar esses anseios anteriormente relatados, foi inquirido aos entrevistados sobre suas preferências quanto a implantação de serviços e equipamentos que não estavam presentes na praça, ou pouco estavam presentes. O resultado está expresso no gráfico 5.

Gráfico 5 – Possíveis implementações que poderiam ter na Praça da Convenção, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2021



Fonte: autor. Aplicação de formulários de perguntas, nov. 2021. Nota: Nessa questão do formulário de perguntas, os inquiridos poderiam escolher mais de uma alternativa como respostas.

Como resultado, observa-se que, no gráfico 5, 57% dos entrevistados afirmaram que deveria haver algum posto policial. O que fica evidente a necessidade de uma maior segurança no local. De acordo com os frequentadores, só no mês de novembro, houve 3 casos de assassinato na praça.

Outros afirmam que já houve um posto policial no local, porém pouco adiantou sua presença, os casos de assalto e assassinato continuaram. Essa falta de eficiência consequentemente resultou na sua retirada. Não foi possível, no entanto, evidenciar quando foi instalado esse posto policial, quando foi retirado e em que parte da praça ele se encontrava.

Por outro lado, 50% do público destacou a importância de um espaço de recreação infantil. De fato, isso poderia gerar uma demanda, que aliás, já é existente,

mesmo sem o equipamento, como foi possível observar no caso das crianças que brincavam a noite no ambiente.

O único problema mesmo é que a praça fica ilhada entre o trânsito, que é bem movimentado em grande parte do dia, o que transmite insegurança em relação às crianças. Por exemplo, qualquer distração ou falta de supervisão de pais ou responsáveis pelos menores, poderia impactar num possível acidente, caso as crianças resolvessem atravessar a rua sozinha. Inclusive, esse foi um dos exemplos apontados pelo entrevistado, o que reforça essa visão.

Além disso, 43% dos usuários alegaram a necessidade da implantação de um banheiro público. Embora a praça não apresente um banheiro público, o Mercado Público de Beberibe, localizado ao seu lado, apresenta um, e, geralmente, é o local onde as pessoas se dirigem para saciar suas necessidades. Mesmo assim, não exclui essa possibilidade, que, com certeza, facilitaria bastante o acesso ao sanitário do público que frequenta a Praça da Convenção e dos demais que circulam entre os mercados e lojas.

Também, 43% colocaram a importância de mais áreas cobertas. A Praça da Convenção apresenta apenas uma área coberta, que restringe seu público ao espaço de jogos, enquanto as outras pessoas ficam sujeitas à exposição ao Sol e à chuva. Mesmo assim, alguns se arriscam a enfrentar essas condições, enquanto outros criam estratégias como o uso do guarda-chuva para se proteger do tempo.

Esse quadro muda a noite, quando o sol deixa de ser um problema. Porém, quando chove, esses sujeitos novamente se direcionam à área de jogos, ou aos cantos cobertos ao redor da praça, como o posto de gasolina e outros estabelecimentos comerciais.

É possível inclusive relacionar o que foi dito com o território cíclico dado por Souza (2000), afinal fica bem claro como a relação das condições climáticas e das sucessões dos dias e das noites influenciam na dinâmica territorial do local, inclusive variando na escala temporal.

Ainda, 36% responderam Wi-Fi e Internet. Essa é uma questão interessante a ser discutida, pois há uma iniciativa da Prefeitura do Recife em democratizar o acesso à internet, oferecendo esse serviço gratuito em ambientes públicos. Ao todo são 137

pontos de acesso nas seis regiões do município (Noroeste, Centro, Oeste, Sudoeste, Sul e Norte) (PREFEITURA DO RECIFE, *s/d*).

Para quem busca navegar na internet, nem precisa realizar um cadastro, basta apenas conectar ao Wi-Fi. Sobre a velocidade da internet, ela chega 1 Mbps e o usuário tem direito a 2 horas ininterruptas de internet por dia. Como se está falando de praça pública aqui, vale citar alguns exemplos: Praça do Derby, Praça do Morro da Conceição, Praça da República, Praça do Arsenal, Praça da Avenida do Forte, Praça de Jardim São Paulo, Praça de San Martin e Pracinha de Boa Viagem. Há outros espaços centrais dentro do contexto do Recife, como o Parque da Jaqueira, Sítio da Trindade, Mercado de Casa Amarela, Rua da Aurora, Rua da Moeda, Marco Zero, Mercado de São José, Mercado da Encruzilhada e muitos outros (PREFEITURA DO RECIFE, *s/d*).

De acordo com o Diário de Pernambuco (2021), essa internet pode ser apropriada pelo comércio, principalmente pensando no uso das maquininhas de cartão de crédito, como pelo público em geral. Isso permite uma nova forma de convivência com esses espaços públicos.

Novamente, 36% sugeriram a colocação de fontes de água. Embora os usuários da praça entrevistados não tenham justificado a escolha, é possível realizar algumas considerações. Se por um lado seria positivo do ponto de vista estético, por outro poderia ser apropriada por pessoas em situação de rua, como espaço de banho ou de lavar roupa.

Esse caso, embora seja um exemplo bem distante da realidade estudada, é encontrado na Praça das Nações, em Tocantins. Em resposta, a Prefeitura de Araguaína aterrou o equipamento que era visto como ponto turístico (G1, 2021). Essa “solução” é mais uma forma de segregação socioespacial.

Tratam-se, inclusive, de demarcações limites e barreiras simbólicas, porém, diferente do que afirma Serpa (2013), esses são bem aparentes. Tendo em vista que a segmentação aparece com mais intensidade que a transversalidade. Enfim, do ponto de vista da Praça da Convenção, essa cena é bem possível, inclusive restando a pensar se isso é replicado na Praça do Derby e na Praça do Diário, em que possuem fontes como um de seus equipamentos.

Outra opção do formulário mais escolhida foram as rampas de acessibilidade (36%). Vale lembrar que já existem duas rampas no local, dando acesso a parte central da praça de um lado a outro. Porém, durante o formulário, perguntou-se se seria necessário ampliar esse número.

De acordo com Censo do IBGE (2010), no Recife, existem 136.975 pessoas com algum tipo de deficiência motora, sendo dividida em: “Não consegue de modo algum”, “Grande dificuldade” e “Alguma dificuldade”. Em números relativos, isso representa 8,91% da população do Recife. Só para constar, esse número em escala nacional chega a alcançar 13.265.599, que em números relativos é 2,3% da população absoluta do país. Tendo em vista isso, vale constar que, diante dos vários direitos assegurados à pessoa deficiente no artigo 8 da Lei de nº 13.146 (2015), destaca-se a acessibilidade. Acessibilidade é entendida como:

Possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida (BRASIL, 2015).

No caso da Praça da Convenção, o instrumento utilizado para assegurar essa acessibilidade são as rampas, conseguindo assim facilitar a vida dos cadeirantes que desejam usufruir do ambiente público ou facilitar sua passagem por ele. Não se busca aqui esgotar esse tema, apenas ressaltar a sua importância, pois afinal todos são iguais perante a lei. Desse modo, vale prosseguir o raciocínio anterior.

Outras 36% optaram pela Academia Cidade. A ideia desse programa surgiu em 2002. A responsável por sua criação foi a Secretaria de Saúde do Recife, que inclusive responde ao Sistema Único de Saúde. Desde então, seu principal compromisso tem sido fornecer atividades físicas e de lazer à população (HALLAL *et al*, 2010).

Essas atividades são desenvolvidas em ambientes públicos, como praças e parques. Dentro da realidade de nosso estudo, é possível elencar a Praça Dr. Alberto Vanderlei, localizada no bairro Porto da Madeira, e o Parque da Jaqueira, localizada no bairro com nome homônimo, como possíveis exemplos da aplicação desse projeto. Por mais que apresentem suas diferenças, em nível de complexidade, ambas têm em comum a questão da centralidade, que exerce um papel importante dentro de um bairro, por oferecer um serviço não encontrado em sua proximidade, como foi citado no referencial teórico na fala de Halley (2014).

No formulário, 29% das pessoas escolheram a opção apresentação cultural. Na verdade, já existem. Embora algumas atrações culturais foram atingidas pela pandemia, como a Batalha da Convenção, outras ainda se mantêm, como a Festa da Nossa Senhora da Conceição de Beberibe. Esses dois eventos serão aprofundados em outras subseções.

Porém, em relação a outros ambientes públicos, como a Praça da Várzea, cujo bairro tem o nome homônimo, ainda deixa a desejar. A título de exemplo, vale citar o Festival de Inverno da Várzea. Nesse evento que ocorre desde 2010, há apresentações culturais, como capoeira, maracatu, coco de roda, blocos carnavalescos e outras manifestações. Em sua 6ª edição, conseguiu reunir 33 atrações, contando com artistas vindo de todos os cantos de Pernambuco: Arcoverde, Garanhuns, Olinda, Alto José do Pinho, Boa Viagem, Candeias e outras localidades (CULTURA PE, 2015). Não se busca aqui, porém, esgotar esse tema, apenas vale mostrar a relevância que a Praça da Várzea apresenta, no que diz respeito a oferta de cultura.

Ademais, pôde-se observar que 21% dos entrevistados destacaram a importância de implementar um espaço de vendas. Chega-se a questionar se isso seria possível, uma vez que o poder público impede que os ambulantes vendam seus produtos na praça. Esse impedimento ocorre por meio de uma fiscalização da prefeitura. Os funcionários públicos, responsáveis por essa tarefa, visitam a praça em horários aleatórios do dia e registram, por meio de fotos e anotações, se alguma atividade de comércio está sendo desenvolvida nesse ambiente. É importante destacar que essa supervisão é seletiva. Posteriormente, isso será explicado. Essa mesma fiscalização é feita para impedir o acúmulo de materiais recicláveis na praça. Os responsáveis por fazer isso, como já foi dito anteriormente, são os catadores de lixo.

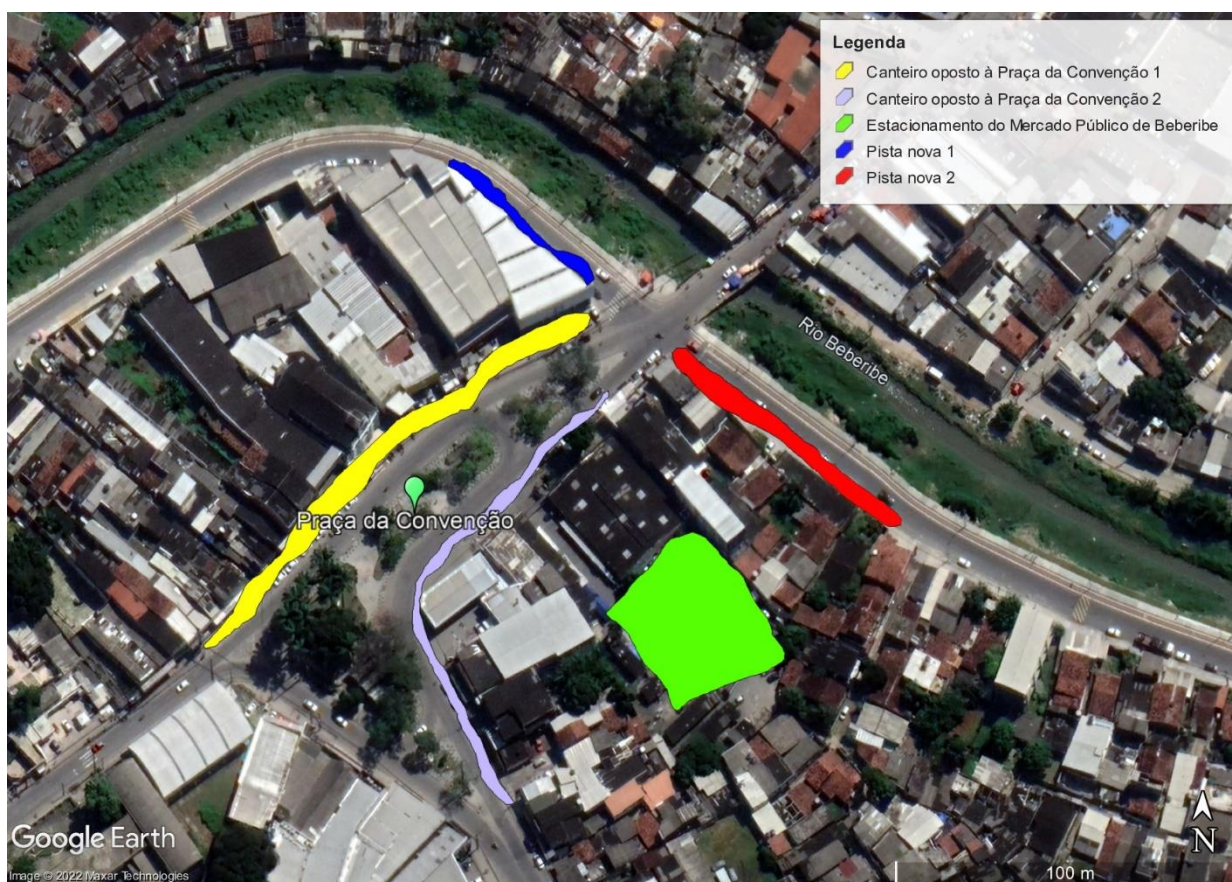
No formulário, 21% dos usuários da praça responderam Bike Itaú. Segundo a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL, 2010), sob responsabilidade do órgão privado Itaú Unibanco e presente nas estratégias de seu setor de sustentabilidade, a Bike Itaú tem como compromisso integrar as bicicletas na dinâmica da mobilidade urbana. Dessa forma, consegue atender o objetivo de número 11 dos ODS (Cidades e Comunidades Sustentáveis), oferecendo um transporte seguro, sustentável, acessível e que preza pela qualidade do ar.

Tendo em vista que a cidade é um ambiente de troca entre os sujeitos, é preciso criar condições de deslocamento para que essa interação seja possível. Para que isso, a Bike Itaú oferece um sistema de bicicletas compartilhadas. Dentre as possíveis vantagens, tem-se: intermodalidade dos sistemas de transporte e a criação de uma demanda por infraestrutura cicloviária. Em questão de área de atuação, a Bike Itaú está presente em São Paulo (SP), Porto Alegre (RS), Salvador (BA), Recife, Olinda e Jaboatão dos Guararapes. Também está presente fora das fronteiras brasileiras, como no Chile e na Argentina (CEPAL, 2020).

Mesmo ausente a Bike Itaú no bairro de Beberibe e na Praça da Convenção, há infraestruturas que permitem sua circulação. Uma delas é a Ciclovia Beberibe, com 2 km de extensão. Embora o trecho seja relativamente curto, por ser interligada à Ciclovia Sebastião Salazar, o usuário pode ter acesso a uma rede de 68 km de ciclovia que conecta o Centro à Zona Norte do Recife. Não só isso, como dentro da realidade da nova avenida nas margens do Rio Beberibe, onde está localizada a ciclovia, é possível ter acesso a Avenida Hildebrando de Vasconcelos, Uriel de Holanda e Beberibe (JORNAL DO COMÉRCIO, 2021). Há outros pontos próximo de retirada das bicicletas do Itaú, como no Mercado Público de Água Fria e na Encruzilhada.

Por fim, em menor expressão, cerca de 7% do público entrevistado mencionou a importância de se ter um lugar para estacionar, uma irrigação, um aumento da grade e um portão. Vale detalhar cada um desses itens em parte. A começar pelo estacionamento (croqui 4).

Croqui 4 – Locais de estacionamento nos arredores da Praça da Convenção, Beberibe, Recife, Pernambuco, 2022



Fonte: Google Maps (2022).

Nas intermediações da Praça da Convenção, há apenas um estacionamento, que fica localizado no Mercado Público de Beberibe. Os demais veículos são colocados nos canteiros opostos a praça, onde é permitido estacionar. Porém, também há casos de donos de veículos que colocam seus automóveis na pista nova que interliga Beberibe e Dois Unidos e na Avenida Poeta Vinícius de Moraes, onde o estacionamento é proibido.

Além disso, segundo o motorista de aplicativo, seria necessário ter uma irrigação no gramado da praça, pois ele se encontra ressecado. Isso interfere negativamente na paisagem da praça. Outra opção escolhida pelos usuários no formulário foi o fechamento da Praça da Convenção em grades e portões. Isso está relacionado ao sentimento de nostalgia da configuração passada desta praça. Porém, também resguarda um cunho segregador, pois a real intenção da busca por essa retomada é retirar os “noiados”, nomenclatura preconceituosa dada aos sem-teto, resumindo todos a drogados.

Isso está associado ao efeito de classe dado por Serpa (2013), uma vez que a segmentação supera a transversalidade. Dessa forma, é possível afirmar que, mesmo que o espaço público tenha como principal característica o estreitamento das distâncias físicas e simbólicas entre os sujeitos (FRANÇA, 2018), há pessoas que podem discordar disso.

Tudo isso foi para mostrar que cada infraestrutura e serviço de uma praça é importante para definir sua centralidade em relação às outras. Observou-se também os (des)caminhos que podem levar a um melhor aproveitamento do espaço da Praça da Convenção por seus usuários.

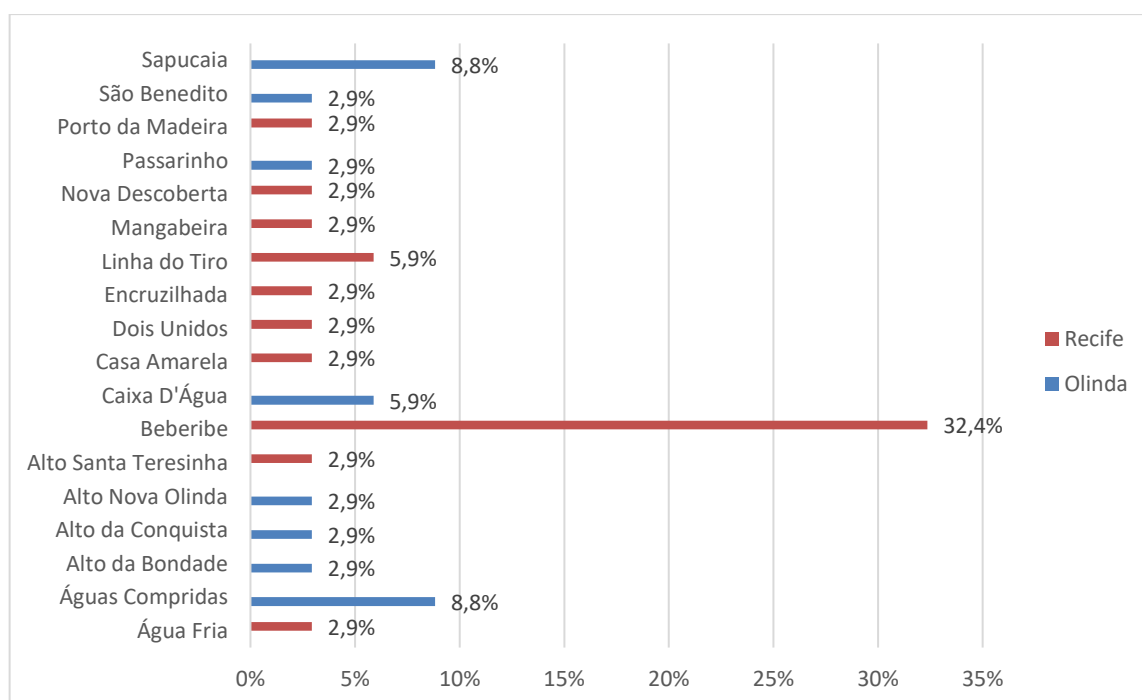
5 USOS E APROPRIAÇÕES DA PRAÇA DA CONVENÇÃO

A divisão desta seção será dada da seguinte forma: primeiro, haverá a apresentação e discussão dos aspectos socioeconômicos; após isso, o mesmo ocorrerá com a identificação dos sujeitos, com as tensões e conflitos e com os impactos da pandemia, respectivamente. Tendo em vista isso, vale levantar o que foi encontrado sobre os aspectos socioeconômicos, a começar com a identificação dos bairros.

5.1 Caracterização dos sujeitos e grupos sociais

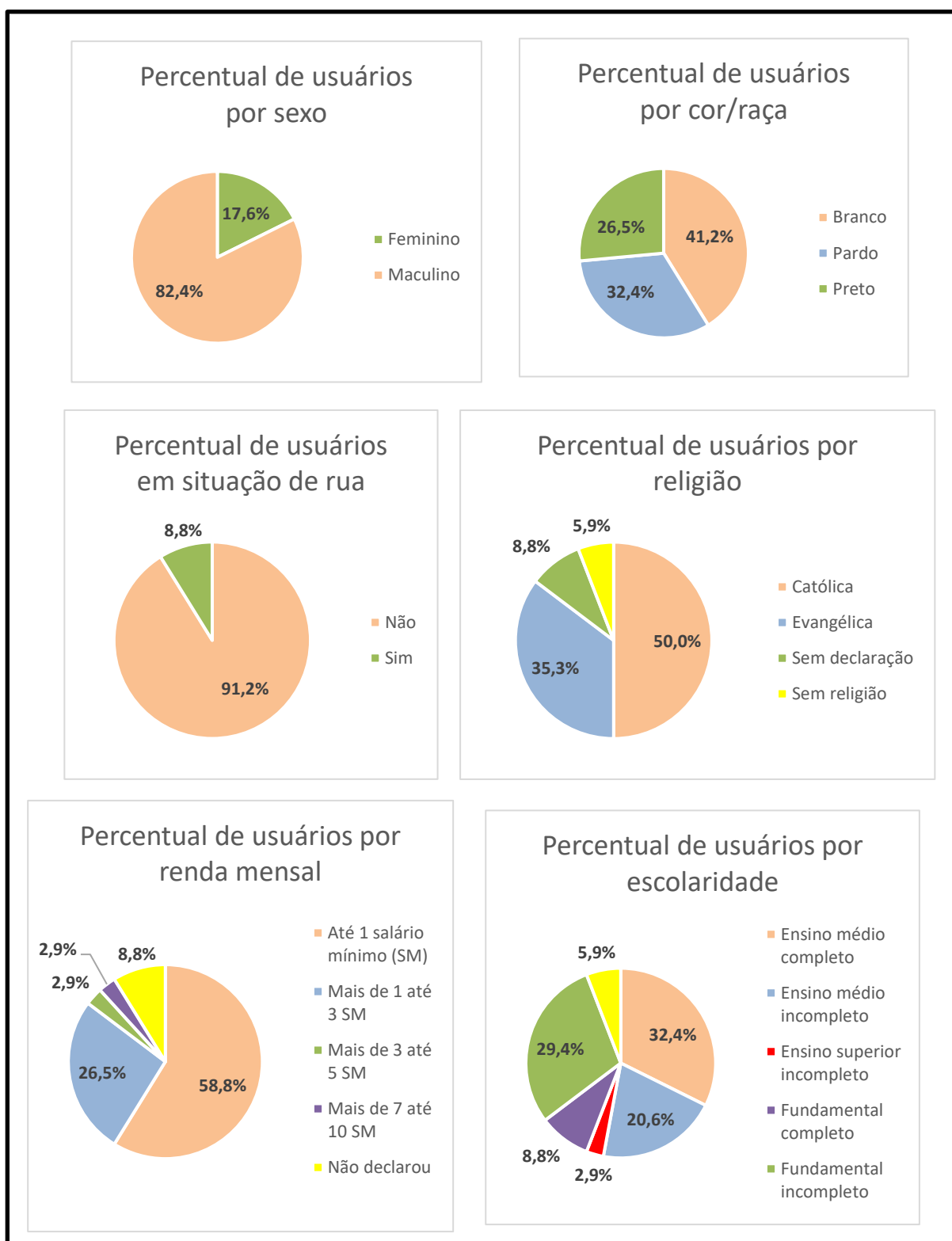
De maneira geral, pode-se dizer que a Praça da Convenção é composta majoritariamente por usuários vindos dos bairros do Recife, que não estão em situação de rua, do sexo masculino, negros (pardos e pretos), de 31 a 60 anos, católicos, com até 1 salário-mínimo, com ensino fundamental incompleto ou ensino médio completo e de maioria autônomo. Essas informações podem ser vistas mais detalhadamente nos gráficos 6, 7 e 8.

Gráfico 6 – Moradores dos bairros de Recife e Olinda que frequentam a Praça da Convenção, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2021



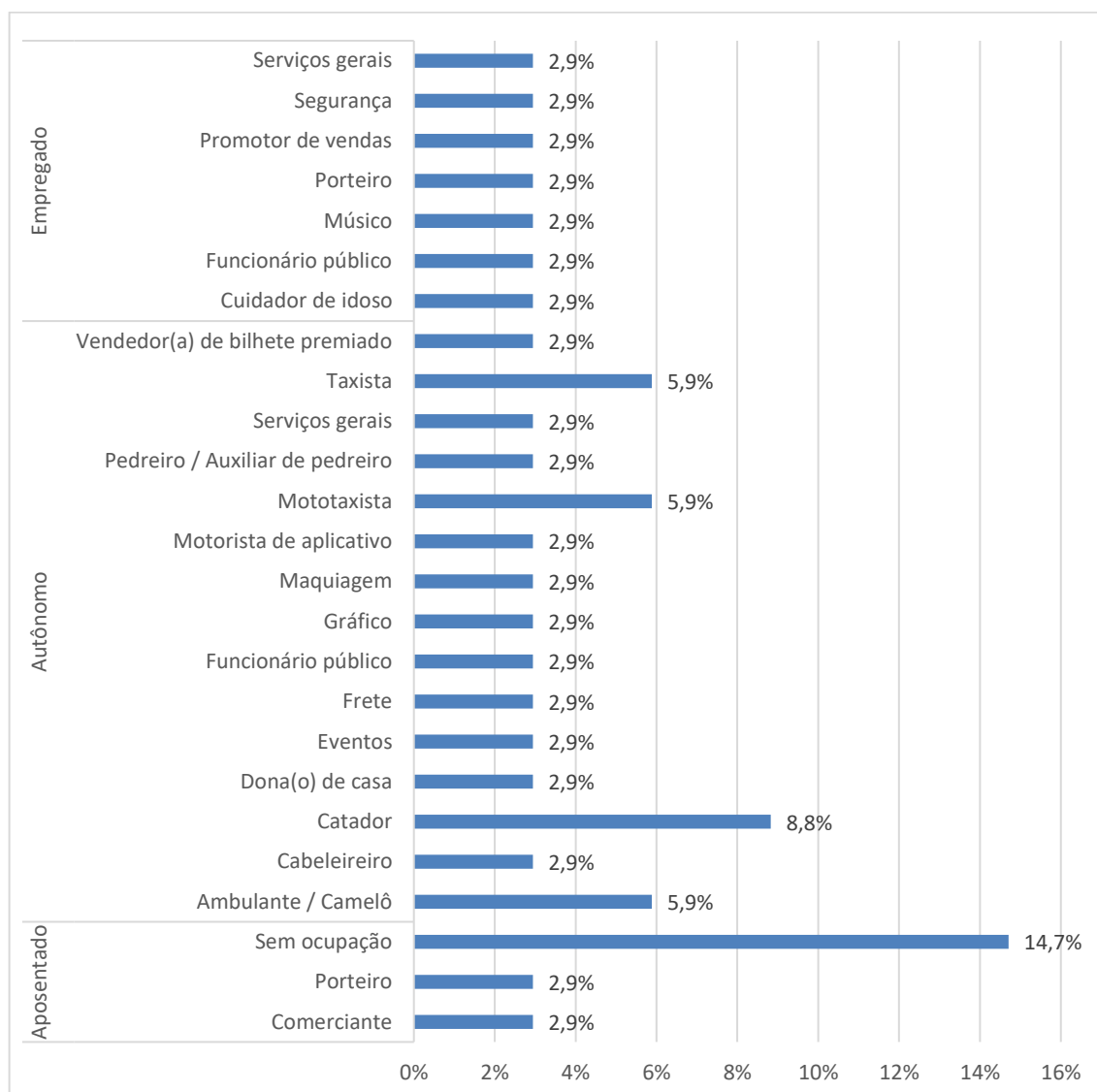
Fonte: autor. Aplicação de formulários de perguntas, nov. 2021.

Gráfico 7 – Características socioeconômicas dos usuários da Praça da Convenção, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2021



Fonte: autor. Aplicação de formulários de perguntas, nov. 2021.

Gráfico 8 – Ocupação dos frequentadores da Praça da Convenção, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2021



Fonte: autor. Aplicação de formulários de perguntas, nov. 2021

O gráfico 6 mostra que a Praça da Convenção não é frequentada apenas pelos residentes de Beberibe, embora a maioria de seu público seja composto pelos moradores de seu bairro (32, 4%). Outro ponto a ser observado é a clara relação entre Olinda e Recife, tendo em vista Beberibe ser um bairro de limite entre os dois municípios. Essa relação é percebida pela presença de moradores dos bairros de Olinda na Praça da Convenção.

Já os moradores de rua são aqueles sujeitos que vivem condições desumanas, sendo as ruas espaços de privação de direitos. Essas pessoas têm em comum o fato de viverem na extrema pobreza, com vínculos familiares deturpados, não terem

acesso a moradia e verem a rua como espaço de morada e sustento, seja de forma permanente ou temporária. Dados do Cadastro Único apontam para 1.292 pessoas nessa condição em Pernambuco. (SECRETARIA EXECUTIVA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL DE PERNAMBUCO, 2019).

Em relação ao baixo número de mulheres na Praça da Convenção é possível supor que apresentam uma sobrecarga de atividades em seus lares e não tenham tempo para visitar espaços públicos de lazer. De acordo com o Diário de Pernambuco (2021), a naturalização das mulheres ao serviço doméstico, como limpar a casa, cozinhar, lavar roupa e cuidar das crianças, somado a não divisão de tarefas entre os familiares, proporciona uma sobrecarga a elas. Como consequência, deixam de investir nelas mesmas, seja em seus estudos, em sua profissão ou em seu lazer.

Foi importante também saber que a maioria dos usuários da Praça da Convenção são negros. Com base nesses dados, é possível desenvolver estudos populacionais, voltados a essa população com altos índices de pobreza, mortalidade, analfabetismo e desemprego (IBGE, 2013).

Outra informação descoberta é a predominância do público mais velho nesse local. Isso não quer dizer, que o público jovem não frequente a praça também. O evento de rap Batalha da Convenção é um claro exemplo disso. O público infantil, por outro lado, ainda utiliza esse espaço, porém em horário noturno e em pequeno número.

Sobre a predominância do público católico, uma possível resposta é que esses sujeitos fazem parte ou frequentam a Paróquia Nossa Senhora da Conceição, tendo em vista a proximidade do local. Por outro lado, pondo em consideração a prevalência de usuários com renda de até 1 salário-mínimo, pode-se associar essa questão ao bolsão de pobreza, que se firma na Bacia Beberibe e que contempla os municípios de Recife e Olinda.

Uma possível resposta para a baixa escolaridade indicada pela pesquisa é a desigualdade socioeconômica, regional e cultural. Desse modo, percebe-se a relação entre educação e estratos sociais. Quanto maior for o nível de escolaridade, maior será o reconhecimento social desse indivíduo, bem como as oportunidades de emprego. Somado a isso, espera-se também um incremento salarial (SANTOS, 2018).

Por outro lado, observa-se que a não conclusão de uma etapa de ensino, como o fundamental, está relacionada ao ato de ingressar cedo no mercado de trabalho. O que provoca, conseqüentemente, a evasão escolar, pela dificuldade de conciliar trabalho e escola (SANTOS, 2018).

Nesse sentido, os jovens e futuro adultos são postos em atividades informais e com pouca proteção trabalhista, reduzida apenas a subsistência. Embora não seja garantida, a finalização das etapas de ensino possibilita o acesso a empregos com carteira assinada (SANTOS, 2018).

Levando em conta a baixa escolaridade e renda, a maior variedade de profissões na Praça da Convenção é autônoma, como pode ser visto no gráfico 8. O trabalho autônomo tem como característica uma maior independência e controle sobre o próprio trabalho, sem envolver nenhum contrato empregatício. Desse modo, o sujeito é seu próprio chefe. Porém, se por um lado, consegue controlar sua jornada de trabalho, por outro pode correr riscos no exercício de sua profissão, sem nenhuma garantia de ajuda, pondo em vista que, sendo autônomo, não está sujeito a nenhum direito trabalhista (PALMEIRA, 2007).

Considerando isso, é possível afirmar, que é em períodos de recessão econômica, como na década de 1990, que os trabalhos autônomos tendem a crescer, enquanto os formais diminuem. Porém, quando há uma recuperação econômica, esse quadro tende a inverter. No entanto, o acesso ao emprego formal irá depender da qualificação do sujeito (PALMEIRA, 2007).

Desde 2020, o Brasil está passando por uma crise política, econômica e sanitária. Esses efeitos foram sentidos pela população de Recife e Olinda e, conseqüentemente, pelos usuários da Praça da Convenção. O resultado foi a maior busca por empregos autônomos e agravamento das desigualdades sociais. Dada as condições socioeconômicas dos usuários da praça, vale comentar agora sobre a identificação dos sujeitos e grupos sociais.

5.2 Identificação dos sujeitos e grupos sociais

A Praça da Convenção de Beberibe é visitada por sujeitos e grupos sociais, como: aposentados, jogadores de dominó e dama, ciclistas, usuários dos bancos da

praça, taxistas/mototaxistas/motoristas de aplicativo, funcionários dos comércios, ambulantes, vendedoras de bilhete premiado, catadores, moradores de rua, consumidores de droga, garotas de programa, católicos, protestantes, capoeiristas e rappers.

Geralmente, a praça é reconhecida pelos jogadores de dominó e dama, que a frequenta todos os dias, pela manhã, tarde e noite, das 8 da manhã até 8 da noite. É possível encontrar esses sujeitos no espaço de jogos. É nele onde organizam suas partidas amistosas e competitivas. Inclusive, recebendo visitantes de outros bairros, durante os campeonatos. Desde o início da pandemia, a organização desses torneios vem se reduzindo. Não só isso, seu público, majoritariamente composto por idosos, também diminuiu sua frequência e tempo de permanência no local.

Além disso, vale mencionar que essas atividades só são possíveis de serem realizadas mediante a inscrição da associação. O valor mensal não é tão expressivo, somente 6 reais. Na verdade, esse pagamento é apenas simbólico e só serve para gerir os recursos e realizar manutenção da localidade. O responsável por esse dever é o tesoureiro.

Já o presidente tem como função frequentar os torneios e atividades importantes. Quanto a organização, é possível dizer que em cada jogo há duas duplas e um juiz, que arbitra quem está seguindo as regras ou não. No mais, não há muito a se falar, apenas dizer que suas atividades ocorrem desde 1975.

Enquanto que os aposentados representam a maior parte do público que condiz com a categoria usuários dos bancos da praça. Sua distribuição é bem variada, mas se concentram próximo ao espaço de jogos, nas áreas sombreadas pelas árvores remanescentes da mata de Beberibe e as palmeiras imperiais. Geralmente, se reúnem em grupos, compostos por amigos de longa data, e passam o dia comentando sobre as novidades, fatos cotidianos e velhas lembranças. Porém, alguns preferem ficar isolados em seus lugares e visam apenas tomar um ar fresco, observar o movimento e sentir a “tranquilidade do lugar”¹⁵.

Quanto a frequência de seu uso, pode-se afirmar, de maneira geral, que os aposentados estão presentes todos os dias e em mais de um turno, geralmente pela

¹⁵ Em aspas, porque o local é bastante barulhento. A razão disso é o comércio e os automóveis que circulam.

manhã e pela noite. Porém, há outro grupo de aposentados, aqueles que vão a praça para jogar dominó e dama. Como visto anteriormente, sua frequência na praça é diferenciada, bem como suas atividades.

Os ciclistas, por sua vez, utilizam a praça como ponto de encontro. Embora não sendo possível verificar sua frequência semanal, é possível afirmar que se reúnem nela às 10 horas da noite. Durante as observações também foi possível verificar um grupo de patins, mas não foi possível obter informações sobre eles. No mais, há outro grupo a comentar, os usuários dos bancos da praça. Eles representam os moradores do bairro de Beberibe e do entorno. Sua frequência é diária e se encontram em maior número durante a noite.

Já os taxistas, mototaxistas e motoristas de aplicativo frequentam todos os dias, em todos os horários. Porém, sua presença depende do funcionamento do comércio. Em dia de domingo, quando o comércio fecha cedo, ou em feriado, quando não abre, os motoristas de táxi e de aplicativo ou trabalham apenas pela manhã ou não trabalham. Afinal, sem os clientes do comércio, não há demanda para seu serviço.

Os funcionários do comércio, por sua vez, aparecem, geralmente, em horários de intervalo de seus expedientes de trabalho, por volta das 14 horas. O uso que fazem da praça é para descanso e conversa. O local escolhido para descanso é o gramado próximo as palmeiras imperiais. Já para conversa são os bancos e a base do monumento da Convenção de Beberibe, que pelo seu desnível, permite ser também um local de assento.

Já sobre os ambulantes, é difícil afirmar que estão presentes na praça em grande quantidade, afinal, não passam de 5 por dia. Apenas dois ambulantes se fixam na praça, uma com objetivo de atender o público do espaço de jogos e outro com objetivo de vender churrasco ao público em geral na extremidade próximo a ponte que interliga Beberibe e São Benedito, os demais circulam em carroças ou levam consigo caixas térmicas, não ficando por muito tempo. A explicação para isso será dita nos demais parágrafos.

No mais, é possível dizer que estão presentes todos os dias, em maior quantidade pela tarde. Porém, no caso da ambulante que tem como ponto de venda o espaço de jogos, sua presença é pela manhã, tarde e noite, enquanto o vendedor de churrasco trabalha apenas à noite, de segunda à sábado.

Outro grupo são as vendedoras de bilhetes premiados, presentes dias de sexta e sábado, em todos os turnos. Geralmente, instalam-se em tendas, variando em duas ou três vendedoras, espalhadas de forma igualitária pela praça e em outras partes de Beberibe.

Os catadores, assim como os motoristas de aplicativo e de táxi, também se beneficiam do comércio, através dos lixos depositados em lixeiras públicas e sacos. Desse modo, a Praça da Convenção é vista como local estratégico de trabalho e como depósito de materiais recicláveis. Quando não colocados na praça, esse material é posto em algum local em sua proximidade, ou mesmo carregados diretos aos centros de recicláveis por meio de carroças.

Nesse sentido, é importante destacar que existem dois grupos de catadores: os que apresentam um lar e os que estão em situação de rua. O primeiro grupo frequenta a praça, geralmente, à noite, quando o lixo produzido no dia é acumulado. Já o segundo grupo tem a Praça da Convenção como local de moradia e se localizam no espaço de jogos.

Os moradores de ruas não são muitos, porém, pode-se dizer que a sua maioria trabalha com reciclagem. Geralmente, a praça para eles, como dito anteriormente, é vista como espaço de abrigo. Por esse motivo, é mais fácil de encontrar todos eles reunidos durante a noite, quando se reúnem para dormir.

Ao todo são 5 sujeitos, que moram na Praça da Convenção. Parte deles, são usuários de droga. No entanto, para o público em geral todos consomem drogas. Essa afirmação preconceituosa implica na segregação desses sujeitos.

Os consumidores de droga, de modo geral, frequentam a praça no mais tardar da noite. Essa informação foi possível obter através de relatos dos usuários dos bancos da praça e moradores de rua, por isso não se pode afirmar com certeza quantas vezes por semana frequentam a praça. O local de uso de drogas escolhido por eles é nas proximidades das palmeiras imperiais.

A razão dessa escolha está relacionada à câmera de vigilância presente no local. Ela é usada como justificativa para evitar qualquer possível violência abusiva policial caso sejam enquadrados. Além disso, não há pontos de venda de drogas na Praça Convenção. Essas drogas consumidas por esses usuários são comercializadas nas comunidades do entorno.

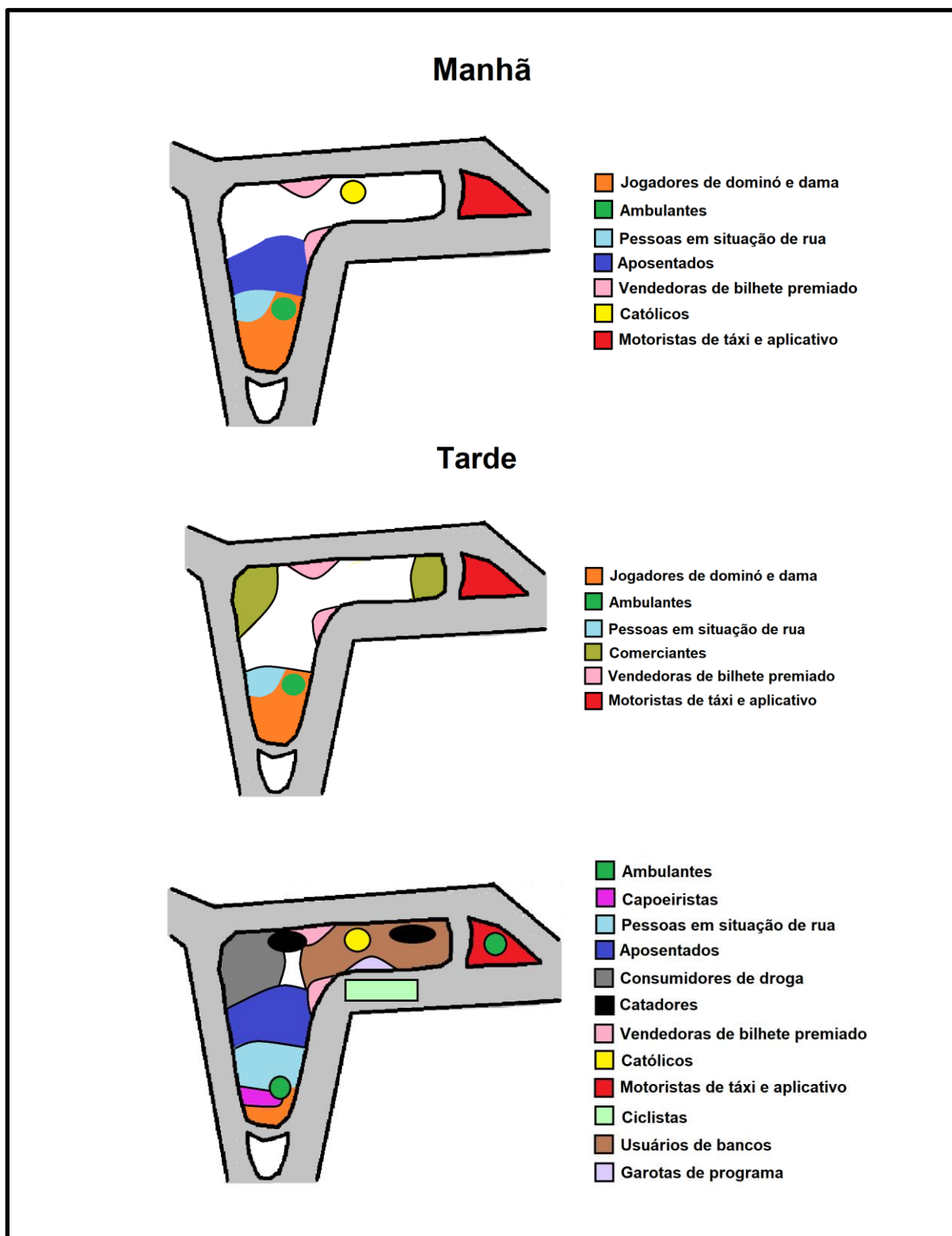
Tomou-se conhecimento das garotas de programa por meio das pessoas que sentam nos bancos da praça e dos moradores de rua. Esses indivíduos ora afirmavam que seus serviços eram prestados à noite, ora diziam que são realizados todos os horários do dia. Seja qual for a verdadeira história, o importa é que a Praça da Convenção é o local onde se encontram com os clientes, enquanto o Beco do Miúdo¹⁶, o local onde presta seu serviço. Não se soube, porém, quantas vezes por semana elas frequentavam a praça com esse objetivo.

Também foi possível observar a presença de católicos e evangélicos na praça. Isso ocorre, pois há várias igrejas católicas e evangélicas localizadas ao redor de Beberibe. Os que mais frequentam a praça são católicos, principalmente antes da missa, quando realizam preces à imagem da Nossa Senhora da Conceição, e no dia da Festa da Nossa Senhora da Conceição. Quanto as missas, elas ocorrem presencialmente nas quintas, nas sextas e nos sábados, às 19 horas, e nos domingos, às 7 horas, 17 horas e 19 horas, e online nas quintas, às 19 horas, e nos domingos às 7 horas e 17 horas. Sobre a festa, vale dedicar uma parte especial a ela, que será vista mais à frente.

Os capoeiristas aparecem no horário da noite, não havendo exatamente um padrão de sua aparição. Sabe-se apenas que eles realizam seus treinos no espaço de jogos. Sobre os rappers, assim como os católicos, será falado depois especificamente sobre eles. Apenas vale mencionar aqui que seus encontros ocorriam todas às quartas a noite, mas, dada à pandemia, pararam suas atividades. No croqui 5, é possível observar como toda essa dinâmica territorial ocorre pela manhã, tarde e noite.

¹⁶ O Beco do Miúdo é uma rua localizada ao lado da loja Boticário em Beberibe. O espaço é dividido entre áreas residenciais e comerciais.

Croqui 5 – Dinâmica territorial da Praça da Convenção pela manhã, tarde e noite, Beberibe, Recife, Pernambuco, 2021



Fonte: autor (2021).

Foi possível observar, em relação aos demais horários do dia, que houve uma maior variedade de sujeitos e grupos sociais durante a noite. Durante esse período do

dia, os sujeitos e grupos sociais se distribuíram por quase todo espaço da praça. Constatou-se também que o período matutino e vespertino se diferenciou, respectivamente, pela presença de católicos e aposentados, de um lado, e pela participação dos funcionários do comércio, de outro lado.

Por fim, quanto a apropriação da Praça da Convenção, é possível notar que a espacialidade desses sujeitos e grupos sociais respondem aos equipamentos que fazem uso e da função estratégica de sua localização. Os motoristas de táxi e aplicativo, por exemplo, ocupam o espaço mais próximo aos mercados que atendem, enquanto os jogadores de dominó e dama ocupam o espaço de jogos, pois esse espaço foi criado especificamente para essas atividades.

Após levantar essas informações, é possível realizar algumas considerações. Primeiramente, sobre a dinâmica semanal e diária de uso da Praça da Convenção de Beberibe, Recife/PE. De início, é válido citar Souza (2000), pois suas teorias trazem a concepção de território cíclico. De acordo com ele, o território não é fixo, ele é móvel e varia com o tempo.

Desse modo, quando se fala em território busca-se saber quando e onde ele surge. Foi exatamente isso o que se fez ao identificar os principais sujeitos e grupos de usuários da Praça da Convenção e seus horários e dias de frequência.

No caso da Praça da Convenção, foi observado que vários sujeitos e grupos se apropriam de seu espaço, definindo assim, aquilo que Serpa (2013) chamou de justaposição de territórios. Embora compartilhem o mesmo espaço público, não apresentam ou pouco apresentam interações sociais. Resultando naquilo que o autor chamou de efeitos de classe ou segmentação. Em outras palavras, a segmentação, em nível de intensidade, foi maior que a transversalidade. Como forma de exemplificar isso, vale mencionar o pouco contato estabelecido entre os associados dos jogos de mesa e os moradores de rua.

Além disso, a Praça da Convenção, como espaço público e vivido, é marcada por usos e apropriações variados, sendo, assim, também um território múltiplo (HAESBAERT, 2014). Essas múltiplas territorializações coexistem no espaço da Praça da Convenção, sendo foco de tensões e conflitos. Isso se dá, pois as relações sociais entre os sujeitos e grupos sociais neste espaço implicam em relações de

poder. Essas relações hierárquicas ocorrem, principalmente, entre os grupos marginalizados e não-marginalizados e entre os grupos marginalizados e o Estado.

Por falar em Estado, o controle territorial da Praça da Convenção é realizado em maior grau pelos funcionários públicos da prefeitura, que criam medidas para evitar práticas como o consumo de droga, acúmulo de lixo e venda de mercadorias. Entretanto, mesmo sabendo que essas práticas são proibidas nessa área, os sujeitos continuam a exercer suas atividades e delimitar suas territorialidades, num ato de resistência.

Grupos sociais como catadores de lixos e ambulantes veem esta praça como um espaço capaz de suprir sua demanda de trabalho, seja pela produção de materiais recicláveis ou atendendo o público que utiliza desse espaço, gerando assim uma renda mensal. Já os consumidores de droga veem esta praça como uma localização estratégica. Em busca de contornar o controle estatal anteriormente dito, esses grupos sociais definem territorialidades em certos horários e espaços da Praça da Convenção em que o poder público não atua, como é possível observar no croqui 5.

Por sua vez, os associados dos jogos de mesa apresentam o segundo maior controle territorial. Esse grupo, por utilizar com mais frequência o espaço de jogos e promover sua manutenção, limita que outros usuários possam o utilizar. Como toda desterritorialização, leva uma territorialização (HAESBAERT, 2014), esses outros sujeitos e grupos sociais, buscam outras espacialidades da Praça da Convenção para ocupar. Um claro exemplo disso são os rappers, que, ao serem impedidos de realizarem suas batalhas no espaço de jogos, mudaram a localização dos encontros para o monumento da Convenção de Beberibe.

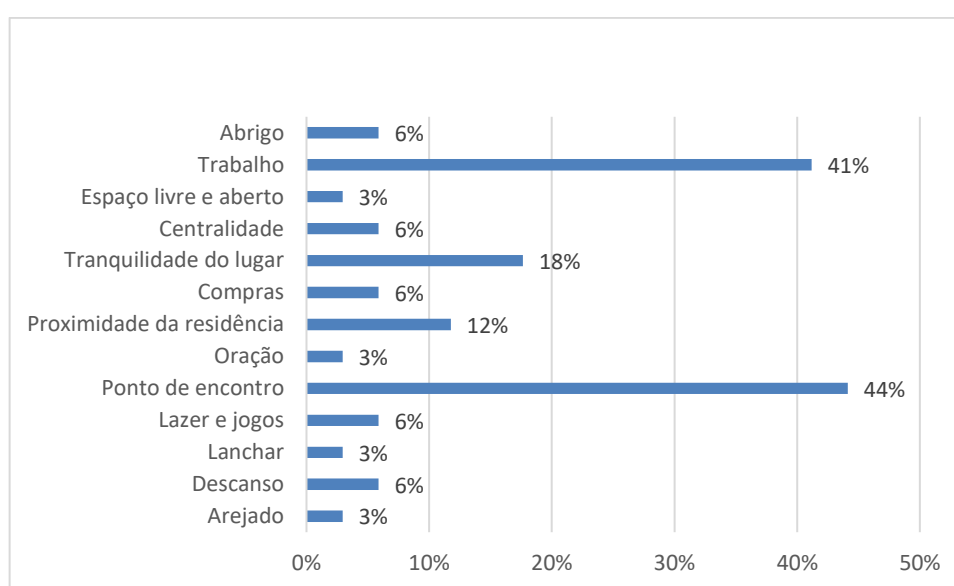
Além do controle, esta praça serve como abrigo, para as pessoas em situação de rua, e fontes de recursos materiais, para os catadores, além de outras finalidades, como será observado no gráfico 9. Ela também apresenta territórios-redes, como o território da prostituição e do tráfico de drogas, e simbólicos, pois apresenta marcas do vivido, representado pelos encontros de jogos de dominó e dama, de ciclismo e dos usuários dos bancos da praça. Há outras territorialidades indicadas no croqui 5, mas, de maneira geral, essas são as principais considerações que podem ser feitas.

Após ter dito tudo isso, será possível visualizar a seguir, por meio de gráficos, os principais motivos que levaram o uso e a apropriação do território da Praça da

Convenção, a frequência em que essas atividades foram realizadas em dias da semana e horários do dia e, por fim, os anos em que esse contato com a praça vem acontecendo. De início, vale apontar para os principais motivos da ida desses sujeitos a praça.

Em peso, pode-se afirmar, de acordo o gráfico 9, que os motivos que mais levam os sujeitos a usarem e se apropriarem do espaço da Praça da Convenção de Beberibe são o trabalho (41%) e o ponto de encontro (44%).

Gráfico 9 – Motivos que levam os frequentadores a visitar a Praça da Convenção, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2021



Fonte: autor. Aplicação de formulários de perguntas, nov. 2021. Nota: Nessa questão do formulário de perguntas, os inquiridos poderiam escolher mais de uma alternativa como respostas.

Trabalhos como motorista de aplicativo e de táxi, catadores de lixo, vendedores ambulantes e vendedoras de bilhetes premiados são exercidos nesse espaço pública. Muito provável que a centralidade desempenhada pelo comercio, seja o fator determinante para o desenvolvimento dessas atividades, tendo em vista a certeza de um público consumidor. A Praça da Convenção é vista como ponto de encontro, principalmente, pelo público que joga dominó e dama e pelos usuários dos bancos da praça.

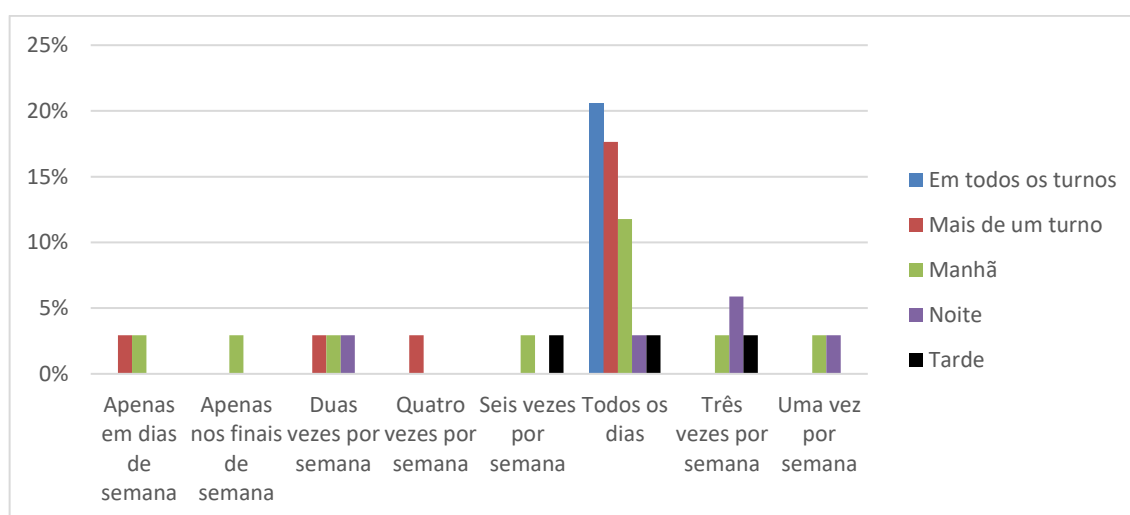
O que permite o desempenho dessa função é a possibilidade de encontrar na Praça da Convenção vizinhos, amigos, familiares e colegas de trabalho. Tendo em vista isso, vale observar os dias da semana e os horários mais visitados pelos usuários.

É possível notar no gráfico 10, que a maioria das pessoas visitam a Praça da Convenção todos os dias da semana, em todos os turnos. Porém, analisando de forma geral, observa-se que o turno da manhã é o mais frequentado.

Quem usa a praça todos os horários do dia, principalmente, são os que trabalham nela, como os motoristas de táxi e aplicativo e as vendedoras de bilhete premiado, e os jogadores de dominó e dama.

Há ainda a possibilidade de comparar os dados encontrados no croqui 4 com as informações obtidas no gráfico 10. Como se pode notar, a dinâmica territorial diária da praça, é marcada pelo maior número de visitantes pela manhã e pela maior variedade de grupos sociais pela noite.

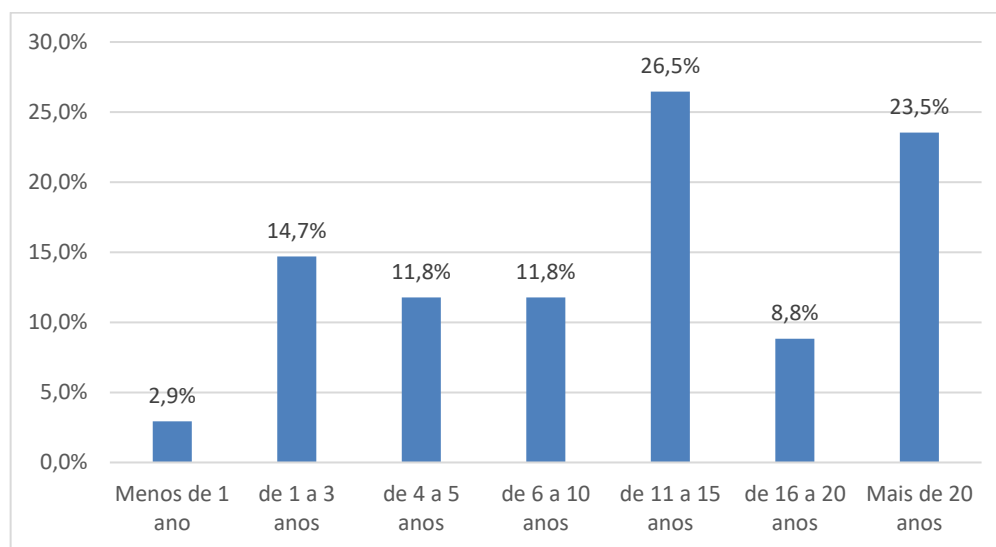
Gráfico 10 – Relação dias da semana e horários do dia dos usuários da Praça da Convenção, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2021



Fonte: autor. Aplicação de formulários de perguntas, nov. 2021.

Já, no gráfico 11, os maiores números representados são correspondentes ao uso da praça de 11 a 15 anos (26,5%) e de mais de 20 anos (23,5%). As pessoas que visitam a praça há de 11 até 15 anos variam de 18 a 60 anos. Enquanto os que a frequentam há mais de 20 anos variam de 30 a 70 anos.

Gráfico 11 – Tempo de uso da Praça da Convenção, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2021



Fonte: autor. Aplicação de formulários de perguntas, nov. 2021.

Tratam-se de pessoas que desde criança visitavam a praça com os pais e idosos que tem muitas histórias guardadas sobre esse espaço.

De maneira geral, nos gráficos 9, 10 e 11, a Praça da Convenção, enquanto espaço público no contexto da cidade do Recife, é revelada como um espaço da possibilidade de encontro e da convivência coletiva. Esse destaque é relevante, pois mostra cenários e práticas que estão em escassez no cotidiano urbano atual. Tendo em vista isso, vale falar sobre os eventos que ocorrem/ocorriam na praça promovidos pelos rappers e católicos detalhadamente.

5.2.1 Batalha da Convenção

Em 1910, Nova York (EUA), graças ao desenvolvimento tecnológico e industrial, passou a ser repaginada, tanto em sua arquitetura, como em sua estrutura urbana. Infelizmente, esse processo veio acompanhado com a privatização dos espaços públicos. Na década de 1970, a crise econômica viria a atingir o espaço público e os bairros operários. Porém, ela foi sentida de maneira diferente pelas classes privilegiadas e não privilegiadas (TELLA, 2000).

Como é de se esperar, é a população mais pobre, especialmente negra e latina, que sofreu mais os impactos da crise e da reestruturação urbana, provocando, assim

abismos sociais e étnicos. Além disso, foi notório a onda de desempregos e fins de algumas profissões. Se não fosse o suficiente, os serviços sociais sofreram corte e isso foi sentido em peso pela população pobre, graças a má distribuição de renda. Não só isso, como a especulação imobiliária levou a essa população pobre, negra e hispânica a viverem em pequenas residências em más condições. Como consequência disso tudo, Nova York foi tomada pelo crime e pelas drogas (TELLA, 2000).

Dado ao descaso público, a insatisfação popular, principalmente, em bairros de maioria negra e latina, como South Bronx, Brooklyn, Queens e Harlem, se alastrou, chegando a ataques de vandalismo durante do blecaute de 1977. Porém, outra forma expressão foi sendo desenvolvida, através da arte, dança e grafite. Diante desse contexto, surge o hip-hop, uma expressão cultural que foi rapidamente apropriada pelos jovens, tendo a tecnologia como sua aliada (TELLA, 2000).

Assim, foi surgindo os primeiros DJ's e MC's, acompanhados dos aparelhos de gravação e toca-discos. Inclusive, foram através de bailes e festas, que surgiram os rappers ou MC's, marcados pela improvisação dos discursos, acompanhadas por um ritmo musical. Por outro lado, também veio à tona um novo estilo visual, através do uso de roupas de marcas. Além disso, a dança break se popularizou (TELLA, 2000).

A cultura do hip-hop, nesse sentido, assume uma importância social e política, ao trazer temas, que, geralmente, eram evitados em letras de música, como injustiças e desigualdades sociais e étnicas e opressão estatal. Fala do homem negro, da prostituição, do uso da droga e das perseguições policiais. Mesmo quando um rapper ganha reconhecimento nacional ou internacional, não esquece de suas origens, a cidade ou o bairro onde viveu (TELLA, 2000).

Tudo isso define esse gênero, que no Brasil inspirou muitos jovens de periferia, primeiramente em São Paulo e, em seguida, graças aos veículos de comunicação, o resto do país (TELLA, 2000). Tendo em vista esse processo histórico da criação da cultura Hip hop e, conseqüentemente, do rap, vale falar como esse estilo musical era exercido na Praça da Convenção.

Foi através da Batalha da Convenção, evento de rap que ocorria todas as quartas-feiras às 19 horas na Praça da Convenção, que a música e a improvisação ocupavam Beberibe. De acordo com o Diário de Pernambuco (2018), há uma

importância política desses encontros, no sentido em que eram promovidos debates sociais importantes, como o impacto da mídia na sociedade e a luta pela causa LGBT. Além disso, a matéria aponta que o evento era marcado pela presença da juventude.

Com isso, é possível pontuar algumas observações. A primeira é a relevância dada aos discursos políticos em espaços públicos. Locais esses, que, de acordo com Arendt (2007), desde a Grécia Antiga, possibilitam o exercício da liberdade de expressão e do choque de opiniões contrárias. O rap, nesse sentido, através de suas rimas e improvisações, consegue trazer temáticas evitadas pela sociedade, que aliás é reflexo da própria desigualdade, cujo porta-voz são os próprios sujeitos que vivem ou já viveram em comunidade. Desse modo, consegue cumprir seu propósito político.

A segunda questão levantada pela matéria é a presença da juventude. Embora o formulário de perguntas foi aplicado ao público maior de idade, não foi percebido, durante as observações, a presença do público adolescente em quantidade expressiva. Claro, que como dito em parágrafos anteriores, a praça chega a ser apropriada por crianças no horário da noite.

Isso mostra como esse evento era importante no sentido de atrair um outro público com outra faixa etária a esse espaço. Não só isso, como comprova que ainda se mantém a afinidade do público jovem ao gênero do hip-hop, como em suas origens. Esse território é marcado pelo espaço vivido e apropriado pelos sujeitos subalternos, onde o valor de uso é mais importante que o valor de troca (HAESBAERT, 2014).

Inclusive, de acordo com a matéria, esses jovens vêm trajados como roupas, adereços e cabelos, que fazem menção ao movimento (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2018). Nesse sentido, manifestam o poder comunicacional dos espaços públicos (GOMES, 2018). Basta olhar as suas vestes, ou ouvir suas gírias e logo é possível indicar a qual grupo pertence.

Além disso, como se observou em campo, a Praça da Convenção é frequentada por 20 a 40 pessoas em dias normais. Porém, de acordo com a matéria, a praça chegava a ser ocupada por aproximadamente 200 jovens (participantes e plateia), valor muito acima do usual (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2018).

Ademais, é dito que havia duas modalidades de batalhas de rap nesses encontros: a batalha de sangue e a batalha de conhecimento. A primeira se baseia em rimas com xingamentos. A segunda, por sua vez, é estruturada por rimas com

letras voltadas às pautas sociais, principalmente por mulheres. Determinando, assim, um recorte de gênero nessas batalhas. Além disso, o rap tem proporcionado a esses jovens uma fonte de renda e um meio de sair da depressão e do mundo das drogas, tanto que uma das condições para participar do evento é não consumir droga no local (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2018).

Embora a Praça da Convenção seja um espaço público aberto e de todos, foi necessário vencer alguns obstáculos para que o evento fosse viável. Dentre essas conquistas, foi possível usar a praça sem o risco de opressão policial; sem ter que pagar a taxa de 90 reais ao município cada vez que fosse organizado um evento, graças a liberação de uso de solo da praça; e com permissão do posto de gasolina de usar o seu banheiro (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2018).

É nesse sentido que o território, como categoria geográfica, entra em discussão, afinal, se está falando de espaço e de poder (HAESBAERT, 2014). Quando, por exemplo, sujeitos de periferia sofrem violência policial, por apenas manifestar sua cultura de rua, não há dúvida que isso tem a ver com a relação de poder. Mais que isso tem a ver com o sentimento de perda territorial (SOUZA, 2000). Porém, lembrando Foucault, a todo poder existe um contrapoder (GALLO, 2004). É através dessas reivindicações de direitos, que os jovens conseguem exercer sua cidadania.

5.2.2 Festa da Nossa Senhora da Conceição de Beberibe

Hino da Nossa Senhora da Conceição

Hoje é festa!

É alegria!

Vamos festejar o dia de Maria!

Essa igreja brilha uma luz!

A padroeira mãe de Jesus!

(Cesar Gusmão)¹⁷

A letra da música acima faz menção a Festa da Nossa Senhora da Conceição de Beberibe. O responsável por sua criação foi Cesar Gusmão, um dos integrantes

¹⁷ Compositor e Membro da Paróquia Nossa Senhora da Conceição.

da Paróquia Nossa Senhora da Conceição. A Festa da Nossa Senhora da Conceição é celebrada no dia 08 de dezembro¹⁸, a partir das 16 horas, e é dividida em dois momentos: a procissão e a missa. De início, é aguardado os fiéis. Geralmente, eles vêm das paróquias vizinhas, como a de São Sebastião, no Alto do Pascoal, e a de São Vicente, em Dois Unidos. Porém, na edição de 2021, contou com católicos de vários bairros: Beberibe, Águas Compridas, Alto do Pascoal, Dois Unidos, Água Fria, Linha do Tiro, Cajueiro, São Benedito, Sairé e Maranguape 2.

A procissão começou com cerca de 100 a 200 fiéis. O roteiro escolhido foi diferente das outras festas. Geralmente, os fiéis seguem em direção ao terminal integrado de Xambá, pela Avenida Presidente Kenedy, e realizam um retorno pela Avenida Beberibe em direção à Praça da Convenção. Dessa vez, preferiram-se fazer o roteiro pela pista nova, caminhando pela Avenida Vinicius de Moraes em direção à Rua Beberibe-Rio, onde é realizado o retorno pela Avenida Beberibe (croqui 6).

¹⁸ A Festa da Nossa Senhora da Conceição ocorre no mesmo dia em que é celebrada a Festa do Morro, 8 de dezembro. Vale ressaltar que a Festa do Morro também é um evento católico voltado a figura da Nossa Senhora da Conceição. Porém, é organizada no Morro da Conceição. Fora que consegue atrair mais fiéis que a festa organização em Beberibe.

Croqui 6 – Procissão da Festa da Nossa Senhora da Conceição de Beberibe, Recife, Pernambuco (2022)



Fonte: Google Earth (2022).

Todo esse trajeto corta bairros como Beberibe, Porto da Madeira e Cajueiro, todos localizados no município do Recife. Ao longo do caminho, mais pessoas se juntaram à procissão, chegando a quase 400-500 pessoas no final do processo. Quem não acompanhava a procissão, observava de perto dos muros, das janelas, das grades e dos portões de casa.

Também contou com dois trios elétricos, animando os fiéis com músicas católicas, de uma ponta a outra da procissão. Por sua vez, a Autarquia de Trânsito e Transporte Urbano do Recife (CTTU) ficou responsável pelo controle do fluxo de veículos. Além disso, teve a presença da imagem da santa, sendo levada por um

carro. De maneira geral, pode-se dizer que a apropriação desse novo roteiro, criou um novo geossímbolo¹⁹.

Voltando a Beberibe, foi organizada uma missa, que ocorreu a noite toda. Além das barracas, organizadas pela própria paróquia, os mercados se mantiveram abertos até tarde, a espera de possíveis consumidores. Também esteve presente os ambulantes. Porém, não foram os mesmos que frequentam a praça diariamente.

Fora isso, foi montado um palco em frente à Paróquia Nossa Senhora da Conceição, onde o espetáculo foi presenciado pelos fiéis na Praça da Convenção, tendo trechos da Rua Uriel de Holanda e da Avenida Beberibe interditados pela CTTU, impedindo a circulação de carros e motos. A noite foi marcada por muitos louvores, orações e palavras de fé. Porém, encerra com a eucaristia.

O que se pôde notar, diante de toda essa segunda etapa do evento, foi a falta de bancos. Embora numerosos, os bancos presentes na praça não foram o suficiente para um público tão grande. Desse modo, os fiéis tiveram que improvisar, usando cadeiras de plásticos da própria paróquia, sentando na base do monumento da Convenção de Beberibe, nas cercas, no meio-fio e encostando nos bicicletários.

Porém, nem todos preferiram se sentar, alguns optaram por ficar em pé. Enquanto os adultos fixavam seus olhares na missa, as crianças brincavam no pula-pula colocado no ponto central da praça. Mostrando, assim, que é possível ter um espaço de recreação infantil nesse ambiente. Porém, deve-se ter em mente que essa é uma situação atípica. Pois, não se está falando mais em uma via de circulação de carros, pondo em vista a restrição feita pela CTTU.

O público usual da praça continuou a usá-la, uns participando do evento, como os usuários dos bancos da praça, outros desempenhando suas atividades normais, como os jogadores de dominó e dama.

Quando a rua, local de preferência de circulação de carros, passa a ser usada como espaço de procissão, ocorre uma nova forma de apropriação espacial, além daquela pensada pelos arquitetos e urbanistas (MENDONÇA, 2007).

¹⁹ “Um geossímbolo pode ser definido como um lugar, um itinerário, uma extensão que, por razões políticas, religiosas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade” (BONNEMAISON, 2002, p. 109).

A praça também passou por esse processo, quando os fiéis na ausência de bancos pensaram em outras formas de utilização dos equipamentos da praça. Além disso, de acordo com que foi exposto, ficou claro a relação simbólica da paróquia com o território da praça, sendo local de devoção a Nossa Senhora da Conceição.

5.3 Tensões e conflitos entre os sujeitos e grupos sociais

Depois de discutir sobre a identificação dos sujeitos e grupos sociais, vale agora apontar alguns casos de tensões e conflitos relatados pelos entrevistados.

Não há tensão entre os motoristas de táxi e de aplicativo. Isto porque, embora não organizados em associação, conseguem lidar com a concorrência entre si, dada a estratégia de listar em um caderno a ordem de passageiros por motorista. Quem fica responsável por essa tarefa recebe uma comissão de cada motorista. Porém, em relação aos motoristas de outros pontos, há sim uma tensão. Principalmente, quando pegam seus clientes.

Os catadores também não apresentam uma associação e nem se reconhecem como um grupo. Na verdade, agem individualmente, coletando seus recursos e dando prioridade aos primeiros que chegarem. A ideia da associação, de acordo com um dos entrevistados, facilitaria bastante na obtenção de uma maior renda. Ele até citou a experiência dos catadores do bairro da Encruzilhada, que vem garantindo êxito em sua associação.

Porém, se de um lado não há conflito e tensões entre eles, de outro há tensões e conflitos entre os catadores e o poder público. O primeiro elemento simbólico dessas disparidades são os agentes públicos que tiram fotografias diárias do local em horários aleatórios e os enviam para a prefeitura. Se a condição da praça estiver aceitável, nada acontece. Porém, caso o contrário, há duas possibilidades, ou os agentes se dirigem aos responsáveis pela sujeira do ambiente e pedem que retirem seus materiais recicláveis acumulados, ou solicitam as forças coercivas do Estado. De acordo com relatos, os agentes variam bastante suas condutas, ora extremas, ora pacíficas. Vale destacar que essas tensões e conflitos perduram há um longo tempo, adicionando, assim, uma complexidade a essa temática.

Outro alvo desses agentes são os ambulantes. Afinal, não é permitido a venda de produtos na praça. Mesmo assim, os ambulantes criam estratégias de venderem seus produtos. Definem o intervalo de tempo em que geralmente aparecem os agentes e buscam operar em horários sem fiscalização.

Porém, há outros que preferem correr o risco. É o caso de uma vendedora que atende o público do dominó e dama de forma fixa e outro que atende o público da praça em geral, mas sempre circulando com sua carroça para não ser pego. Fora os ambulantes, há as vendedoras de bilhetes premiados, que operam na praça sem ameaça do poder público. Não há uma clara explicação para isso.

Há tensões também entre o poder público e os consumidores de drogas. Como dito anteriormente, as câmeras de vigilância são usadas como fonte de provas em casos de abuso de autoridade policial durante o enquadramento. A força policial, por sua vez, geralmente, coloca seu veículo ou no posto de gasolina ou no Mercado Público de Beberibe. Nesses locais, observa o movimento da praça e interfere quando há ocorrência de atos criminosos e ações proibidas pela lei, como o consumo de drogas.

Outro foco de tensão está relacionado aos associados dos jogos de mesa. Isso está relacionado ao controle territorial do espaço de jogos. Esse local é visado também por outros grupos. A exemplo, dos rappers, que organizavam seus encontros nele. Porém, suas presenças não eram bem-vindas pelos associados, pois viam, nesses jovens, pessoas “drogadas e sem futuro”.

Essa visão (discriminatória) induziu a discussão entre os dois grupos, o que levou aos encontros de rap serem organizados em outro espaço da praça, próxima ao monumento da Convenção de Beberibe. Posteriormente, isso despertou outra tensão, desta vez com os membros da igreja católica. O motivo alegado foi o barulho gerado em seus encontros. O resultado foi a pausa definitiva dos batalhas na praça. Claro que essa é uma das versões da história. Para as pessoas que faziam parte de seus encontros, a suspensão das batalhas de rap foi dada apenas por causa da pandemia do coronavírus.

Quanto aos capoeiristas e aos moradores de rua, observa-se a seguinte situação. Não há conflitos e tensões entre capoeiristas e jogadores de dominó e dama. Os capoeiristas, mesmo utilizando o mesmo espaço dos associados, não interferem

na dinâmica dos jogos de mesa, pois seus encontros são espaçados e treinam em horários após o encerramento dos jogos. Com os moradores de rua, algo parecido acontece. Mesmo não sendo desejados, são vistos como sujeitos pacíficos, incapazes de realizar algum mal. No dia-a-dia, todos desempenham suas atividades lado-a-lado, porém não estabelecendo contato entre si.

Os usuários dos bancos da praça se sentem incomodados pela presença dos moradores de rua e dos “drogados”. Para alguns deles, seria necessária uma intervenção pública, para que esses sujeitos deixassem frequentar a praça, seja por meio do fechamento do local em grades e portões, ou através de vigilantes.

Além dessas anteriores, existem tensões entre os membros da igreja evangélica e católica. Embora não presenciada, foi relatado por um membro da associação, que já houve reuniões feitas por evangélicos na Praça da Convenção, com intuito de criticar o modo como é pregado a fé católica, ressaltando o culto às imagens. Logo após isso, os membros das igrejas discutiram sobre essas atitudes e as reuniões deixaram de ocorrer.

Todos esses exemplos ajudam a entender que o espaço público, ambiente aberto e de todos, não é perfeito, pois é marcado por disputas de interesses entre os sujeitos e grupos sociais (GOMES, 2018). Isso estabelece uma relação hierárquica entre os sujeitos e grupos sociais, que é mantida através do poder, da força, da autoridade ou da violência (SOUZA, 2000).

5.4 Pandemia e sua relação com o espaço público

Ao longo desse capítulo foram identificados os principais grupos e sujeitos que utilizam da Praça da Convenção, seu perfil socioeconômico e as tensões e conflitos existente entre eles. Agora, vale falar brevemente sobre a COVID-19. Busca-se explicar quando ela surgiu, sua repercussão mundial, quais foram as estratégias de medidas restritivas para combater o vírus, como ela impactou na dinâmica social e na relação dos sujeitos e grupos sociais com os espaços públicos, em especial, a Praça da Convenção de Beberibe, Recife/PE.

De acordo com Barbosa e Soares (2021), o SARS-CoV-2, o que hoje passou a se chamar coronavírus, começou como um alerta da OMS de supostos casos de

pneumonia em massa na cidade de Wuhan, província de Hubei, na China. Ao notar que se tratava de uma outra doença com grande potencial de proliferação a nível mundial, a OMS alertou ao mundo da existência de uma pandemia.

Tendo isso em vista, foi preciso pensar em estratégias de combate ao coronavírus. Dentre as primeiras medidas realizadas, é possível mencionar o isolamento e distanciamento social, a suspensão das aulas presenciais em instituições de ensino, em todos os níveis, e a restrição de operação às atividades essenciais (BARBOSA; SOARES, 2021).

Tudo isso, pelo menos em teoria, tinha como objetivo gerar uma diminuição do número de mortes e contaminações. Porém, na prática, o Brasil não seguiu todas essas medidas a risco, resultando no alto índice de mortes e contaminações. Se isso não bastasse, as pessoas ainda se viam presas ao seu antigo normal, quando podiam sair às ruas e se aglomerar. Infelizmente, nesse contexto, a crise política brasileira apenas dificultou o combate ao coronavírus. Embora a mídia tenha enfatizado a expressão “fique em casa”, o governo federal enfatizou a expressão “fique em casa se puder” (BARBOSA; SOARES, 2021).

Ribeiro et al (2020) complementa essa ideia de medidas de prevenção, ao falar que tem se abordado bastante em noticiários e publicações científicas sobre a importância de lavar as mãos, manter o distanciamento social e usar máscaras. Apesar da população, em grande parte, ter adotado as duas primeiras medidas, a última continua sendo negligenciada.

Vale lembrar que essas produções acadêmicas feitas por Barbosa e Soares (2021) e Ribeiro et al (2020) tiveram como base o ano de 2020, período em que as políticas de combate ao vírus ainda estavam em construção, como também foi um momento em que as relações sociais eram mais estreitas, dada as políticas severas de contenção ao vírus.

Por outro lado, em 2021, quando foi realizada esta pesquisa, houve o segundo ano de enfrentamento a Covid-19. Foi nesse período que aconteceu a segunda onda do novo coronavírus no Brasil, o colapso do sistema de saúde em diversas regiões do país, a aparição de novas variantes do vírus, bem mais transmissíveis que anterior

(gama, delta e, mais atualmente, a ômicron) e o avanço da campanha de vacinação contra o vírus em questão (INSTITUTO BUTANTAN, 2021).

Em relação a esse último caso, o G1 (2022), com base nos dados do Consórcio de veículos de imprensa, apontou que 69,29% da população brasileira recebeu uma ou duas doses do imunizante, enquanto, em Pernambuco, 66,92% da população recebeu a aplicação da primeira ou segunda dose.

Esse ano também foi marcado pela oferta da dose de reforço e pelo retorno de certas atividades presenciais, embora com a permanência de medidas restritivas (INSTITUTO BUTANTAN, 2021). Todo esse processo fez com que cerca de 95% da média móvel de óbitos desde o pico da pandemia caísse (GOVERNO FEDERAL, 2021).

Nesse sentido, vale falar um pouco sobre a relação entre os sujeitos e os grupos sociais com os espaços públicos em tempos de pandemia. No início da pandemia, tornou-se comum a frase “fique em casa!”. O seu intuito era reduzir a propagação do coronavírus, principalmente em espaços comuns, sejam eles, públicos ou privados, capazes de gerar aglomerações. Para que isso fosse possível, foi dado a ordem de limitar o acesso e as atividades em espaços públicos (NECA, 2020).

Diante desse quadro, após meses de isolamento, o cenário doméstico passou a ser cansativo, as opções de lazer foram diminuindo, os serviços do trabalho passaram a ser executados em casa e os desequilíbrios emocionais e os problemas sociais, como depressão, suicídio e violência domésticas, se afluíram (NECA, 2020).

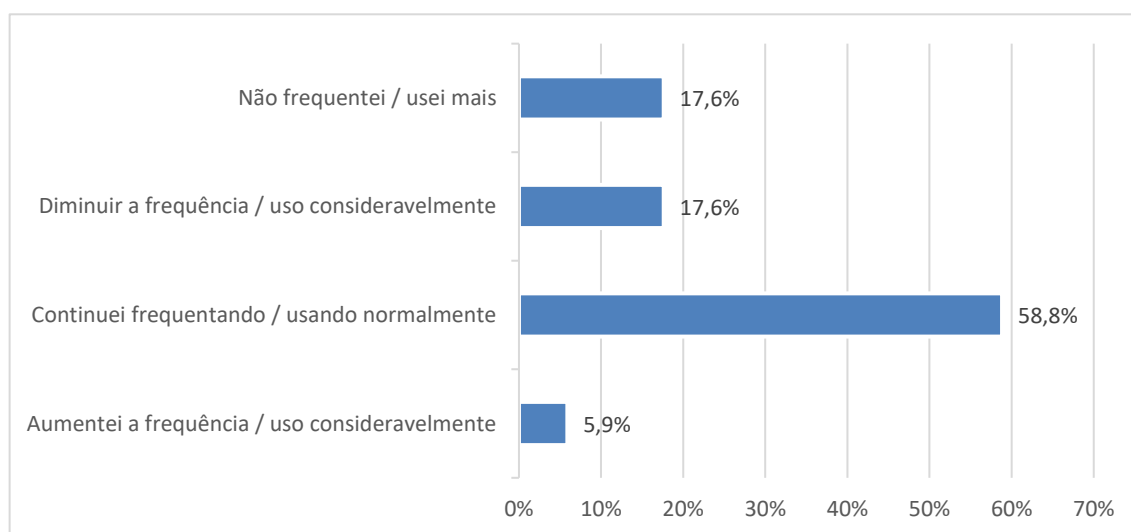
Como consequência, as pessoas saíram de suas casas em busca de espaços públicos, como praças e parques, ou espaços privados, como bares, shoppings centers e centros de lazer e comércio. Isso fez com que algumas pessoas desrespeitassem o isolamento social, como também negassem a pandemia. Os espaços públicos, em especial, foram visados tendo em vista seus equipamentos de lazer, que propiciaram a sensação de equilíbrio e bem-estar a quem os utilizaram, além de permitirem uma melhor saúde mental e física (NECA, 2020).

Com a abertura gradual do comércio, estima-se que as pessoas tendam a evitar locais com grandes aglomerações, sejam em eventos ou em espaços públicos (A

VIDA NO CENTRO, 2021). Tendo em vista tudo isso, resta agora comentar sobre a Praça da Convenção de Beberibe em tempos de pandemia. Primeiramente, será destacado o período de março de 2020 a julho de 2021, tendo em vista a fase mais rígida da pandemia. Depois será falado sobre o uso da Praça da Convenção a partir de novembro de 2021, período quando o formulário foi aplicado.

Os dados mostrados no gráfico 12 apontam que grande parte dos usuários continuaram a visitar a praça e utilizar de seus equipamentos mesmo com as políticas de isolamento social. Isso comprova o que foi dito por Neca (2020) a respeito do uso de ambientes públicos na pandemia e das situações desgastantes dos domicílios após meses de confinamento. Essas questões, inclusive, foram evidenciadas nas falas dos entrevistados, que apontavam para a monotonia do dia-a-dia e a necessidade de ir à praça para quebrar sua rotina.

Gráfico 12 – Frequência dos usuários da Praça da Convenção, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2020-2021



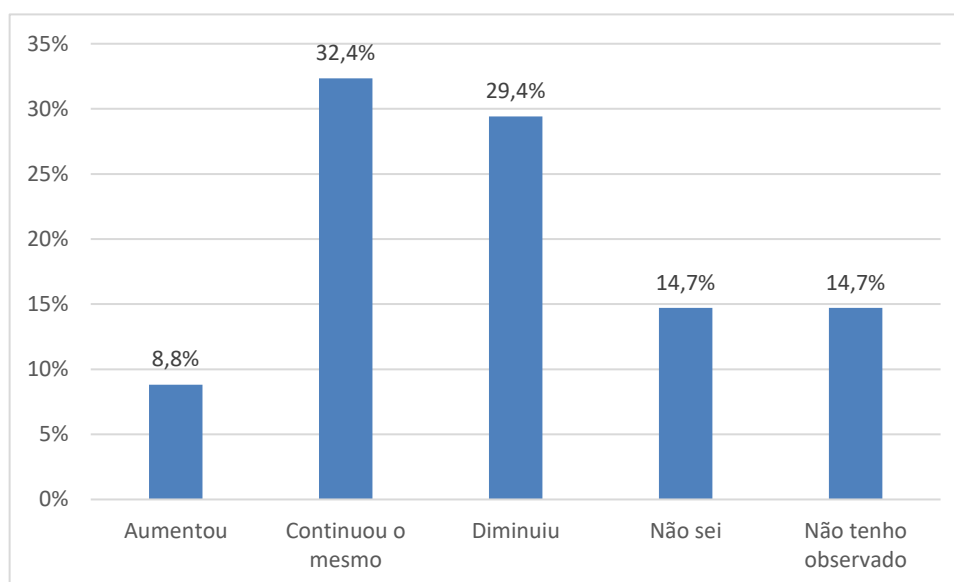
Fonte: autor. Aplicação de formulários de perguntas, nov. 2021.

No gráfico 13 é revelado que a circulação de pessoas, no período de março de 2020 a julho de 2021, continuou a mesma para alguns usuários (32,4%), mas para outros diminuiu (29,4%), respectivamente. Essa disparidade se deve as variáveis dias visitados na semana e horário frequentado. O que realmente importa entender é que isso está relacionado a Psicologia Ambiental (SANTOS; SANTOS, 2021).

É muito provável que esse espaço público tenha sido enxergado de maneira diferente nos dois casos. No primeiro, a pandemia não é vista como uma barreira ao uso do espaço público. No segundo, a pandemia transmite uma sensação de medo e insegurança aos usuários, o que provoca a redução do número de visitantes.

Além disso, é pertinente considerar a variável precarização socioeconômica. Muitas pessoas necessitavam e necessitam sair de casa para sobreviver. Isso explica, em parte, o alto número de frequentadores durante o período mais rígido da pandemia representado no gráfico 12 e 13.

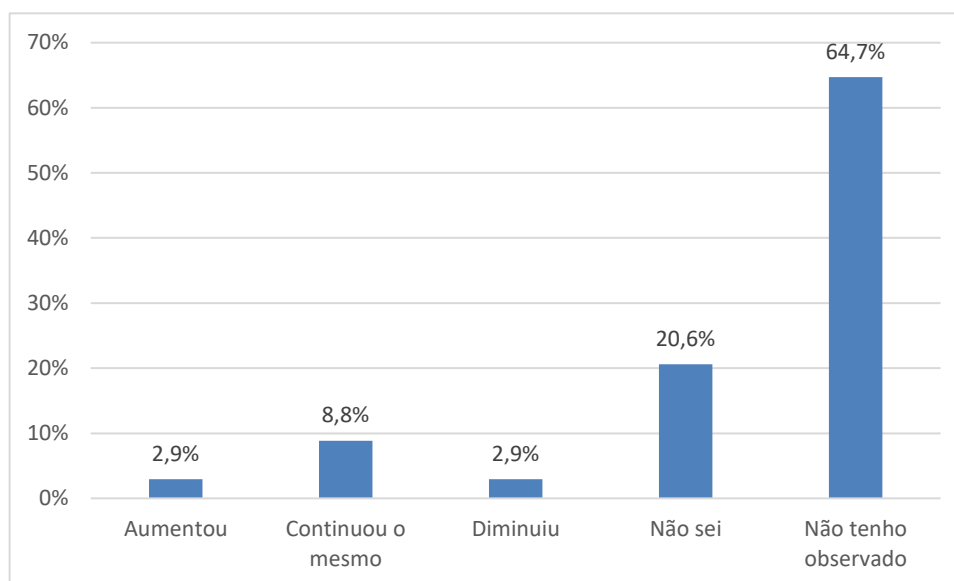
Gráfico 13 – Circulação de pessoas na Praça da Convenção, segundo a percepção de seus usuários, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2020-2021



Fonte: autor. Aplicação de formulários de perguntas, nov. 2021.

No gráfico 14, a maioria dos usuários da praça respondeu que não observou a realização de atividades físicas no período de março de 2020 a julho de 2021 (64,7%). De fato, não houve. De acordo com os entrevistados, a população preferiu usar a nova pista, que interliga os bairros de Dois Unidos e Beberibe como espaço de exercício físico. Realmente, é um ambiente propício para esse tipo de atividade, pois, como visto em campo, as largas calçadas e ciclovias, possibilitam a prática de caminhadas e passeio de bicicleta, respectivamente. Quase todo dia, tem uma pessoa ou outra fazendo caminhada e/ou passeio de bicicleta por lá.

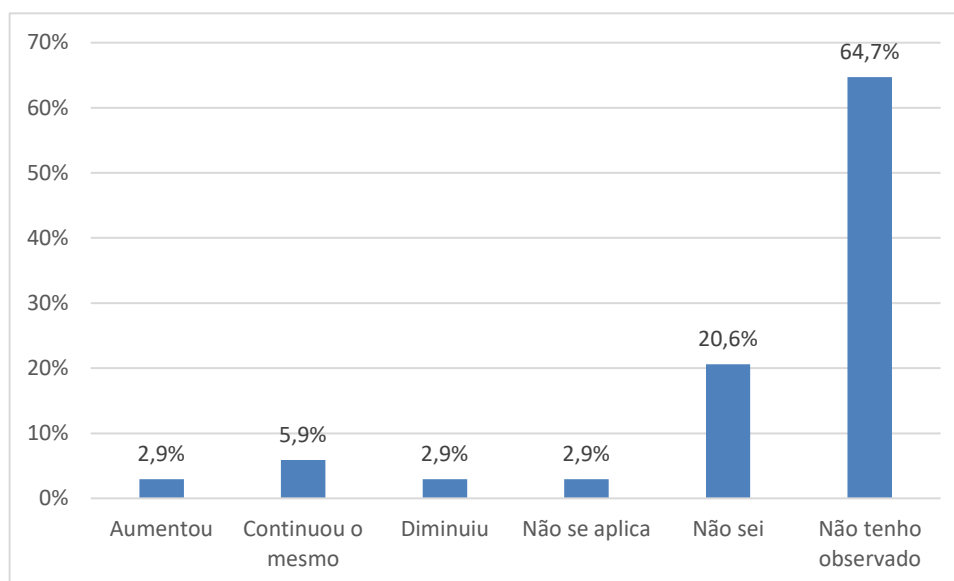
Gráfico 14 – Atividades físicas na Praça da Convenção, segundo a percepção de seus usuários, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2020-2021



Fonte: autor. Aplicação de formulários de perguntas, nov. 2021.

Algo parecido se repete com as atividades artísticas e culturais, a maioria dos entrevistados (64,7%) relataram não haver manifestações artísticas entre o período de março de 2020 a julho de 2021 (gráfico 15). Os eventos realmente foram descontinuados durante a pandemia, como o carnaval, festas religiosas e batalhas de rap.

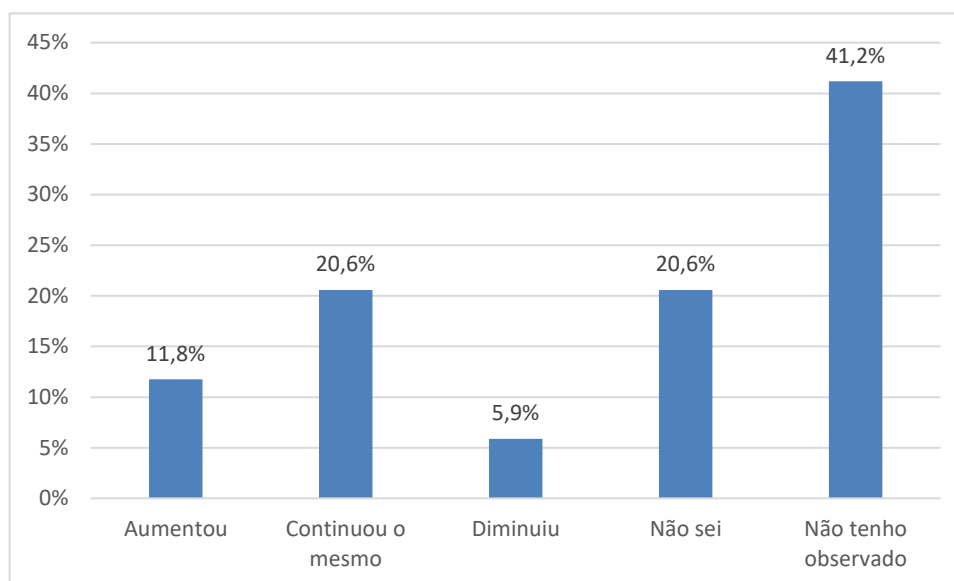
Gráfico 15 – Manifestações artísticas na Praça da Convenção, segundo a percepção de seus usuários, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2020-2021



Fonte: autor. Aplicação de formulários de perguntas, nov. 2021.

No gráfico 16, o resultado obtido em relação a presença de ambulantes na praça aponta para 41,2% como não tenho observado. A bem da verdade, isso é bem possível. Como visto em campo, há um controle intenso dos agentes públicos quanto a presença de ambulantes no local. É muito provável que com o advento da pandemia, em sua fase mais rígida, esse controle foi redobrado.

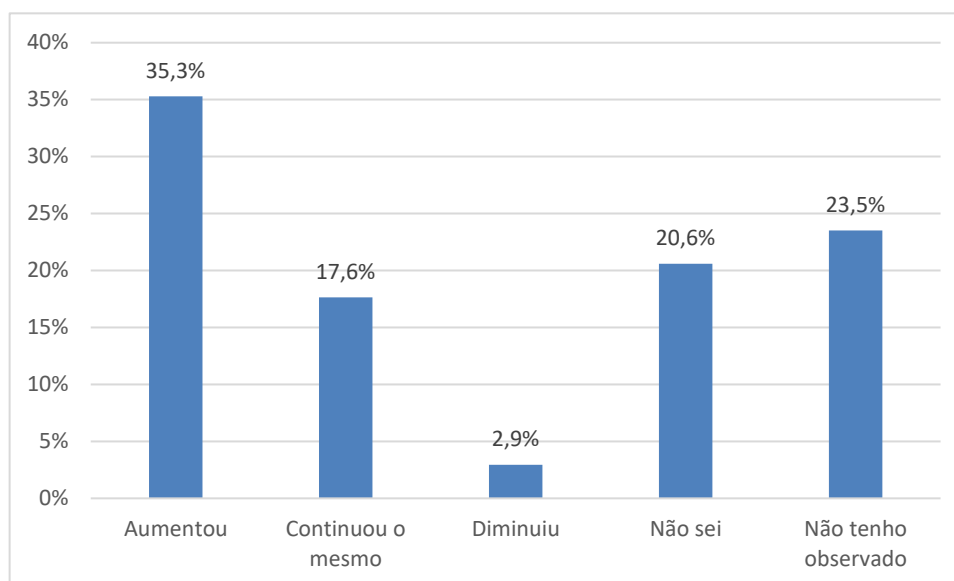
Gráfico 16 – Presença de ambulantes na Praça da Convenção, segundo a percepção de seus usuários, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2020-2021



Fonte: autor. Aplicação de formulários de perguntas, nov. 2021.

Diferente dos casos anteriores, os dados apontam para um aumento do número de moradores de rua no período entre março de 2020 a julho de 2021 (gráfico 17). Isso é um dado preocupante, pois justamente são essas populações vulneráveis, as mais afetadas pelo vírus (EXAME, 2021). Para um morador de rua, por exemplo, se torna difícil manter constante a higienização de suas mãos e usar máscaras limpas, ações mínimas para evitar o contágio do vírus.

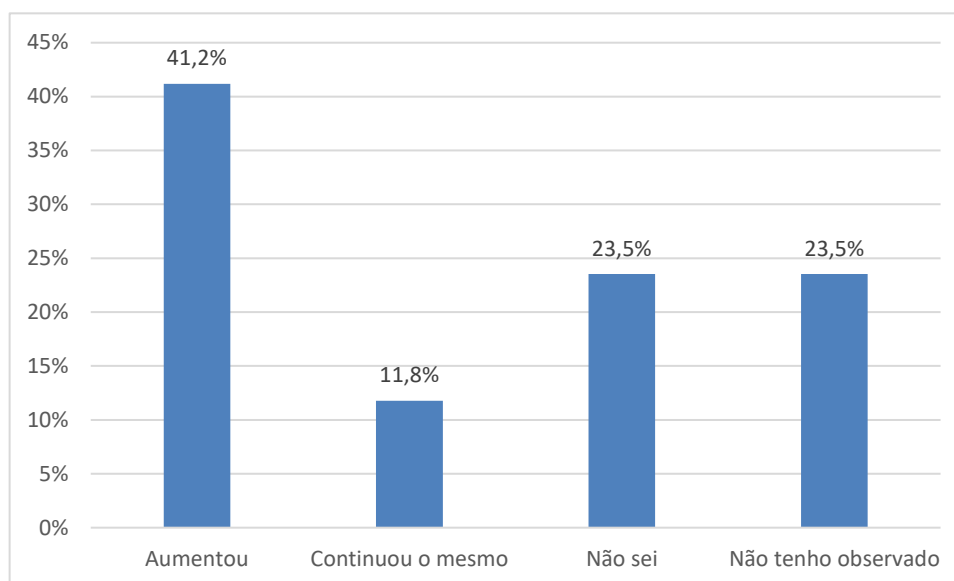
Gráfico 17 – Presença de moradores de rua na Praça da Convenção, segundo a percepção de seus usuários, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2020-2021



Fonte: autor. Aplicação de formulários de perguntas, nov. 2021.

No gráfico 18, observa-se também um aumento de catadores no período de março de 2020 a julho de 2021 (41,2%). A praça, nesse sentido, permaneceu como espaço estratégico para eles, mesmo no auge da pandemia, tendo em vista que o comércio continuou a operar, porém com algumas restrições, quanto ao horário de funcionamento e venda de produtos essenciais. Desse modo, ainda continuou a produzir lixos.

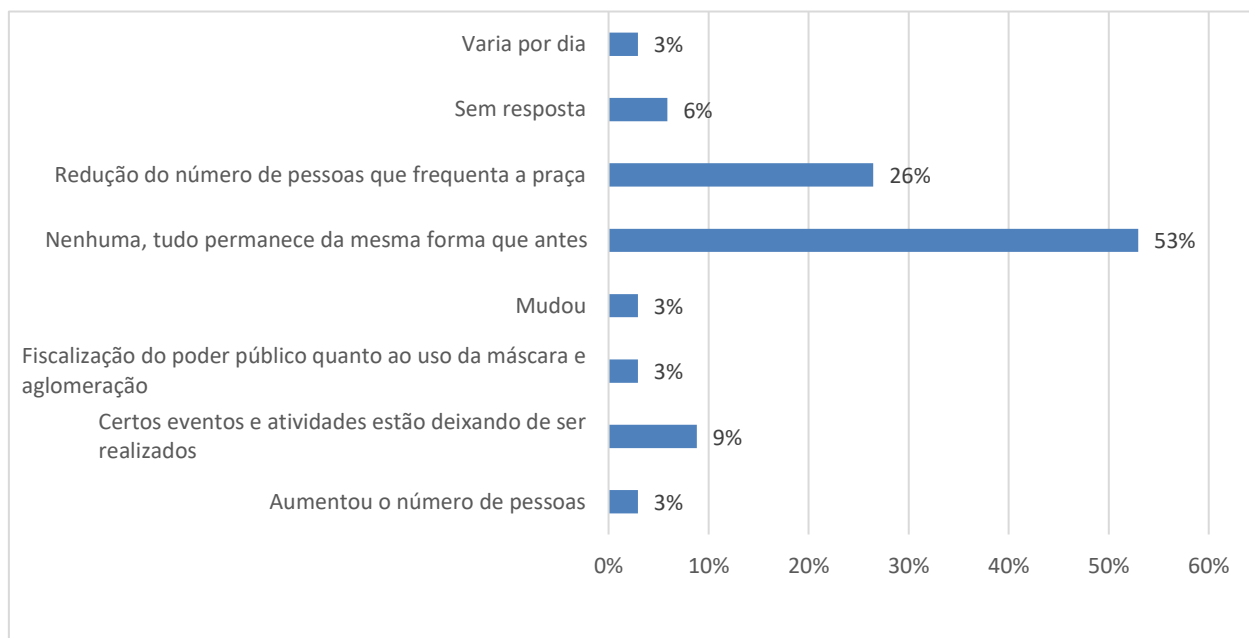
Gráfico 18 – Presença de catadores de lixo na Praça da Convenção, segundo a percepção de seus usuários, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2020-2021



Fonte: autor. Aplicação de formulários de perguntas, nov. 2021.

Sobre as mudanças ocorridas na dinâmica de uso e apropriação da Praça da Convenção a partir de novembro de 2021, 53% dos inquiridos afirmaram que tudo permaneceu da mesma forma (53%), como pode ser observado no gráfico 19.

Gráfico 19 – Possíveis mudanças da dinâmica de uso e apropriação da Praça da Convenção, segundo a percepção de seus usuários, Beberibe, Recife, Pernambuco – 2021



Fonte: autor. Aplicação de formulários de perguntas, nov. 2021. Nota: Nessa questão do formulário de perguntas, os inquiridos poderiam escolher mais de uma alternativa como respostas.

De fato, à primeira vista, parece que não existe pandemia no local. As pessoas, em sua maioria, não usam máscaras e nem respeitam o distanciamento social, em exceção os idosos. As máscaras apenas foram observadas em uso, quando algum desses sujeitos e grupos sociais tinham que entrar em um estabelecimento fechado, onde houve a obrigatoriedade do uso delas.

Além disso, não foi observado nenhuma fiscalização do poder público quanto às medidas sanitárias no período de observação do campo. Dada ao avanço da campanha de vacinação contra o coronavírus, os eventos também voltaram a ocorrer, como o da Festa da Nossa Senhora da Conceição, porém nem todos retornaram, como foi o caso da Batalha da Convenção.

Como foi visto anteriormente, na subseção caracterização dos sujeitos e grupos sociais, os usuários da Praça da Convenção, de maneira geral, apresentam um perfil socioeconômico de uma população pobre, que recebe um salário de até 1 salário mínimo. Diante dessa condição, como deixa a entender França (2018), com pouco poder aquisitivo, as opções de lazer são reduzidas.

A Praça da Convenção, nesse sentido, possibilita a eles a um ambiente acessível (COSTA; LEMOS, 2012). Porém, com a pandemia e a necessidade do isolamento social, os espaços públicos passaram a sofrer restrições de acesso e atividades (NECA, 2020).

Por mais que os lares pudessem suprir essa função social de lazer, através da televisão e da internet (FRANÇA, 2018), em algum momento tudo isso se torna monótono e limitado. Como consequência, os usuários passaram a desrespeitar as medidas restritivas de isolamento social e voltar a frequentar a Praça da Convenção, com objetivo de quebrar sua rotina (NECA, 2020).

Nela, os sentimentos de medo e insegurança são substituídos pela sensação de bem-estar e qualidade de vida (SANTOS; SANTOS, 2021). Desse modo, a Praça da Convenção consegue cumprir novamente sua função social no contexto urbano, sendo espaço de atividades de lazer e recreação e local de encontros (LIMA, 2008).

A delimitação desse espaço social, mesmo em pandemia, também dá significado a vida de bairro (HALLEY, 2014). Tudo isso que foi falado demonstra a complexidade que é analisar o uso e apropriação das praças públicas sob a ótica da pandemia. Por isso, essa análise não pode se limitar apenas a esta pesquisa. No mais, vale falar sobre as considerações finais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, constatou-se que a Praça da Convenção não é apenas visitada por um grupo homogêneo de idosos, aposentados e jogadores de dominó e dama, como está no imaginário popular de quem passa rapidamente em Beberibe apenas para fazer compras. No entanto, isso não quer dizer que receba também um grupo variado de frequentadores. Há, inclusive, espaços no Recife com maior variedade de sujeitos e grupos sociais, como, por exemplo, o Marco Zero.

Além disso, ao analisar os grupos que foram identificados, se chegou a outra conclusão: que uma parcela deles é composta por grupos marginalizados, como ambulantes, catadores de lixo, pessoas em situação de rua, consumidores de droga, garotas de programa e rappers vindos da periferia.

Ademais, por meio do levantamento das características dos usuários da Praça da Convenção, foi constatado uma forte desigualdade socioeconômica, expressa pelo alto quantitativo de sujeitos que apresentaram pouca escolaridade, baixa renda mensal e trabalhos informais. Suponha-se que a escolha da Praça da Convenção como espaço de convivência tenha relação com sua acessibilidade a todas as condições financeiras e pelo comércio que oferece demanda de serviços a empregos autônomos.

Foi possível entender também que a Praça da Convenção não é único espaço público do Recife e nem mesmo a única opção de lazer e de uso coletivo. O que mostra, por sua vez, a importância de entender o contexto que abarca o objeto estudado, isto é, o bairro de Beberibe e o município de Recife.

Os equipamentos ofertados pela Praça da Convenção também não são os mais variados em relação às outras praças do contexto do bairro de Beberibe e do município de Recife. Essa condição limita as possíveis práticas que poderiam ser realizadas em seu ambiente. Embora dito isso, durante a realização da pesquisa, foi possível identificar atividades, que foram feitas mesmo sem infraestrutura própria para sua atuação.

Além disso, observou-se ao longo da pesquisa, principalmente, na subseção *Atendimento das necessidades, melhorias e implementações*, que a Praça da Convenção é mal-cuidada, expressa pelos lixos espalhados no chão, bancos sem

manutenção e falta de irrigação do seu suposto gramado. Nesse sentido, cabe ao poder municipal, enquanto órgão responsável por sua administração, incluir em seu projeto paisagístico uma melhoria das infraestruturas da Praça da Convenção de Beberibe.

Ao acompanhar essas atividades realizadas na Praça da Convenção por seus usuários, houve a oportunidade de registrar a relação entre sujeitos e grupos sociais, sua dinâmica territorial semanal e diária e seus conflitos e tensões.

Foi percebido também que a pandemia de Covid-19 não impediu que a maioria dos usuários da Praça da Convenção continuassem a usar esse espaço público como local de encontros e de trabalho, mesmo sendo declarado o isolamento social. Isso não quer dizer que a pandemia não tenha afetado a ocorrência de eventos e o funcionamento do comércio do entorno. Notou-se ainda que nem todos cumprem as medidas de restrição de contágios. O uso da máscara, por exemplo, não foi observado de forma constante em campo.

Além dessas principais constatações da pesquisa, foram feitas algumas descobertas. Foi visto, por exemplo, que a Praça da Convenção já passou por várias transformações em seu espaço e em sua função. Reconheceu-se a sua importância histórica, como localização onde houve a emancipação política de Pernambuco do governo português, 11 meses antes do grito do Ipiranga. Atentou-se também para a disponibilidade de pontos de internet em espaços públicos do Recife, capazes de estabelecer novas relações espaciais entre seus usuários.

Somado a isso, percebeu-se também a importância da pista nova na prática de atividades físicas de lazer, como caminhadas e passeios de bicicleta. Reparou-se ainda o pequeno número do público feminino na Praça da Convenção. Além disso, constatou-se o relativo abandono da Praça da Convenção pelo poder público.

Fora que se notou a modificação da dinâmica de uso e apropriação da Praça da Convenção em eventos e datas comemorativas. Sem contar que foi identificado uma zona de conflito entre o poder público e os feirantes na ponte que interliga os bairros de Beberibe e São Benedito. Por fim, foi possível registrar o novo roteiro da procissão da Festa da Nossa Senhora da Conceição.

Tendo em vista toda pesquisa realizada é possível dizer que ainda há espaço para aprofundamentos. Não foi capaz de acompanhar de perto, por exemplo, o

território da prostituição e do tráfico de drogas no contexto do bairro de Beberibe. Outra sugestão para futuras pesquisas é trazer o recorte de gênero, orientação sexual, identidade de gênero, cor e idade na análise do uso e apropriação de praças públicas.

Cabe também explorar mais afundo sobre a história da Praça da Convenção e do bairro de Beberibe. Um conselho é explorar essa temática a partir de relatos de moradores antigos. Ainda há formas dentro do bairro de Beberibe que merecem ser estudadas, como o Mercado Público de Beberibe e a Paróquia Nossa Senhora da Conceição. No mais, vale explorar o conflito existente entre os comércios formais e informais.

REFERENCIAS

A VIDA NO CENTRO. **Nova relação com o espaço público é uma das tendências para 2021, aponta estudo a vida no centro**. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://avidanocentro.com.br/cidades/nova-relacao-com-o-espaco-publico/>. Acesso em: 11/01/2021.

ALVES, Glória da Anunciação. A produção do espaço a partir da tríade lefebvriana concebido/percebido/vivido. **GEOUSP**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 551-563, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/163307>. Acesso em: 05/04/2021.

ALVES, Rahyan de Carvalho; Deus, José Antônio Souza de. O não-lugar e as paisagens do medo: nuances topofóbicas. **Revista Eletrônica Georaguaia**, Mato Grosso, v. 4, n. 1, p. 70-82, 2014. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/geo/article/view/4874>. Acesso em: 09/09/2021.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2007.

BARBOSA, Ivone Garcia; SOARES, Marcos Antônio. Educação infantil e pobreza infantil em tempos de pandemia no Brasil: existirá um “novo normal”? **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 23, n. especial, p. 35-37, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/79044>. Acesso em: 05/04/2021.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Geografia Cultural**: um século (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Art. 6º. São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. Brasília: Governo Federal, 2016. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_15.12.2016/art_6_.asp. Acesso em: 05/04/2021.

BRASIL. **Lei de nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Art. 3º. Para fins de aplicação desta Lei, consideram-se: I - acessibilidade: possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao

público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida. Brasília: Estatuto da Pessoa com Deficiência, 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 29/12/2021.

BRASIL. **Lei de nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Art. 8º É dever do Estado, da sociedade e da família assegurar à pessoa com deficiência, com prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à sexualidade, à paternidade e à maternidade, à alimentação, à habitação, à educação, à profissionalização, ao trabalho, à previdência social, à habilitação e à reabilitação, ao transporte, à acessibilidade, à cultura, ao desporto, ao turismo, ao lazer, à informação, à comunicação, aos avanços científicos e tecnológicos, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, entre outros decorrentes da Constituição Federal, da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo e das leis e de outras normas que garantam seu bem-estar pessoal, social e econômico. Brasília: Estatuto da Pessoa com Deficiência, 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 29/12/2021.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. 1. ed. São Paulo: Edusp, 2000.

CAMPOS, Hernani Loebler. O Rio Beberibe e sua importância para o abastecimento de água da Região Metropolitana do Recife – RMR: uma perspectiva histórica. **Clio – Série Revista de Pesquisa Histórica**, Recife, v. 26, n. 1, p. 238-256, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/24203/29060>. Acesso em: 26/12/2021.

CASTRO, Iná Elias de. Espaços públicos como espaços políticos: o que isso quer dizer? **Geografares**, Espírito Santo, [s/l], n. 26, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/20997>. Acesso em: 05/04/2001.

CHOAY, Françoise. A natureza urbanizada, a invenção dos “espaços verdes”. **Proj. História**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 103-106, 1999. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10980>. Acesso em: 05/04/2021.

COMISSÃO ECONÔMICA PARA A AMÉRICA LATINA E O CARIBE. **Estratégia Itaú Unibanco para o Big Push da mobilidade urbana**. Santiago: CEPAL, 2020.

CONDEPE FIDEM. **Institucional - apresentação**. Recife, [s/d]. Disponível em: <http://www2.condepefidem.pe.gov.br/web/condepe-fidem/apresentacao3;jsessionid=E5A457547B6E973A4344CF2A906E2B91.jvm3i1>. Acesso em: 26/12/2021.

CONDEPE FIDEM. **O PROMETRÓPOLE no contexto da Bacia do Rio Beberibe**. Recife, [s/d]. Disponível em: <http://www2.condepefidem.pe.gov.br/web/condepefidem/historico3>. Acesso em: 26/12/2021.

COSTA, Fernando Donizete; LEMOS, Fábio Ricardo Mizumo. Praças enquanto espaço de lazer: percepções sobre o centro e a periferia. **EFDeportes.com**, Bueno Aires, v. 17, n. 175, p. 1-12, 2012. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd175/pracas-enquanto-espaco-de-lazer-percepcoes.htm>. Acesso em: 05/04/2021.

CULTURA PE. **Festival de Inverno da Várzea anima Recife no sábado (29)**. Recife, 2015. Disponível em: <http://www.cultura.pe.gov.br/canal/culturapopular/festival-de-inverno-da-varzea-anima-o-recife-no-sabado-29/>. Acesso em: 28/12/2021.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Movimento utiliza rap para promover debates sociais em Beberibe**. Recife, 2018. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2018/07/movimento-utiliza-o-rap-para-promover-debates-sociais-em-beberibe.html>. Acesso em: 08/01/2022.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Mulheres ainda são as mais prejudicadas pelo excesso de trabalho doméstico**. Recife, 2021. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/opiniao/2021/04/mulheres-ainda-sao-as-mais-prejudicadas-pelo-excesso-de-trabalho-domes.html>. Acesso em: 07/01/2022.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **O tributo que o Recife não deve**. Recife, 2020. Disponível em: <http://www.impresso.diariodepernambuco.com.br/noticia/cadernos/opiniao/2020/03/o-tributo-que-o-recife-nao-deve.html>. Acesso em: 26/12/2021.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Salve a Convenção!**. Recife, 2020. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/opiniao/2020/10/salve-a-convencao.html>. Acesso em: 27/12/2021.

EXAME. **Desigualdade social em tempos de pandemia**. [s/l], 2021. Disponível em: <https://exame.com/blog/regina-esteves/desigualdade-social-em-tempos-de-pandemia/>. Acesso em: 13/01/2022.

FIGUEIREDO, Roberta de Melo. **Territórios noturnos de vidas “impuras”**: prostituição e territorialidade travesti em Governador Valadares – MG. 2009.

Monografia (Bacharelado em Geografia) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2009.

Fórum Nacional de Entidades Metropolitanas. **Região Metropolitana do Recife (PE)**. São Paulo, [s/d]. Disponível em: <https://fnembrasil.org/regiao-metropolitana-de-recife-pe/>. Acesso em: 26/12/2021.

FRANÇA, Jessika Paiva. **Espaços públicos de lazer e cidade**: desdobramentos em Belém-PA, o caso orla portal da Amazônia. 2018. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

FUNDAJ. **Beberibe (Bairro, Recife)**. Recife, 2021. Disponível em: <https://pesquisaescolar.fundaj.gov.br/pt-br/artigo/beberibe-rio-e-bairro-recife/>. Acesso em: 24/12/2021.

G1. **Mapa da vacinação contra Covid-19 no Brasil**. São Paulo, 2022. Disponível em: <http://especiais.g1.globo.com/bemestar/vacina/2021/mapa-brasil-vacina-covid/>. Acesso em: 27/01/2022.

G1. **Prefeitura decide aterrar fonte de ponto turístico após moradores de rua utilizarem local para tomar banho**. Tocantins, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2021/05/11/prefeitura-decide-aterrar-fonte-de-ponto-turistico-apos-moradores-de-rua-utilizarem-local-para-tomar-banho.ghtml>. Acesso em: 17/12/2021.

GALLO, Sílvio. Repensar a Educação: Foucault. **Educação & Realidade**, [s/l], n. 29, v. 1, p. 79 - 97, 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25420>. Acesso em: 09/09/2021.

GERHARD, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. 1. ed. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2009.

GESTÃO AMBIENTAL DO RECIFE. **Praça da Convenção**. Recife: Prefeitura do Recife, [s/d]. Disponível em: http://www.recife.pe.gov.br/especiais/meioambiente/espacos_livres_convencao.php#:~:text=A%20Pra%C3%A7a%20da%20Conven%C3%A7%C3%A3o%2C%20no,1821%2C%20e%20a%20institui%C3%A7%C3%A3o%20de. Acesso em: 05/04/2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995. Disponível em:

<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/38200>. Acesso em: 16/01/2022.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Espaço Público, Espaços Públicos. **GEOgrafia**, Niterói, v. 20, n. 44, p. 115-119, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/27557>. Acesso em: 09/09/2021.

GOVERNO FEDERAL. **Retrospectiva 2021: as milhões de vacinas Covid-19 que trouxeram esperanças para o Brasil**. Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2021-1/dezembro/retrospectiva-2021-as-milhoes-de-vacinas-covid-19-que-trouxeram-esperanca-para-o-brasil>. Acesso em: 11/01/2021.

HALLAL, Pedro C. *et al.* Avaliação do programa de promoção da atividade física Academia da Cidade de Recife, Pernambuco, Brasil: percepção de usuários e não-usuários. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 70-78, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/79mMF9DvqzxwqSHF6NQP6Rs/?lang=pt>. Acesso em: 29/12/2021.

HALLEY, Bruno Maia. O bairro e os enredos do lugar. **Geograficidade**, Recife, v. 4, n. 1, p. 43 - 57, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12888>. Acesso em: 10/11/2021.

HERTZBERGER, Herman. **Lições de arquitetura**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Amostra - Pessoas com Deficiência**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Características étnico-raciais da população: classificações e identidades**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Regiões de Influência das Cidades 2018**. Rio de Janeiro, IBGE, 2020.

INSTITUTO BUTANTAN. **Retrospectiva 2021: segundo ano da pandemia é marcado pelo avanço da vacinação contra Covid-19 no Brasil**. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/retrospectiva-2021-segundo-ano-da-pandemia-e-marcado-pelo-avanco-da-vacinacao-contra-covid-19-no-brasil>. Acesso em: 11/01/2022.

JORNAL DO COMÉRCIO. **Nova ponte, avenida e ciclovia. Bacia do Beberibe, no Recife, muda de cara.** Recife, 2021. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/mobilidade/2021/07/12618963-nova-ponte-avenida-e-ciclovia-bacia-do-rio-beberibe-no-recife-muda-de-cara.html>. Acesso em: 18/12/2021.

JORNAL DO COMÉRCIO. **Rio Beberibe, que corta Recife e Olinda, agoniza há anos, enquanto moradores lutam por sobrevivência.** Recife, 2021. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/pernambuco/2021/10/13020729-rio-beberibe-que-corta-recife-e-olinda-agoniza-ha-anos-enquanto-moradores-lutam-por-sobrevivencia.html>. Acesso em: 28/12/2021.

LEFEBVRE, Henri. **A Produção do Espaço.** 4. ed. Paris: Anthropos, 2000.

LEFEBVRE, Henri. **A re-produção das relações de produção.** 1. ed. Porto: Anthropos, 1973.

LIMA, Letícia; SILVA, Leonardo Xavier da; FORNO, Marlise Amalia Reinehr Dal. A evolução dos conceitos de território/territorialidade no contexto do desenvolvimento rural. **Caderno de Estudos Interdisciplinares**, v. 1, n. 1, p. 1-11, 2014.

LIMA, Thiago Hernandes de Souza. As praças: história, usos e funções. **Revista de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Unimar**, São Paulo, v. 1, n. 12, p. 97-110, 2008. Disponível em: <http://ojs.unimar.br/index.php/estudos/article/view/801>. Acesso em: 05/04/2021.

MENDONÇA, Eneida Maria Souza. Apropriações do espaço público: alguns conceitos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Lisboa, v. 7, n. 2, p. 296-306, 2007. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/10926/8628>. Acesso em: 05/04/2021.

NARCISO, Carla Alexandra Filipe Narciso. Espaço público: ação política e práticas de apropriação. **Conceitos e procedências. Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Lisboa, v. 9, n. 2, p. 265-291, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/9102/7486>. Acesso em: 05/04/2021.

NECA, Bruno Rodrigues. Ficar em casa ou ocupar os espaços de lazer ao ar livre? Reflexões e possibilidades para uma apropriação segura dos diferentes espaços públicos de lazer em tempos de pandemia. **Licere**, Belo Horizonte, v. 23, n. 4, p. 471-509, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/26703>. Acesso em: 11/01/2021.

OLIVEIRA, José Clovis Pereide de; *et al.* O questionário, o formulário e a entrevista como instrumentos de coleta de dados: vantagens e desvantagens do seu uso na pesquisa de campo em ciências humanas. *In: Congresso Nacional de Educação*, 3, 2016. **Anais [...]**. Natal: Editora Realize, 2016.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. O Papel da Geografia Diante da Pandemia da Covid-19. **BOCA**, Boa Vista, v. 3, n. 7, p. 80-84, 2020. Disponível em: <https://www.agb.org.br/covid19/2020/12/12/o-papel-da-geografia-diante-da-pandemia-da-covid-19/>. Acesso em: 05/04/2021.

PREFEITURA DO RECIFE. **História**: ancoradouro de navio e ideias. Recife, [s/d]. Disponível em: <http://www2.recife.pe.gov.br/pagina/historia>. Acesso em: 23/12/2021.

PREFEITURA DO RECIFE. **PROMETRÓPOLE**. Recife, [s/d]. Disponível em: <https://www.recife.pe.gov.br/pr/sanear/prometropole.php>. Acesso em: 26/12/2021.

PREFEITURA DO RECIFE. **Wifi Conecta Recife**. Recife, [s/d]. Disponível em: <http://www2.recife.pe.gov.br/servico/wifi-conecta-recife>. Acesso em 16/12/2021.

RIBEIRO, Julival *et al.* Novo normal? O Uso de Máscaras na Pandemia de Covid-19. **Saúde e Inovação**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 1-21, 2020. Disponível em: <https://saudeinovacao.com/index.php/revista/article/view/19>. Acesso em: 05/04/2021.

SANTOS, Gleidson Jordan dos; SANTOS, Larissa Medeiros Marinho dos. Reflexão sobre a relação pessoa-ambiente e os espaços públicos em tempos de Pandemia de COVID-19. *In: ZAGO, Maria Cristina (org.). Saúde Mental no Século XXI Indivíduo e Coletivo Pandêmico*. Editora Científica Digital: [s/l], 2021.

SANTOS, Karine da Silva; *et al.* O uso da triangulação múltipla como estratégia de validação em estudo qualitativo. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s/l], v. 25, n. 2, p. 655 – 664, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/kvr3D7Q3vsYjrFGLNprpttS/?lang=pt>. Acesso em: 19/11/2021.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 6. ed. São Paulo: Record, 2001.

SANTOS, Robson dos. Jovens e adultos com baixa escolaridade, oferta de EJA e desigualdades nas chances de conclusão do ensino fundamental e médio. **Caderno de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais**, [s/l], v.1, n.1, p. 143-174,

2018. Disponível em:

<http://cadernosdeestudos.inep.gov.br/ojs3/index.php/cadernos/article/view/1006>.

Acesso em: 09/01/2022.

SCHMID, Christian. A Teoria da Produção do Espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. **GEOUSP**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 89-109, 2021.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74284>. Acesso em: 05/04/2021.

SECRETARIA EXECUTIVA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. **População em situação de rua**. Recife: Secretaria Executiva de Assistência Social, 2019.

SERPA, Angelo. Microterritórios e segregação no espaço público da cidade contemporânea. **Cidades**, v. 10, n. 17, p. 61-75, 2013. Disponível em:

<https://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/3235>. Acesso em: 09/09/2021.

SILVA, Tamires Pereira. Análise espacial e avaliação de vulnerabilidade socioeconômica para os Crimes Violentos Letais Intencionais (CVLI) no Estado de Pernambuco. **Geingá**, Maringá, v. 7, n. 2, p. 60-77, 2015. Disponível em:

<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Geoinga/article/view/49312>. Acesso em: 29/12/2021.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. *In*: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

TELLA, Marco Aurélio Paz. **Atitude, Arte, Cultura e Autoconhecimento: o rap como voz da periferia**. 2000. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Antropologia, Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de Pesquisa**. 2. ed. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2013.